



RIMI

Revista Internacional de Missiologia
International Journal of Missiology
Revista Internacional de Misiología

A Revista Internacional de Missiologia – RIMI é um periódico científico eletrônico e impresso, de acesso e distribuição gratuitas, na área Missiológica e Teológica do Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM fundado pela Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE.

Quero doar

<https://amide.org.br/doacoes/>

Apoie a Amide na propagação do
Evangelho de Jesus aos povos não
alcançados.

Se torne um parceiro na obra missionária.

Missões são realizadas com pés que vão,
joelhos dobrados e mãos doadoras.

A Revista Internacional de Missiologia – RIMI é uma publicação do CEAM/AMIDE. A Associação Missionária para Difusão do Evangelho – AMIDE fundou o Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM com o objetivo de oferecer um sólido preparo teológico, missiológico e de desenvolvimento de caráter cristão. O CEAM oferece cursos de graduação e pós-graduação:

- curso livre de graduação em Teologia e Missiologia, presencial e a distância;
- curso livre de mestrado em Missiologia presencial, acadêmico e profissional; e
- curso de especialização em Missiologia oferecido em parceria com a Faconnect, com reconhecimento pelo Ministério da Educação do Brasil – MEC.

Esse preparo visa atender à urgência de levar aos Povos Não Alcançados (PNAs) as Boas-Novas que nos foram oferecidas por Jesus e destinadas a todos povos e nações do mundo.

A RIMI tem sido, portanto, um valioso instrumento acadêmico e missionário para o qual você pode contribuir, seja divulgando, seja enviando seu artigo ou relato missionário para publicação. Este trabalho é de caráter voluntário e realizado em parceria com instituições acadêmicas de formação em Teologia e Missiologia, tanto nacionais quanto internacionais.

Missionária Ana Maria de Castro Carneiro Costa

Presidente da AMIDE

 rimi.amide@gmail.com

Revista Internacional de Missiologia – RIMI

É permitida a reprodução total ou parcial desta publicação, desde que citada a fonte

A Revista Internacional de Missiologia - RIMI é um periódico científico eletrônico e impresso do CEAM / AMIDE na área Missiológica e Teológica. Oferece acesso gratuito e recebe trabalhos em fluxo contínuo para publicação de artigos científicos e de relatos de experiência missionária.

Conselho Editorial

Alessandro Borges Tatagiba
Ana Maria de Castro Carneiro Costa
Geane Estevam da Silva
Jane Farias Chagas Ferreira
João Eder Graebin
Loide de Melo Araújo Silva
Maruilson Souza
Michael Alves Lins

Gestão Executiva

Geane Estevam da Silva

Gestão do Site

Michael Alves Lins

Revisão Português

Alessandro Borges Tatagiba
Geane Estevam da Silva
Jacqueline Siqueira Moura
Loide de Melo Araújo Silva
Luís Antônio de Moura
Regina Martins
Ronaldo Santiago
Tania Aquino Morais
Viviane Teixeira Matos

Núcleo Comunicação

Adriano Weasley
Felipe Santiago
Giovanna Gomes
Murillo Rezende
Regine Cruz
Sâmela Oliveira

Revisão Inglês

Alessandro Borges Tatagiba
Barbara Burns

Revisão Espanhol

Alessandro Borges Tatagiba

Revista Internacional de Missiologia: RIMI / Associação para a difusão do Evangelho - AMIDE. n.3 (Maio 2025) - Brasília:Associação para a difusão do Evangelho, 2025 - .

1 Recurso Online: il.

Continuação de: Revista Internacional de Missiologia : RIMI

Título abreviado: Rev.Int.Missio.

Sigla da publicação: RIMI

Títulos, resumos e textos em português, inglês e espanhol.

1.Missiologia 2.Evangelização. I. Associação para a difusão do Evangelho. II. Título: Revista Internacional de Missiologia : RIMI . III. Rev. Intern. Misso
Ficha catalográfica

Chácara Yahveh Shamah, Rodovia DF250 Km6, 5km,
Distrito Federal, Brasil, CEP:73.255-010

Região dos Lagos, Sobradinho,
+55(61)99322-3640

RIMI

2025
nº3

Conselho Científico

Alessandro Borges Tatagiba
Associação Missionária para Difusão do Evangelho

Barbara Helen Burns
Seminário Juvep – Teologia e Missões

Bruno Costa
Associação Missionária para Difusão do Evangelho

Charles Timothy Carriker
Centro de Estudos Avançados em Missões

Edenis Cesar de Oliveira
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Geane Estevam da Silva
Associação Missionária para Difusão do Evangelho

Geruza De Souza Graebin
Centro de Estudos Avançados em Missões

Jane Farias Chagas Ferreira
Universidade de Brasília

João Eder Graebin
Centro de Estudos Avançados em Missões

Loide de Melo Araújo Silva
Centro de Estudos Avançados em Missões

Luís Antônio de Moura
Centro de Estudos Teológicos Lloyd David Sanders

Luiz Fernando Sirotheau Serique Junior
Universidade de Brasília

Maruilson Souza
Seminário Teológico do Exército de Salvação em Maputo – Moçambique

Nancy Araújo de Lima
Centro de Estudos Avançados em Missões

Editorial

Missionário Alessandro Borges Tatagiba – PhD

A Revista Internacional de Missiologia – RIMI reúne neste número textos sobre temáticas diversificadas com o objetivo de enriquecer a atuação teológico-missionária e o amplo debate nas correlatas linhas de pesquisa acadêmica.

A reunião desses textos neste terceiro número da RIMI leva-nos, sobretudo, a glorificar a Deus por Sua graça e amor por uma razão muito singela: “porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.” (Rm. 11:36).

Imbuídos dessa convicção, a forma graciosa e amorosa com a qual Deus proveu tudo – desde a publicação do primeiro número até a atual – se revelou de diversas formas, em todas etapas. Foram incansáveis nessas etapas, por exemplo, os esforços do Conselho Editorial, do Conselho Científico e de cada voluntário que se empenhou na revisão linguística, na diagramação, na comunicação, no suporte tecnológico e do site da RIMI.

Os leitores, portanto, nesta edição da RIMI encontrarão artigos científicos e relatos de experiência missionária, com os quais poderão, inclusive, concatenar perspectivas teóricas e práticas missionárias. Por conseguinte, espere-se um frutífero diálogo com as produções científicas da comunidade acadêmica e, igualmente, com as reflexões e ações dos envolvidos no trabalho missionário.

SUMÁRIO

A missiologia como uma prática pedagógica nas igrejas locais: fundamentos de uma pedagogia redentiva e missional	8
Manuel João Mungulume	
O imperioso desafio da obra inacabada	21
Onésimo Martins de Castro	
“Sem santidade não há serviço”	34
Regina Martins da Silva	
Ensaio sobre missiologia e teologia: campos distintos, porém inseparáveis	41
Maruilson Souza	
Atuação de profissionais de saúde no trabalho missionário	48
Clarice Lima	
Reflexões bíblicas e práticas sobre supervisão pastoral no campo missionário	56
Igor de Sousa Vale	
Reverse cultural shock and re-entry of missionary kids	75
Jessica Guimarães de Mesquita Buck Lage	

A MISSIOLOGIA COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS IGREJAS LOCAIS: FUNDAMENTOS DE UMA PEDAGOGIA REDENTIVA E MISSIONAL

MISSIOLOGY AS A PEDAGOGICAL PRACTICE IN LOCAL CHURCHES: FOUNDATIONS OF A REDEMPITIVE AND MISSIONAL PEDAGOGY

Manuel João Mungulume¹

RESUMO

O trabalho tem como objetivo propor e reorientar uma Escola Bíblica Dominical (EBD) nas igrejas locais voltada para missões. A escolha deste objetivo decorre do seguinte problema: “vivemos numa época em que quase não se fala, não se destaca e nem se evidencia a temática missional nas escolas bíblicas dominicais, com raras exceções, essa temática é mencionada em cultos específicos sobre missões, parte dos cultos ou na semana de missões”. Como procedimentos metodológicos, utilizam-se a revisão de literatura e uma sucinta reflexão teórica sobre a importância do ensino de missões nas igrejas locais. Dentre as referências teóricas mobilizadas neste trabalho, destacamos: Piper (2019); Goheen (2019); Carriker (2021); Kaiser (2016); Hendricks (2015) e Queiroz (1991), considerando que estes autores defendem uma igreja local engajada em missões e com uma formação consistente, constante e eficaz, o que vai ao encontro da proposta levantada nesta discussão. Assim, defendemos missões como uma temática contínua e que deve soar constantemente no âmbito de ensino, treinamentos, formação de líderes ou em quaisquer momentos das EBDs. Como resultado, o trabalho destaca que as escolas bíblicas dominicais devem se tornar em centro ou projeto de formação para missões, isto é: a EBD como projeto missional. Isso significa que é imperioso que a igreja local se torne num centro pedagógico-didático-missional, o que denominamos nesta análise como uma EBD missional contínua e permanente. Assim, esperamos de certa forma contribuir e convocar cada um de nós, cristãos, e cada igreja local, para o grande projeto das missões locais e globais.

Palavras-chave: missões; igreja local; pedagogia redentiva e missional.

¹ Doutor em Educação junto ao Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE. Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências FFC UNESP/Campus de Marília. Mestrando em Missiologia no Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM – AMIDE, Brasília – DF. Possui graduação em licenciatura no ensino de Filosofia com habilitações em ensino de História pela Universidade Pedagógica – Moçambique. Possui Pós-Graduação Lato-Sensu pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP (2023). Diretor e presidente da Escola Bíblica Dominical (EBD) na Igreja Batista de Moçambique – Cidade da Beira. Tem experiência na área de Teologia e Missões; Educação Cristã e os fundamentos da ética cristã. Atua como professor de Filosofia e Filosofia da Educação. E-mail: mjmungulume@gmail.com / Celular: (14) 99 810-5445

ABSTRACT

The aim of this study is to propose and reorient a Sunday School in local churches focused on missions. The decision to focus on this objective stems from the observation that the subject of missionary work is seldom addressed, emphasized, or featured in Sunday schools. With rare exceptions, this theme is mentioned in specific services about missions, part of the services or during the mission's week." Methodological procedures include a literature review and a theoretical reflection on the significance of teaching missions in local churches. Among the theoretical references mobilized in this study, we highlight: Piper (2019); Goheen (2019); Carriker (2021); Kaiser (2016); Hendricks (2015) and Queiroz (1991), considering that these authors defend a local church engaged in missions and with consistent, constant and effective training, which is in line with the proposal raised in this discussion. Thus, we defend missions as an ongoing theme that should constantly be present in teaching, training, leadership development, or at any time during Sunday School. As a result, the work highlights that Sunday Schools should become a center or training project for missions, that is: Sunday School as a missional project. This means that it is imperative that the local church becomes a pedagogical-didactic-missional center, which we call in this analysis a continuous and permanent missional Sunday School. Thus, we hope to somehow contribute and call each one of us, Christians, and each local church, to the great project of local and global missions.

Keywords: missions; local church; redemptive and missional pedagogy.

NÃO SE DEVE ESPERAR EXCLUSIVAMENTE O MÊS DE MISSÕES PARA SE FALAR DE MISSÕES

Um das características primordiais de uma igreja saudável é evidenciada por missões. Isso ocorre quando a igreja local se torna geradora de outros pontos de propagação e divulgação do reino, alcançando, assim, almas incessantemente (Manuel João Mungulume).

Este artigo contém resultados de pré-projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no Centro de Estudos Avançados em Missões – Ceam, na Associação Missionária para Difusão do Evangelho – Amide. Logo, o projeto estabelece uma série de perguntas e reflexões para serem estudadas nas igrejas locais; algumas dessas perguntas vão direcionar e orientar este artigo, como:

- qual a importância de propor e reorientar uma Escola Bíblica Dominical – EBD voltada para missões nas igrejas locais?
- qual deve ser o lugar da temática missional nas EBDs?
- qual a importância de se estabelecer um discipulado e uma pedagogia missional voltada para a EBD?

Essas perguntas decorrem do objetivo proposto para este trabalho e naturalmente ponderam e evidenciam a importância de formação missionária no contexto das igrejas locais. Assim, a influência de uma educação missionária

toma uma ação significativa para uma igreja que obedece ao legado de Cristo, o IDE. Trata-se da difusão e da preservação de uma obediência pura e genuína (Mt 28:19-20).

Na perspectiva de John Piper (2019), Deus é apaixonadamente comprometido com a fama de seu nome e com ser adorado por todos os povos do mundo. Isso não é egomania, porém, trata-se de um amor puro, genuíno e legítimo. Nesse sentido, as missões de alcance global significam unir-se a Deus em paixão por amar as nações, oferecendo-se a elas para a alegria transbordante do seu louvor (Piper, 2019, p. 103).

Com base nesse entendimento, o artigo busca reorientar uma educação teológica para missões, sobretudo nas escolas bíblicas dominicais como centro de atenções. Missões começam e terminam com a glória de Deus, ou seja, missões é a exaltação de um evangelho que glorifica a Deus em todos os sentidos.

Nesta reflexão defendemos a tese de que a igreja local é a principal responsável tanto pelo envio de missionários quanto pela própria tarefa de fazer missões. Assim, é da inteira responsabilidade das igrejas locais se ocuparem e se preocuparem com o ensino de missões, aumentando, assim, o desejo por elas no coração dos seus membros.

A Bíblia está repleta de princípios e de conselhos práticos para encher o nosso coração de paixão e amor pelas missões. Ainda Piper (2019) colabora nessas reflexões com a sua célebre frase que conota a adoração como combustível de missões: “missões existem porque adoração não existe” (Piper, 2019, p. 103).

Missão é uma celebração constante e contínua, e a igreja local é um lugar de missões comunitárias, urbanas e mundiais. A missão no mundo é nossa responsabilidade, sua responsabilidade e responsabilidade da igreja.

Por fim, este artigo tem o propósito de contribuir e ajudar a todos os educadores cristãos que se propõem a influenciar e melhorar o ensino de missões na igreja local. Assim, urge a necessidade de uma pedagogia missional nas EBDs, pois, para uma experiência com Deus, requer-se um preparo didático-pedagógico adequado, que aqueça a nossa alma pelas missões. Isso significa que vivemos numa era propícia a que as igrejas locais comecem a abordar missões como tema central nas escolas bíblicas dominicais, isto é, não se deve esperar exclusivamente o mês de missões para se falar de missões.

MISSÕES COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Precisamos de uma pedagogia para o ensino de missões nas igrejas?

Segundo Hendricks (2015), para haver ensino eficaz é preciso conhecer bem a matéria e os alunos, isto é: como se dá o processo de aprender. Portanto, ensinar não é apenas informar, mas levar o aluno a aprender, isto é, fazer com que a informação passe a fazer parte da pessoa do aluno como ele sabe seu nome e endereço. Assim também ocorre quando falamos de missões. Como queremos aquecer os corações dos membros das igrejas pelas missões se não falamos nem ensinamos sobre missões? Alguém pode ter paixão por algo que nunca ouviu falar? Ou nunca foi ensinado? Ou que ouve esporadicamente? De que forma missões podem fazer parte da vida dos irmãos da igreja?

Essas são as objeções e motivações para que possamos falar de uma pedagogia de missões nas igrejas. Considerando que existem métodos de ensino que se aprendem ouvindo, vendo os testemunhos reais e práticos de outros missionários atuantes, isso configura a prática missionária como ato que envolve emoções, sentimentos e identificação com o campo missionário. Daí que o ensino de uma pedagogia de missões se torna mais penetrante e eficaz na vida prática de um cristão. Portanto, todos os princípios básicos de pedagogia, como a didática metodológica, requerem um bom influenciador, como estratégia ou ferramenta que mostra as possibilidades de um bom ensino-aprendizagem.

Conforme Hendricks (2015, p. 12), a eficiência de um professor é constatada pelo desempenho do aluno. Habilidades individuais à parte, há professores que conseguem levar os alunos a terem bom desempenho. Neste sentido, um educador cristão deve ter dons e habilidades para ser um bom influenciador, assim como a igreja foi encarregada da missão de fazer discípulos de todas as nações. Portanto, umas das características primordiais de uma igreja saudável é evidenciada por missões. Isso ocorre quando a igreja local se torna geradora de outros pontos de propagação e divulgação do reino, alcançando, assim, almas incessantemente.

Vivemos numa época da nossa história em que muitas vezes, no entanto, a igreja local fica desorientada, sem uma visão clara que a oriente em seus esforços missionários. Ou seja, uma igreja que tem mês de missões, teatros sobre missões, eventos sobre missões e, contudo, não tem ensino sobre missões, não tem um programa de treinamento sobre missões. O que sustenta muitas igrejas contemporâneas são eventos missionários, e não ensino. Isso no mínimo é preocupante, porque Jesus se preocupou com o ensino e focou na instrução dos seus discípulos para que ensinassem as pessoas “a observarem tudo” que ele tinha ordenado. Nessa mesma linha, o apóstolo Paulo ensinou “toda a vontade de Deus” (At 20:27). Ele escreveu: “nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1:28). A igreja, hoje, tem a missão de dar continuidade ao ensino das doutrinas apostólicas, isto é, ensinar a Bíblia a seus discípulos. Depois que Jesus “Ihes abriu o entendimento, para que pudessem compreender as Escrituras” (Lc 24:45), ele instruiu os discípulos a apascentarem as suas ovelhas (Jo 21:15-17).

O que poderá alimentar mais do que a Palavra “viva e eficaz” de Deus? (Veja Hb 4:12) Nela, Deus se revela e revela sua vontade ao homem (Pv 2:15). A igreja local e seus educadores cristãos devem se apaixonar pela sã doutrina como Davi, Paulo e os cristãos primitivos, que é se aproximar da Palavra com a mesma atitude: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119:18). Essa ideia é de igual modo compartilhada por Phillips (2015), ao afirmar que

“as lições devem ser práticas e exatas. Ensine sistematicamente princípios e doutrina das Escrituras que auxiliem seu discípulo a chegar à maturidade em Cristo. Ele deve ter um conhecimento atuante das Escrituras para que possa aplicar a verdade bíblica de modo coerente. Jesus era um comunicador por excelência. Ele ensinou com autoridade (Mt 7:29), e as pessoas ouviam-no “com prazer” (Mc 12:37). Alguns exclamaram: “[...] não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?” (Lc 24:32) (Phillips, 2008, p. 129)

Como um educador cristão, sinto-me no dever de centralizar o ensino como foco que norteia a obediência do IDE. Uma vez que o treinamento ou formação é um instrumento ou estratégia para ajudar os líderes da igreja a desenvolverem um plano para suas atividades missionárias que não seja ambíguo, e, sim, bem-intencionado e proativo.

Neste sentido, quero explorar a pedagogia redentiva como um fundamento educacional e formativo e como uma ferramenta para o treinamento missiológico nas igrejas. Portanto, em casos de pré-discipulado, já devem ser lançados elementos de missiologia na vida de quem está sendo discipulado. Como diz Phillips (2015, p. 95), os primeiros convertidos em Jerusalém foram alimentados ao se dedicarem “ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações” (At 2:42). Primeiro, o seu discípulo em potencial tem de fazer parte de um corpo saudável e funcional, em que ele aprenda, pela observação, como ser semelhante a Cristo e onde possa experimentar a comunhão, o amor e a responsabilidade de que necessita. Além disso, ele precisa ser encorajado a solidificar a vida cristã. Ele precisa estar arraigado em Cristo e obter dele o alimento (Cl 2:7).

Nesta reflexão, recomendo às igrejas locais e a todos os líderes da igreja que tenham um plano bem estruturado para atrair a atenção pelo estudo de missões, pois é isso que move corações e os pés para irem às nações e, assim, difundir o evangelho. Neste sentido Goheen (2019) afirma que

Uma interpretação adequada da Bíblia, portanto, dependerá de reconhecer até que ponto a missão é central para a formação e o propósito dela. “Um reconhecimento desse caráter missionário dos documentos nos ajudará a vê-los pela verdadeira perspectiva e a interpretá-los à luz de sua intenção. Eles são, ao mesmo tempo, o produto de um processo dinâmico de evangelismo e alimento e as ferramentas para realizar esse processo”.⁷ E assim a pergunta correta a ser feita quando interpretamos a Escritura. (Goheen, 2019, p. 26).

Acredito que é através de ensino, testemunhos orais ou escritos que é possível formar e equipar o povo de Deus para sua vocação missional. Portanto, o ensino e o testemunho são estratégias pedagógicas e bíblicas que podem e devem contribuir para a formação da igreja, iluminando todas as dimensões dessa questão fundamental.

Assim, a prática pedagógica na igreja nada mais é do que uma estratégia didática de seguir os passos de Jesus e visualizar a sua vida e sua missão caracterizadas na cruz. Não se trata de mera organização humana, mas de fé fervorosa; não é pelo engrandecimento e egoísmo pessoal, mas pela delegação; não por motivos que impulsionam a construir uma grande instituição, e, sim, pela compaixão que busca sábias estratégias. Que Deus, na sua infinita misericórdia, nos conduza de maneira que ofereçamos um evangelho genuíno, puro e simples.

DESAFIOS E COMPLEXIDADES DE UMA EDUCAÇÃO MISSIONAL NAS IGREJAS LOCAIS

Preparar uma igreja missionária é uma tarefa primordial, embora prepará-la de modo que seja uma igreja missionária nem sempre seja uma tarefa fácil.

Portanto, preparar com maestria um ensino acadêmico e sistematizado para o ministério é muito importante, porque isso ajuda a preencher o vazio crescente de qualquer igreja local e deve discernir a melhor forma de se envolver na missão e levar o evangelho às nações.

A igreja deve e precisa ser estimulada por um aprendizado bíblico e missional. Uma educação de missões deve estar constantemente presente na vida de uma igreja saudável e missionária, uma vez que toda a comunidade deve entender com clareza a dimensão social de missões, e isso requer a introdução de uma EBD missional ou uma prática de discipulado sobre missões.

Toda igreja saudável deve ter como seu foco ou objetivo central: Jesus Cristo”¹¹ porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo 1 Cor. 3:11. Ademais, "Não há salvação em nenhum outro nome dado entre os homens pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4:12). Na carta do apóstolo Paulo aos romanos, aprendemos que uma das estratégias missionárias é pregar onde ninguém pregou antes, o que John Piper denominou de “missões de vanguarda”. Neste sentido Piper (2008) refere-se

ao esforço contínuo da igreja para executar a estratégia de Paulo: pregar o evangelho de Jesus Cristo e plantar sua igreja entre grupos étnicos ainda não alcançados. É a necessidade das missões de vanguarda. Estou convicto de que as pessoas sem o evangelho estão sem esperança, porque somente o evangelho pode libertá-las do seu pecado. Por isso o trabalho missionário é totalmente essencial na vida de uma igreja que ama, mesmo que nem todos os cristãos creiam nisso. [...] No passado tínhamos a chamada motivação de salvar almas. Estávamos convictos de que as pessoas da multidão que não fossem batizadas iriam para o inferno. (Piper, 2008, p. 191-192)

Isso significa que devemos enfatizar o ensino de missões nas igrejas e procurar equipar e alimentar espiritualmente os líderes por meio de um estudo regular sobre missões e sobre a Palavra de Deus, sobretudo na memorização de textos bíblicos, da meditação, da oração e da adoração. É necessário que as igrejas trabalhem com EBD missional, com treinamentos regulares em cada uma das suas classes já constituídas.

Portanto, o grande desafio de uma educação missional hoje é a falta de incentivo de uma formação contínua. Trata-se de uma atividade para assegurar que o ensino de missões se torne parte da vida da igreja, pois nada melhor do que estudar, memorizar, meditar, orar e adorar a Deus através do ensino.

Portanto, é tarefa da igreja local ensinar a Bíblia e demonstrar que o ensino de missões é de extrema importância para a vida de uma igreja saudável e obediente à sã doutrina, uma vez que a Bíblia começa com o tema de missões, desde o livro de Gênesis, e mantém essa paixão impulsionadora por todo o Antigo e Novo Testamentos.

Segundo Kaiser Jr. (2016), a "Grande Comissão" do Antigo Testamento precisa ser identificada em Gênesis 12:3 – "todos os povos da terra serão abençoados por meio de você" [Abraão]. Segundo Dr. Kaiser Jr, esta é a primeira declaração do fato de que será o propósito e plano de Deus fazer com que a mensagem de sua graça e bênção chegue a todas as pessoas no planeta Terra. A mensagem não começou aí. A base para isso, de fato, remonta a Gênesis

3:15.² Neste sentido, a pedagogia redentiva é uma estratégia, ou uma proposta educacional, para entender a história bíblica da redenção; isso atinge seu clímax com a criação do ser humano (homem e mulher) à imagem de Deus. Segundo Piper (2008, p. 262), devemos observar as quatro afirmações que culminam com o ato redentivo, que são:

- 1) o ser humano foi criado como última das obras de Deus e, por isso, é a criatura mais importante;
- 2) apenas com relação ao ser humano se diz que foi feito à imagem de Deus;
- 3) somente quando o ser humano está em cena como imagem de Deus o escritor diz que a criação é muito boa (1:31);
- 4) ao ser humano é dado domínio e a ordem de subjugar e encher a terra (1:28). Qual é o propósito do ser humano aqui? De acordo com o texto, a criação foi feita para o ser humano. (Piper, 2008, p. 262)

Assim, para John Piper, considerando que Deus fez o ser humano semelhante a si mesmo, o ato do homem de dominar o mundo e enchê-lo equivale a mostrar Deus — apresentar a imagem dele, o seu ser, ou seja:

o objetivo de Deus, portanto, era que o ser humano agisse de modo que espelhasse Deus, que tem o domínio supremo. Ao ser humano foi dada a posição elevada de portador da imagem não para que ficasse arrogante e autônomo (como tentou fazer por ocasião da queda), mas para que refletisse a glória de quem o fizera, cuja imagem traz em si. O propósito de Deus na criação, portanto, era encher a terra com sua própria glória. (Piper, 2018, p. 262)

Portanto, a conduta da igreja deve sempre espelhar o plano redentivo de Jesus Cristo. Na ótica de D. A. Carson, a conduta dos seguidores de Cristo deve e precisa ser analisada considerando seu efeito sobre o mundo, assim como a oposição do mundo foi analisada considerando seu efeito sobre o cristão. Portanto, Jesus Cristo, ao pregar no sermão do monte (Mt 5:13-14), cria duas metáforas expressivas para retratar como seus discípulos, mediante seu modo de viver, devem deixar sua marca no mundo, este que é tão contrário às normas do reino (Carson, 2018, p. 12). Por fim, o grande desafio da igreja, hoje, é de traçar um plano teológico de missões que convoque cada um de nós e cada igreja local para o grande projeto das missões globais. Considerando que a igreja local é a engrenagem das missões no mundo, isso só pode ser concretizado através de um ensino genuíno e uma formação de líderes com uma visão clara de missões.

A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO MISSIOLÓGICA NAS IGREJAS LOCAIS

Toda igreja saudável e orientada pelo poder do Espírito Santo não deve ter dúvidas em relação à importância de missões. A igreja deve propor um ensino prático para treinar os futuros missionários e, assim, dar-lhes o apoio necessário,

² O conceito de missão encontrou sua declaração mais sucinta em Genesis 12:3; da mesma forma, o último livro da Escritura enfatiza a mesma preocupação com as pessoas: "toda nação e tribo e língua e povo" (Apocalipse 5:9; 7:9; 14:6). Assim, este tema de uma missão universal forma um envelope gigante, ou seja, uma figura de linguagem chamada de inclusão ou alusão que enquadra toda a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse. (Kaiser, Jr. 2016, p. 7)

bem como fornecer um treinamento adequado, constante e contínuo. Mas será que a igreja contemporânea está ciente dessa importância e está executando tal tarefa de uma forma consistente e bíblica? O que fazer e onde começar? Não é tão complicado como imaginam, operar missões. Precisamos da Bíblia e de sabedoria para discernir como aplicá-la.

Neste sentido, segundo Carriker (2021), a tarefa da Igreja, portanto, antes da formação doutrinária e institucional, é a participação humana e profunda com Jesus, isto é, a fé no Libertador. Esta tarefa procura instilar a fé antes de compromissos eclesiais e doutrinários, uma vez que Deus revelou seus planos a esse homem extraordinário (Gn 6:13) e lhe deu instruções específicas. A princípio, Noé recebeu uma ordem geral, para fazer uma arca (Gn 6:14a), e só depois recebeu os detalhes sobre a construção (Gn 6:15-16). Noé precisava, primeiro, decidir obedecer à instrução geral de Deus; só então os detalhes seriam relevantes. Deus opera da mesma forma hoje ao nos dar a instrução geral "Crê no Senhor Jesus" (At 16:31; Jo 3:16,36).

Assim, a educação bíblica e teológica tem a missão de nos instruir, informar e esclarecer alguns fatos específicos, contudo é inútil discutir questões acadêmico-teológicas sobre Jesus antes de obedecer à instrução inicial de crer nele. De nada serve, no plano divino da redenção, o conhecimento de minúcias bíblicas ou teológicas sem disposição para a obediência (Adeyemol, et. al, 2006, p. 89).

A centralidade de uma igreja bíblica é de ensinar, aconselhar, redarguir, corrigir e instruir na justiça plena de Deus (II Tm 3:16-17). Isso deve acontecer para que os membros da igreja sejam santificados, aperfeiçoados na doutrina dos apóstolos, pois a igreja é chamada de modo a ser a luz do mundo.

Conforme D. A. Carson (2018, p. 34), a honestidade transparente e a preocupação genuína rejeitam tanto a resposta fácil do mundo quanto à atitude do homem secular egoísta.

A igreja não deve perder o legado de Jesus Cristo, de ensinar a Bíblia aos seus membros, pois a educação é uma estratégia pedagógica para que os membros tenham um pleno entendimento sobre missões. Neste sentido, o legado de Jesus foi de abrir o entendimento aos discípulos, para que pudessem compreender as Escrituras" (Lc 24:45). Ele instruiu os discípulos a apascentarem as ovelhas dele (Jo 21:15-17). O que poderá alimentar mais do que a Palavra "viva e eficaz" de Deus (Veja Hb 4:12)? Pois nela, Deus se revela e revela sua vontade ao homem (Pv 2:15).

Portanto, a igreja hoje tem uma missão coletiva de aproximar-se da Palavra com a mesma atitude e mesmo sentimento do salmista quando diz "Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei" (Sl 119:18). Essas ideias são de igual modo compartilhadas por Phillips, quando afirma que a igreja deve

Ensinar sistematicamente princípios e doutrinas das Escrituras que auxiliem seu discípulo a chegar à maturidade em Cristo. Ele deve ter um conhecimento atuante das Escrituras para que possa aplicar a verdade bíblica de modo coerente. Jesus era um comunicador por excelência. Ele ensinou com autoridade (Mt 7:29), e as pessoas ouviam-no "com prazer" (Mc 12:37). Alguns exclamaram: "[...] não estava queimando o nosso coração enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?" (Lc 24:32). (Phillips, 2008, p. 129-130)

Assim, essas lições, muitas vezes, devem ser práticas e exatas, pois o missionário deve se basear num culto bíblico, que é fundamentado na redenção, no relacionamento e na representação de vivências e experiências de uma conduta confiável e irrepreensível (Filipenses, 2:15-16).

Desta maneira, a igreja conhece de uma forma autêntica a graça e vive o amor intenso, concretizando-se de uma forma prática a generosidade (Carriker, 2018, p. 53).

A importância do ensino cuidadoso nas igrejas locais reside no próprio ato de imitar e seguir Jesus. No evangelho de Mateus (28:18-20), estamos diante de um ato de ensino que culmina na Grande Comissão. Este deve, sim, ser padrão de treinamento para missões. Portanto, o evangelho de Lucas relata não apenas esta missão de treinamento dos doze (Lc 9:1-6), como também uma outra para um grupo maior, de 70 ou 72 discípulos (Lc 10:1-16). Todos os quatro evangelhos deixam claro que Jesus gastou o seu tempo ensinando os seus discípulos. Portanto, é neste sentido que D.A. Carson afirma que

Quanto mais Jesus ministrava, mais ele se destacava. Seja por meio da aguçada controvérsia ou de um contraste formulado calmamente. Ele se manteve sozinho na sua missão, nas suas atitudes, na sua compreensão da natureza do Reino, na sua apresentação da liberdade da graça. (Carson, 2000, p. 179)

O ensino é uma ferramenta eficaz para aquecer o coração dos membros e um instrumento para apresentar as boas novas de amor e de esperança, bem como treinar os membros para o campo missionário.

POSSIBILIDADES E PERSPECTIVAS DE UMA EDB MISSIONAL

A proposta da reflexão é de que as igrejas contemporâneas não devem negligenciar uma formação ou treinamento missiológico dentro da igreja, pois é a partir da igreja local que se testemunha, ou que se aquecem os corações e se alimenta o desejo pela missão. Portanto, a missão local em nossas comunidades ou ainda em nossas cidades deve ser uma incumbência prioritária de propagação e difusão do reino, assim como fazer discípulos é um imperativo e uma ordenança que será mais natural e coerente exatamente na igreja local, ao redor ou no contexto dos nossos arredores. Jesus Cristo instruiu seus discípulos para que ensinassem as pessoas “a observar tudo” que ele tinha ordenado. Paulo ensinou “toda a vontade de Deus” (At 20:27). Ele escreveu: “nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo” (Cl 1:28).

EDB missional significa que as missões devem ser colocadas em primeiro lugar, e Deus dará todas as coisas necessárias, pois a igreja precisa construir o templo e o edifício de educação cristã onde se treina e se forma educadores cristãos com uma visão de influenciar e preparar os missionários, colocando, assim, missões em primeiro lugar, como diz a Bíblia: “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6:33). Desta forma os educadores cristãos devem ter um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre

reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros. Isto significa que

Um estudo cuidadoso do ensino e da vida de Cristo revela que o discipulado possui dois componentes essenciais: a morte de si mesmo e a multiplicação. São essas as ideias básicas de todo o ministério de Jesus. Ele morreu para que pudesse reproduzir nova vida. E ele requer que cada um de seus discípulos siga o seu exemplo. (Phillips, 2008, p. 19)

Trata-se de uma tarefa crucial, de demonstrar ao mundo a essência de Jesus Cristo, a sua missão e o seu resultado. Neste sentido a proposta de uma EBD missional desempenha um papel crucial, pois é na igreja que o vocacionado deve aprender sobre a vida cristã. Ali, ele vai conhecer a Palavra de Deus, aprender a viver cheio do Espírito Santo, aprender a orar e aplicar as verdades bíblicas em sua vida.

Contudo, vivemos numa época da nossa história em que, infelizmente, muitas igrejas não estão dando o alimento necessário da Palavra, uma vez que as igrejas estão priorizando os entretenimentos, “eventos gospel” e pouco ensino bíblico em algumas igrejas. Nada contra os eventos e os “entretenimentos gospel”, mas não podem substituir o ensino da Palavra. Portanto, as escolas dominicais não têm um currículo e, quando o possuem, estes não são práticos nem relevantes para suprirem as necessidades do crente no mundo atual. Queiroz nos oferece um belo exemplo ao testemunhar que

“Em nossa igreja fizemos uma reformulação total no ensino da escola dominical. Mudamos a metodologia e agora usamos o método de dinâmica de grupo, onde todos participam. Preparamos um novo currículo, de acordo com as necessidades de nossa igreja, e o ensino está voltado para a vida prática. Deus está usando esta mudança para promover um avanço veloz na igreja. Os crentes estão evangelizando e fazendo discípulos, famílias estão se ajustando, jovens se consagrando, membros crescendo em maturidade espiritual. Deus quer que o seu povo conheça e saiba viver a sua Palavra; desta forma, os futuros missionários já receberão o treinamento espiritual através do ministério da igreja local”. (Queiroz, 1991, p. 98)

Os missionários são os canais pelos quais o povo conhece a boa nova, razão pela qual uma igreja centrada na palavra de Deus deve providenciar e orientar o preparo intelectual dos seus membros e, assim, estar preparada para o compromisso de Deus, que é de espalhar a mensagem de amor e de esperança até os confins da terra.

Nesta discussão defendemos de uma forma categórica a importância do ensino e defendemos a lógica das igrejas locais que demonstram o interesse e o valor do ensino de missões, sobretudo ao compartilhar regularmente os princípios que norteiam a responsabilidade de executar tarefas e aplicações práticas sobre elas.

A igreja de Cristo deve ter a mentalidade do alto. Isso significa que ela tem a missão de ensinar uma nova forma de ser e de agir, renovando e alinhando o entendimento para uma nova criação em Cristo, pois Deus renovou-lhe a mente (I Co 2:12).

É nesse sentido que se faz necessária uma EBD de missões – para o aprendizado de princípios básicos de teologia missional dentro das igrejas,

considerando que a vida cristã e o serviço missionário sejam planejados e organizados com um currículo educacional obedecendo os princípios básicos de treinamento missionário para os membros da igreja local. Portanto, isso é possível através de um preparo pedagógico e metodológico, uma vez que Deus deseja e requer uma igreja com mente renovada e regenerada, que contrasta com a cultura do mundo, como exorta o apóstolo Paulo: “não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12:2-4).

Quando a igreja local se torna global, cumpre-se a ordem que Jesus deu aos seus discípulos para que espalhassem o seu ensinamento por todo o mundo. É nesse sentido em que a EBD missionária se torna um passo prático e imprescindível no contexto da igreja local obediente, como um instrumento para alcançar as nações, viajando ou não para outro país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi desenvolvido com o objetivo de propor e reorientar uma Escola Bíblica Dominical (EBD) nas igrejas locais voltada para missões.

De acordo com o exposto, destaco o objetivo e a importância de se instaurar uma didática pedagógica para o treinamento e o ensino de missões. Por isso o nosso objetivo nessa discussão foi de convocar cada um de nós, cristãos, e cada igreja local para que se engaje na EBD como um projeto pedagógico e missionário.

É neste sentido que uma pedagogia redentiva se configura como um instrumento de mobilização e de engajamento para a igreja local, possibilitando, assim, que a EBD se torne uma engrenagem das missões no mundo. Mas, para isso, deve-se começar por um ensino eficaz na igreja local. A igreja que alcança o mundo é uma igreja local bem treinada pedagogicamente e biblicamente, uma igreja que entende os propósitos e a vontade de Deus.

Assim, a pedagogia redentiva se propõe como passos práticos para treinar os missionários e, assim, dar-lhes o apoio necessário para uma formação continuada. A redenção, nas Escrituras, visa essencialmente reconciliar o homem caído para que se volte à comunhão plena diante de um Deus santo e amoroso, que está apto para receber a humanidade caída – trata-se da missão original, e nós, como igreja, precisamos dar continuidade a esse mandato especial de Deus. Por isso Deus nos enviou o seu filho amado, para nos reconciliar com ele e para reconciliar toda a sua criação. Jesus, porém, é honesto e direto – para compartilhar de sua glória, primeiro a pessoa tem de compartilhar de sua morte. Jesus é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis. E o Senhor do Universo ordena que toda pessoa o siga. Seu chamado a Pedro e André (Mt 4:18-19) e a Tiago e João (Mt 4:21) foi uma ordem. “Siga-me” sempre tem sido uma ordem, nunca um convite (Jo 1:43).

A discussão desse objetivo decorreu da identificação do seguinte problema exposto na introdução, que aqui retomo: “por que vivemos numa época em que quase não se fala, não se destaca e nem se evidencia a temática missionária nas escolas bíblicas dominicais, somente, em raras exceções, em culto de missões ou na semana de missões?” Conforme já discutido nas seções anteriores, toda igreja guiada e orientada pelo poder do Espírito Santo precisa e deve analisar as



suas prioridades, se estão ou não alinhadas com a vontade de Deus. Também deve responder, ou no mínimo refletir, a respeito das seguintes perguntas: Quais são os nossos objetivos, os nossos propósitos, enquanto membros de Cristo? Qual é a nossa missão, o nosso direcionamento? O que devemos ou deveríamos fazer para alinhar os nossos interesses à vontade de Deus?

O chamado para uma igreja missionária significa que ela deve morrer para si mesma e alinhar os interesses dela à vontade plena de Deus. Ou seja, todo o chamado de Cristo é um chamado para a morte de si mesmo, uma entrega absoluta e exclusiva a Deus. Jesus disse: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me, pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, esse a salvará” (Lc 9:23-24).

Uma igreja saudável e bíblica precisa focar em missões e no fundamento da palavra revelada; isso significa treinar a igreja para olhar as necessidades locais e globais e assim obedecer ao IDE. Vivemos numa época em que as igrejas locais precisam ser despertadas, convocadas e desafiadas para missões, uma vez que vemos claramente nas Escrituras que é nossa responsabilidade fazer missões, e cabe a todos os cristãos aderir a essa ordem, pois é uma incumbência de todas as igrejas. Portanto, a missão não começa na academia, mas dentro da igreja local. A ênfase de missões se estabelece na igreja local por meio de práticas pedagógicas constantes na EBD, isto é, a vocação se potencializa na igreja local.

Jesus espera por uma obediência imediata. Como afirma Phillips (2008), ele não aceitava desculpas (Lc 9:62). Quando um homem quis primeiro sepultar o pai antes de seguir Cristo, ele replicou: “[...] Siga-me e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos” (Mt 8:22). Homem algum recebeu algum elogio por ter obedecido à ordem de Cristo de segui-lo e tornar-se seu discípulo – era o que se esperava de todos. Jesus disse: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: ‘Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’” (Lc 17:10). Aqui, trata-se de uma perspectiva de uma obediência sem negociação com Deus. Não existe alternativa quando o assunto é obediência aos princípios e mandamentos de Deus, isto é, Deus não negocia o que já foi estabelecido na sua Palavra. (I Cor 3:10-11).

Uma igreja obediente e saudável, que cumpre os mandamentos de Deus, alimenta-se através de um ensino, assim como os primeiros convertidos em Jerusalém foram alimentados ao se dedicarem “ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações” (At 2:42).

Não existe uma igreja bíblica sem um bom ensino sobre missões. Isso significa que ela deve estar equipada para se alimentar espiritualmente por meio do estudo regular da Palavra de Deus, da memorização de textos bíblicos, da meditação, da oração e da adoração. É necessário que você trabalhe com os alunos da EBD em cada uma dessas disciplinas para assegurar que elas se tornem parte de sua vida. Diga-lhe por que ele deve estudar, memorizar, meditar, orar e adorar. Ensine, pela Bíblia, que essas coisas são importantes e demonstre o seu valor falando da experiência que você tem nessas áreas.

Portanto, missões existem para que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado e difundido em mensagem de amor e de esperança a todo mundo. Uma das características primordiais de uma igreja saudável é evidenciada por missões. Isso ocorre quando a igreja local se torna geradora de outros pontos de propagação e divulgação do reino e, assim, alcança almas incessantemente.

Isso significa que a igreja local precisa se comprometer constantemente a obedecer a Cristo e trazer-lhe essa glória. Isso inclui tudo o que precisamos para cumprir a Grande Comissão de fazer discípulos de todas as nações (Mt 28:18-20). Assim, esta reflexão se apresenta igualmente como um instrumento ou mecanismo de interceder a Deus para que ele, por seu grande poder, possa trazer esses bons propósitos ao coração dos líderes e da igreja local, como bem pautado em Salmo 133:1 e em Atos 15 – motivados pela fé, a igreja primitiva cultivou a fertilidade abundante para expandir a boa nova em unidade.

REFERÊNCIAS

Adeyemoy, Tokunboh. Et. al. **Comentário bíblico africano**. Editora Mundo Cristão. SP. 2006.

Bíblia Sagrada. **Almeida Revisada e Corrigida Fiel, (ACR)**. SBB. 2009.

_____. **Nova Versão Internacional. NVI**. Editora Vida. 2001.

Carriker, Timóteo. **O propósito de Deus e a nossa vocação: uma teologia bíblica da missão toda**. Editora Ultimato – Viçosa –MG. 2021.

_____. **O que é uma igreja missional: modelo e vocação da igreja no Novo Testamento**. Editora Ultimato – Viçosa – MG. 2018.

Carson, D.A. **O sermão do monte: exposição de Mateus 5-7**. São Paulo. Editora Vida Nova. 2018.

Goheen, Michel. **A missão da igreja hoje: a bíblia, a história e as questões contemporânea**. Viçosa: Ultimato. MG. 2019.

_____. **Um chamado à reforma espiritual**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

_____. **Deus conosco: tópicos de Mateus**. Editora PES. Santo Amaro. 2000.

Hendricks, Howard. **Ensinando para transformar vidas**. Editora, Betânia. Belo horizonte, 2015.

Kaiser Jr. W. C. **Missão no antigo testamento: Israel como a luz para as nações**. Editora Peregrino. 2016.

Phillips, Keith. **A formação de um Discípulo**. 2ed rev; e atual. SP. Editora Vida. 2008.

Piper, John. **Em busca de Deus: a plenitude da alegria cristã**. 2ed. SP. Shedd, 2008.

_____. **Surpreendido por Deus**. Editora Fiel. São José dos Campos, SP: Fiel, 2019.

Queiroz, Edson. **A igreja local e missões: incluindo uma estratégia missionária para a igreja local**. 3ed. Revista e ampliada. Vida Nova. SP. 1991.



O IMPERIOSO DESAFIO DA OBRA INACABADA

THE IMPERIOUS CHALLENGE OF THE UNFINISHED WORK

Onésimo Martins de Castro ¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo promover reflexões sobre o histórico de plantação da Igreja de Cristo em nossa nação e o desafio da obra ainda inacabada. Para tal, adotou-se como ponto de partida um diálogo metafórico com base no primeiro capítulo do livro “O clamor do mundo” de Oswald Smith”. Neste capítulo intitulado “A derrota de Satanás”, o autor aborda de forma ilustrativa a luta das hostes espirituais contra o avanço da propagação do evangelho aos povos não alcançados. A analogia foi aqui aplicada ao contexto histórico da evangelização no Brasil, tendo por base relatos de experiências registrados por Jean de Léry no seu livro “Viagem à Terra do Brasil” e “Índios Evangélicos no Brasil Holandês” de Francisco Leonardo Schalkwijk. Levando-se também em consideração os registros históricos dos impulsos e retrocessos da missão da Igreja de Cristo ao longo dos séculos, com enfoque principal no processo de evangelização dos povos indígenas neste país. Assim, o diálogo alegórico busca refletir o histórico de avanços e recuos da obra missionária neste solo pátrio, pontuando como reflexão o desafio da obra ainda incompleta e a necessidade de uma postura mais proativa da Igreja de Cristo no cumprimento da Grande Comissão.

Palavras-chave: evangelização; povos indígenas; obra inacabada.

ABSTRACT

This article aims to promote reflections on the history of the planting of the Church of Christ in our nation and the challenge of the still unfinished work. To this end, a metaphorical dialogue in the first chapter of the book “The cry of the world” by Oswald Smith was adopted as a starting point. In this chapter, entitled “The Defeat of Satan,” the author illustratively addresses the struggle of the spiritual hosts against the advance of the propagation of the gospel to unreached peoples. Here, the analogy is applied to the historical context of evangelization in Brazil, based on accounts of experiences recorded by Jean de Léry in his book “Journey to the Land of Brazil” and “Evangelical Indians in Dutch Brazil” by Francisco Leonardo Schalkwijk. It also takes into consideration the historical records of the impulses and setbacks of the mission of the Church of Christ over the centuries, with a focus on the process of evangelization of Indigenous peoples in this

¹Membro da Agência Presbiteriana de Missões Transculturais, atuando com povos indígenas na região de Santarém – Pará, desde 1980. Casado com Mariana Barbosa de Castro e pai de Celinda e Calebe. Formação teológica e missiologia transcultural e linguística; graduado em Letras e Artes e pós-graduado em Antropologia Intercultural e em Gestão Escolar. E-mail: onesimo.mariana@gmail.com

country. Thus, the allegorical dialogue seeks to reflect the history of advances and setbacks of the missionary work in this homeland, highlighting as a reflection the challenge of the still incomplete work and the need for a more proactive stance by the Church of Christ in fulfilling the Great Commission.

Keywords: evangelization; indigenous peoples; unfinished work.

INTRODUÇÃO

“Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Apocalipse. 12:10-12

O eminente pastor e escritor Dr. Osvald Smith, no seu livro “O Clamor do Mundo”, publicado no Brasil em 1969, apresenta uma brilhante obra de ficção sobre a preocupação de Satanás com avanço da propagação do Evangelho conforme proposto pelo Senhor Jesus. Essa analogia é registrada no seu primeiro capítulo intitulado “A derrota de Satanás”, onde explana sobre frequentes reuniões de Satanás com seus demônios, enviados como guardiões do império das trevas nas regiões onde o evangelho ainda não havia sido anunciado (SMITH, 1969).

Nesse texto ilustrativo da batalha espiritual nos campos missionários, o autor aponta a luta de Satanás tentando impedir que o evangelho chegasse em várias partes do mundo tais como o Alasca, Tibet, Afeganistão e outros territórios ainda não alcançados. Mas, pelo mover de Deus, levantando obreiros destemidos e prontos a pagar o preço e a Igreja que se envolveu na obra, principalmente, em oração, as forças do mal não resistiram e as portas do inferno foram derrubadas nesses países (SMITH, 1969).

Considerando o impacto que essa analogia tem produzido em tantas vidas ao redor do mundo, julgo importante parafraseá-la, aplicando ao processo de evangelização no Brasil, enfocando, principalmente, os povos indígenas desta terra e o desafio da obra ainda inacabada.

O desafio é decorrente dos povos nativos no Brasil, à semelhança de tantos outros, terem ficado por séculos preteridos quanto ao recebimento da mensagem de salvação que Jesus determinou a seus discípulos fosse pregada a toda criatura e a todas as etnias. Não obstante, os historiadores tenham registrados que todo o mundo conhecido na época fora evangelizado até o final do Século III, somente nos Séculos XV e XVI o cristianismo chegou às terras mais remotas. Porém, um cristianismo predominantemente secular e ainda desprovido do real cumprimento da Grande Comissão dada pelo Senhor Jesus cerca de 1500 anos antes, quando disse: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra.” Atos 1:8

E, mesmo quando houve as primeiras iniciativas de anúncio do genuíno evangelho nestas paragens, esta ação teve seus impulsos e percalços ao longo dos séculos, à semelhança dos fatos históricos nos séculos passados. Portanto, com objetivo de entender os pontos fortes e fracos no processo de avanço da Igreja de Cristo em nossa terra, lançamos mão desta abordagem metafórica, apresentando a luta do império das trevas contra o avanço do Reino, desde a colonização do Brasil e até o presente. O desafio permanece ainda vigente atualmente, o que demanda proatividade da Igreja, tanto em oração como em ação direta a favor dos povos não alcançados.

SÉCULO XVI DC

No final do Século XVI, pouco tempo após a proclamação da Reforma Protestante e cerca de 60 anos do descobrimento do Brasil, Satanás convoca os seus príncipes, enviados como guardiões do território brasileiro e questiona-os autoritariamente.

— Meus guardiões desse vasto território! Por muitos séculos temos mantido nosso Condado totalmente isolado dos mensageiros do dito Rei dos Judeus e assim todos os nativos desta terra foram mantidos distantes da mensagem que ele mandou pregar a todos os povos.

— Então contem-me quais são as notícias atuais! Determinou Lúcifer, olhando duramente e com expressão de curiosidade, o rosto do demônio que estava à sua frente.

— Não tão boas mais, meu senhor! — respondeu o príncipe das trevas no Brasil.

— Não guardaste bem o seu território da propagação da mensagem que os colonizadores europeus podem ter trazido? — vociferou o príncipe da potestade do ar.

— Sim! — replicou o príncipe, inclinando-se temerosamente.

— Tenho lutado muito para que isso não aconteça — declarou sem muita convicção.

— Então houve já alguma tentativa de persuadi-los à sua fé? Insistiu, com tom de autoritarismo e desconfiança na voz.

— Sim. Em 1500, os ditos cristãos chegaram aqui e tomaram posse desta terra. Mas até agora esses colonizadores e propagadores da fé estrangeira não conseguiram sucesso neste território. Mesmo que tenham fincado ali na praia o símbolo de sua crença e feito o seu ritual, que chamam de Missa, fizemos de tudo para que apenas mantivessem esse ritual religioso e, dessa forma, não ensinassem de maneira clara a mensagem que poderia levar os nativos a crerem naquele que disse ser “o caminho, a verdade e a vida”.

— Muito bem! Exclamou o líder máximo do império das trevas. Fizeste um bom trabalho! Mas então, nenhum nativo ouviu a mensagem dos ditos reformadores?

— Infelizmente alguns ouviram, meu senhor! Um pequeno grupo de Huguenotes foi enviado por João Calvino, conhecido como um dos reformadores, em uma das comitivas francesas que vieram também tomar posse de nossa terra. Um deles, por nome Jean de Léry, foi mais ousado e penetrou a selva brasileira na região Sudeste e, por algum tempo, esteve com os nativos



aprendendo sua língua e tentando falar-lhes sobre sua crença. Mas, chamei meus demônios auxiliares e conseguimos mudar a cabeça de Nicolas Durand de Villegagnon, que comandou essa comitiva, a renegar sua fé e aliar-se aos demais religiosos que chegaram antes deles. Com isso, levantamos uma forte perseguição contra esses ditos reformados, levando alguns à morte por serem considerados hereges em relação à religião dos colonizadores. E o audacioso Jean de Léry foi deportado de volta para França, cessando a obra que haviam começado.

— Ainda bem que conseguiram esse feito! Bradou Satanás com triunfo.

Esse primeiro episódio ilustrativo reflete bem os acontecimentos da primeira tentativa de evangelização do Brasil na década de 1550 e está registrado no livro *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry, publicado no Brasil no final do Século XX. (LÉRY, 1961). Porém, à semelhança do que ocorreu com os Judeus na reconstrução do Templo em Jerusalém, por determinação de Ciro, o persa, houve também aqui uma lacuna de cerca de aproximadamente 100 anos sem nenhum registro de novo esforço missionário no Brasil. Até que novo movimento missionário se levantou na Holanda, conforme registrado pelo teólogo e historiador, Rev. Francisco Leonardo Schalkwijk, em seu artigo “Índios Evangélicos no Brasil Holandês. (SCHALKWIJK, 1997)

SÉCULO XVII DC

Esse novo movimento, embora ainda incipiente, voltou a incomodar o império das trevas. Isso porque, na comitiva holandesa enviada na tentativa de tomar posse de parte deste solo pátrio, vieram também pastores e líderes protestantes e deram início à evangelização do Brasil. Estabelecendo-se no Nordeste brasileiro, plantaram Igrejas, ordenaram pastores, e chegaram até a se organizar em Concílio. Escolas foram implementadas, formaram professores, inclusive indígenas, que foram contratados para essa função.

Diante disso, Satanás convoca nova reunião e os príncipes das diversas regiões do Brasil compareceram para prestar seus relatórios. E o príncipe do Sudeste, onde a primeira tentativa dos Huguenotes havia sido sufocada, foi o primeiro a prestar seu depoimento.

— Então, príncipe do Sudeste, como está hoje o seu condado? Bradou receoso o líder do império das trevas.

— Sim, Majestade! Reforçamos nossa estratégia e, até onde sabemos, em nossa região predomina apenas a religiosidade tradicional, que mesmo imposta aos nativos, não tem produzido transformação espiritual de suas vidas como proposto por nosso Arqui-inimigo. Alguns resistiram e fugiram para o interior do país, mas outros apenas aderiram a esse costume religioso, que se fundiu com suas crenças nativas, tornando-os mais resistentes ainda àquela mensagem que os reformadores estão propagando em muitas partes do mundo.

— Ótima estratégia! Exclamou o anjo caído. — Assim ficam satisfeitos, não tendo que deixar seus rituais e, dessa forma, continuarão debaixo de nosso domínio.

— E tu, príncipe do Nordeste! Guardaste bem o seu território? Inquiriu preocupado.



— Lamentavelmente não conseguimos — Exclamou cabisbaixo.

— Por mais guardiões que pude enviar para nossa jurisdição, não pudemos evitar que entrassem em nossa região. Uma comitiva holandesa também decidiu tomar posse desta terra e com eles vieram alguns líderes reformados, apoiados por seus parceiros na Europa. Estes ficaram intercedendo por eles junto ao seu Chefe Supremo, que enviou seus anjos para os proteger e, por longo tempo, não pudemos resistir-lhes.

— Mas conseguiram convencer alguém a essa nova crença? Bradou Satanás horrorizado!

— Lamentavelmente sim, meu grande chefe! Não tivemos forças para resistir e muitos aderiram às suas crenças e até criaram congregações religiosas protestantes, que chamam de Igreja. Ensinaram os nativos a lerem e, com acesso à mensagem escrita que os estrangeiros pregavam, alguns desses adeptos foram designados como professores e até mesmo como líderes religiosos dessa nova seita. — Disse envergonhado o príncipe do Nordeste.

— Não pode ser! Bradou Satã furioso.

— Calma, senhor! Interpelou confiante esse submisso serviçal.

— Como não podíamos atacá-los diretamente, devido à proteção que tinham de seu Chefe Supremo, levantamos os líderes políticos e os seguidores da religião tradicional para atuarem a nosso favor. Estes, mediante uma guerra sangrenta, expulsaram os holandeses, prenderam e sacrificaram alguns nativos que haviam aderido à sua crença. Com isso, muitos nativos negaram a nova fé e outros fugiram para a Amazônia e, dessa maneira, fizemos cessar a obra que já estava em andamento.

— Menos mal! Manifestou Lúcifer, ainda com colérica preocupação.

— E tu, príncipe da Amazônia? Pelo que tenho visto, ao rodear a terra e passear por ela, parece-me que foste mais bem sucedido, não é? Inquiriu o líder dos anjos caídos.

— Sim, admirável senhor! Temos sido fiéis às suas ordens e guardado com eficácia o nosso território. Temos usado muito bem a floresta tropical como esconderijo destes nativos, não só para os que já habitavam da Amazônia, mas também para os que fugiram, principalmente, do Nordeste e do Centro-Oeste. Ali praticam livremente seus rituais de manipulação das forças ocultas, sem que esses religiosos venham importuná-los com seus ensinamentos.

— Também, temos provocado guerras entre eles, eliminando diversas etnias, na tentativa de evitar que sejam representadas diante do trono daquele que pretende estabelecer seu Reino Eterno e, dessa forma, poderemos levar mais pessoas para eternidade conosco.

— Esplêndido! Exclamou o príncipe deste mundo tenebroso. Continue assim, meu caro príncipe. Trabalhe para que a Amazônia continue inexplorada e dessa forma, manteremos grande parte desse imenso país, controlado por nós.

Lamentavelmente, o movimento protestante que se iniciou pelo Nordeste, estava vinculado à conquista daquela região pelos holandeses. Com isso, segundo o Rev. Francisco Leonardo registrou, uma sangrenta guerra foi travada pelos portugueses contra os holandeses na disputa desse território e atingiu em cheio a Igreja recém-plantada. Com a expulsão dos holandeses, a Igreja perseguida foi sufocada, criando um vácuo de aproximadamente 200 anos no processo de evangelização do Brasil.

SÉCULO XIX DC

Não obstante a semente do evangelho tenha sido lançada pelos holandeses, e produzido frutos, esse espaço de tempo gerou um prejuízo incalculável quanto ao número de almas que poderiam ter sido libertas do império das trevas para o Reino de nosso Senhor Jesus Cristo, como descrito em Colossenses 1:13. Não que a promessa do Senhor Jesus à Igreja de que “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” tenha perdido sua eficácia. Mas, sim, pela falta de iniciativa missionária específica da Igreja nos países europeus e na América do Norte para o cumprimento da Grande Comissão aqui no Brasil.

Porém, passado esse longo período de inércia na evangelização do Brasil, Satanás fica inquieto com uma nova movimentação percebida em seu território. Então convoca nova reunião com os príncipes sob seu domínio e os inquire mais uma vez autoritariamente.

— Então, meus súditos, a quem tenho confiado esse imenso território, que os colonizadores tentaram chamá-lo de “Terra de Santa Cruz”. Houve novas ameaças de invasão? Inquiriu o anjo caído, já prevendo más notícias.

— Sim, meu senhor! Antecipou o príncipe do Sul

— Estávamos bem tranquilos e apenas monitorando a religião trazida pelos portugueses, já sincretizada com as crenças tribais e dos afrodescendentes. Porém alguns imigrantes, conhecidos com luteranos, começaram a chegar em nosso condado e construíram capelas, onde praticavam rituais diferentes da religião tradicional. Mas felizmente, não estavam muito empenhados a fazer prosélitos e assim pudemos manter nosso domínio sobre a maioria dos habitantes de nossa terra.

— Lamentavelmente o pior aconteceu em nosso território. Disse trêmulo o príncipe do Sudeste.

— Por causa de um movimento, conhecido como “Período das Missões Modernas”, no século passado, muitos seguidores dessa maldita religião começaram a infestar o mundo com sua mensagem. Inclusive, alguns deles, usando de obra humanitária conseguiram acesso a territórios até então muito fechados. E na década de 1950, um médico conhecido por Robert Kelley e sua esposa Sarah chegaram no Rio de Janeiro, implementando aqui seu sistema religioso, denominado Congregacional e alguns dos imigrantes aderiram à sua fé.

— Logo depois, um pastor presbiteriano chamado Ashbel Green Simonton deixou a América do Norte e aportou no Brasil em agosto de 1959. Este, com apoio dos congregacionais e com uma força irresistível recebida de seu Chefe Supremo, implementou sua organização religiosa que, rapidamente, se espalhou não só nos estados sob nossa jurisdição, como também já avança em direção aos demais regiões do país.

Então quase que a uma só voz exclamaram trêmulos os príncipes do Sul, do Nordeste e do Centro-Oeste.

— Senhor das trevas! Essa onda de avanço em direção ao nosso território ganhou força em várias partes do mundo, enviando também os batistas, os metodistas e outras denominações evangélicas. Estes, somando-se com os que haviam chegado ao Sudeste, invadiram também nossas terras e, lamentavelmente, não pudemos resistir a eles, visto que os anjos enviados para os proteger eram mais fortes do que nós.

— Não pode ser! Exclamou Satanás furioso, com vaga esperança de que pelo menos o Condado da Amazônia ainda estivesse protegido.

— Sim senhor! Relatou vitorioso o príncipe da Amazônia.

— Tentaram sim invadir o nosso território, mas essas ações se limitaram às comunidades ao longo dos grandes rios, focalizando prioritariamente os imigrantes e não os nativos desta terra. E, usando os conflitos entre colonizadores e nativos, forçamos os indígenas a se refugiarem no seio da floresta, dificultando o processo de proselitismo religioso que já estava acontecendo em outras partes.

— Muito bem, príncipe da Amazônia! Boa estratégia! Disse astutamente o anjo caído.

— Mas como essas pessoas estão determinadas a irem até os confins da terra em obediência ao seu senhor, precisamos agir com muita mais sagacidade agora. Precisamos manter os nativos longe do acesso deles.

E, lembrando das antigas estratégias usadas ao longo do tempo, bradou:

— Guardiões de meu califado! Lembrem que séculos passados, quando esse movimento avançava aceleradamente e conseguimos freá-lo por muito tempo? — numa referência ao período entre o decreto do Cristianismo como religião oficial e Reforma Protestante do século XVI — Então, precisamos usar essas mesmas estratégias. Vamos levar os adeptos dessa nova religião a se satisfazerem com o trabalho feito até agora e assim diminuirão o espírito de conquista que os tem impulsionado. Ao mesmo tempo, vamos provocar divisões entre eles, o surgimento de novas doutrinas e induzi-los à imoralidade e à corrupção. Com isso seu espírito combativo esfriará, nos deixando em paz por um pouco mais de tempo. Se, pelo menos, deixarem os nativos isolados e sem acesso à mensagem de nosso Arqui-inimigo, cumprimos nossa missão. Determinou Lúcifer autoritariamente.

SÉCULO XX DC

Porém, mesmo que a Igreja Evangélica tenha sido plantada no Brasil, derrubando as portas do inferno e resgatando os pecadores do império das trevas, Satanás e seus anjos continuaram mantendo certo controle sobre os territórios mais isolados. Passaram-se ainda mais de 50 anos até que a primeira iniciativa direta de evangelização dos povos tribais fora tomada e isso voltou a incomodar o mundo espiritual.

Uma organização missionária denominada “SAIN - South America Indian Mission” estabeleceu-se entre o povo Terena no Mato Grosso do Sul em 1913. Em 1925, um pastor batista iniciou trabalho com o povo Krahô no Tocantins. E em 1928, mediante a união das igrejas Presbiteriana do Brasil, Presbiteriana Independente e Metodista foi criada a Missão Caiuá, em Dourados – MS, nesse mesmo estado. Além da evangelização e discipulado, fundaram também escolas e hospital, onde os indígenas foram e ainda são socorridos regularmente.

Em 1946, chegou também ao Brasil um grande número de obreiros da NTM – New Tribes Mission, hoje MNTB, Missão Novas Tribos do Brasil – que se espalhou por todo o território brasileiro. No ano de 1956, foi a vez dos linguistas missionários da SIL – Summer Institute of Linguistics (Instituto Linguístico de Verão), hoje Sociedade Internacional de Linguística. Estas duas agências missionárias adotaram a estratégia de fazer discípulos, treinando brasileiros para

a expansão da obra; a MNTB mais focada na educação teológica e antropológica, e a SIL em linguística e educação. Com essas iniciativas, brasileiros passaram a fazer parte desse projeto e outras agências foram criadas, ampliando assim a força missionária nas terras mais remotas.

Um novo mover de Deus levou a igreja brasileira a também se envolver com a obra, passando a orar pelos obreiros e pelos povos não alcançados, enviando seus membros para o treinamento transcultural e, quando prontos, ao campo missionário. Ou seja, tornaram-se parceiras de ministério desses obreiros e das agências missionárias, mediante apoio logístico, financeiro e espiritual, sem os quais seria quase impossível o trabalho prosseguir. Com isso, novos territórios foram sendo conquistados, com centenas de igrejas indígenas plantadas de Norte a Sul do país, cumprindo-se a promessa do Senhor Jesus em Mateus 16:18. Sendo, inclusive, organizado o CONPLEI - Conselho Nacional de Pastores e Líderes Evangélicos Indígenas, em 22 de março de 1991, como entidade representativa da população evangélica indígena no Brasil.

ANOS 1980 E 1990 DC

Então, no final da década de 1980, Satanás convoca nova reunião de emergência, já prevendo sua iminente derrota, mas tentando ainda manter parte do seu domínio já enfraquecido. Dessa vez, redirecionou sua inquirição para seu representante na esfera política do Brasil.

— Meu príncipe enviado para a Capital Federal! Os guardiões do território nacional não têm resistido à força desses conquistadores de almas. Mas tenho ainda algumas “cartas na manga” e preciso de sua perspicaz audácia política para nos dar um pouco mais de tempo de domínio desta nação. Vociferou Lúcifer, com vaga esperança de vitória.

— Tenho andado por várias partes do mundo e visto como os países já destruíram a maioria de suas florestas e aqui a selva amazônica continua exuberante, gerando cobiça dos países mais desenvolvidos. Envie emissários à Europa, à América do Norte e até mesmo a outros continentes. Precisamos induzi-los a cobrar do Brasil a preservação desta floresta e assim os nativos ali isolados serão também preservados da ação desses mensageiros.

— Mas como fazer isso, meu senhor? Exclamou um dos anjos caídos ali presente.

— Desafie-os a investir recursos em organizações não governamentais, ideologicamente comprometidas com o nosso lema, e oriente-as a fatiar a Amazônia em extensas reservas, principalmente nas regiões de fronteira. E, depois de definidos esses territórios, usando o argumento de autodeterminação dos povos, deverão criar associações indígenas, disfarçadamente, controladas por seus agentes. E, com um pouco do volumoso recurso que receberão do exterior poderão promover reuniões de doutrinação ideológica, oferecendo estadias em hotéis, alimentação e combustível para as viagens. E os que se destacarem ideologicamente e até mesmo alguns “inocentes úteis” poderão ser levados à Brasília e até mesmo a outros países para defenderem a nossa causa.

— E, paralelamente a estas ações, vamos levantar certas autoridades contra esses pregadores, usando o pseudoargumento de preservação cultural desses povos, dificultando ao máximo a sua entrada e permanência nas terras

sob nosso domínio. Até porque já estão em curso projetos de expulsão de algumas equipes, onde ainda não conseguiram anunciar plenamente a mensagem do nosso Arqui-inimigo aos nativos.

Mas eis que outro príncipe, ainda mais sagaz teve uma astuciosa ideia, que muito agradou o seu senhor.

— É do conhecimento geral que o contato programado feito pelo órgão tutelar indigenista, desde 1910, tem registrado grande baixa populacional nessas etnias. Então vamos criar uma boa narrativa contra essa estratégia, mesmo sabendo que uma das causas principais dessa desgraça tem sido “a demora em efetivar o contato”. Mas vamos ocultar o fato de que, quando efetivaram esses contatos, os indígenas já estavam contaminados por doenças viróticas, resultado do contato espontâneo com exploradores da floresta e com trabalhadores na abertura de estradas no interior do Brasil. Outros motivos que também devem ser ocultados em nossa narrativa são “a falta de cuidado com a população no pós contato e com introdução de costumes ofensivos à vida e à cultura dos indígenas, tais como o álcool e a prostituição”, como já documentado por alguns pesquisadores (CASTRO, 2005).

— Vamos usar também a Mídia para acusar as missões que fizeram recentemente contato com alguns povos isolados, usando a narrativa que estes provocaram mortes e descaracterização cultural nestas etnias para formação de opinião das diversas autoridades e da população em geral contra eles. E como a Academia tem florescido ideologicamente na defesa da laicidade religiosa, serão muito bem-vindos na formação de novos profissionais, ideologicamente defensores do isolamento dos povos tribais. Dessa forma, conseguiremos deixá-los longe da mensagem contida no famoso “Livro de Capa Preta” que um desses povos chamaram de mo'e ubykh (objeto preto) e pediam que lhes fosse ensinado e desenhado (escrito) na sua língua. Ideia que foi prontamente colocada em execução.

SÉCULO XXI DC

De fato, esse estratagema floresceu a partir do final dos anos 1980, quando as organizações não governamentais, financiadas com recursos da Europa e da América do Norte, foram criadas com foco na preservação da Amazônia. E, com apoio da Mídia e da doutrinação ideológica nas academias, deu-se início à perseguição religiosa aos obreiros entre os indígenas. Assim diversos obreiros foram impedidos de atuar em algumas etnias, mesmo contrariando a vontade do povo e sem nenhum motivo legal para que essa atitude fosse tomada.

E, em nome de preservação étnica, o príncipe da Capital Federal e seus auxiliares levaram a entidade responsável pelas populações indígenas a criar, em 1987, o Departamento de Índios Isolados e editar uma portaria restringindo o contato com os povos ainda isolados no Brasil. E, como muitos grupos ainda não devidamente evangelizados não se enquadravam mais como isolados, criou-se a categoria de Recente Contato, mesmo depois de mais de trinta anos de relacionamento com a sociedade nacional e internacional, restringindo o acesso de missionários a suas aldeias. E, aproveitando a onda ambientalista, criaram as chamadas Frentes de Proteção Etnoambiental, como respaldo para manter essas populações debaixo dos olhos de servidores comprometidos com

a pauta do isolamento. E a elas ficaram vinculados todos os focos de presença de povos isolados, com o argumento do “não contato” como forma de preservação étnica.

Mas então, um dos demônios presentes naquela reunião questionou o maioral do império das trevas.

— Seria possível nos fazer saber, ó poderoso senhor, por que tanto te empenhas em impedir que o conhecimento dessa mensagem chegue a esses pequenos grupos de pessoas?

— Não sabes que as terras indígenas no Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste estão sendo invadidas por forças poderosas e que os nativos estão sendo levados a se entregar ao Cristo todos os dias? E que em centenas de aldeias eles se reúnem para adorar o nosso Arqui-inimigo e para lerem seu maldito “Livro de Capa Preta”?

— Sei disso perfeitamente bem. Gritou Satanás com uma mistura de frustração e raiva. E prosseguiu:

— Mas agora escutem bem todos e explicarei por que tenho tanto ciúme das terras remotas! Enquanto todos se inclinavam para ouvi-lo melhor.

— Existem diversas profecias que podem ser resumidas nesta predição. “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.”

E, indignado, mas ainda tentando alimentar esperança, exclamou: — Sei que o fim não virá enquanto todas as nações não tiverem ouvido as ditas boas-novas. E prosseguiu:

— Na atual circunstância, não importa tanto quantos missionários sejam enviados aos povos já evangelizados, nem quantos convertidos sejam obtidos, porque está escrito que, enquanto a mensagem dele não for proclamada nessas etnias isoladas no Brasil e em outras partes de nosso domínio, o Fim não virá.

— Portanto, sede vigilantes e envidai todo esforço para impedir que a mensagem dele chegue a esses povos isolados e a todos que ainda não a ouviram as ditas Boas Novas. Se não guardarmos bem esses últimos redutos, logo virá o fim e nós seremos lançados no lago de fogo e enxofre e bem sabemos que pouco tempo nos resta. E AI DE NÓS QUANDO ISSO ACONTECER! AI DE NÓS! Vociferou furioso o príncipe das trevas.

E, com desesperado furor, também bradaram todos os seus demônios.

REFLEXÃO

Esta analogia reflete bem o que tem acontecido ao longo dos séculos de evangelização do Brasil. Mormente com respeito aos povos isolados e outros ainda mantidos na categoria de recém contatados, mesmo depois de mais de 30 ou 40 anos de relacionamento com a sociedade envolvente. Não é por acaso que as únicas pessoas que têm sido impedidas de atuar nessas terras indígenas são os missionários e os líderes indígenas evangélicos de outras etnias.

Ao mesmo tempo, alguns desses grupos continuam sendo tutelados e seus representantes só saem de suas terras escoltados por agentes do órgão tutor e de representantes das ONGs que atuam nessas terras indígenas. Até mesmo o intercâmbio com membros de outras etnias tem sido cerceado, mesmo que a legislação vigente garanta que os povos indígenas tenham o direito de manter e desenvolver contatos, relações e cooperação, incluindo atividades de

caráter espiritual, cultural, político, econômico e social, com seus próprios membros, assim como com outros povos através das fronteiras. (ONU, 2008).

E, para mantê-los distantes do evangelho, grande parte de nossas autoridades e a Mídia em geral alegam falsamente que há uma proibição legal de pregação a essas pessoas, mesmo não havendo nenhuma lei que respalde esse argumento. Muito pelo contrário, o Art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos prescreve que:

Todo o homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular. (ONU, 1948). E a Constituição Federal do Brasil no Art. 5º assegura que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade

[...]

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política [...] (BRASIL, 1988)

Também a Declaração das Nações Unidas sobre Direito dos Povos Indígenas de 2008, preceitua em seu Art. 16,1 que:

Os povos indígenas têm o direito de estabelecer seus próprios meios de informação, em seus próprios idiomas, **e de ter acesso a todos os demais meios de informação não indígenas, sem qualquer discriminação** (ONU, 2008). (grifo nosso)

Assim sendo, entende-se que estratégia do não contato com os povos isolados, não só contempla o plano diabólico de adiar a volta de Jesus e o julgamento final, mas também visa diminuir a representação de “todos os povos, tribos, línguas e nações diante do trono do cordeiro”, como registrado em Apocalipse 7:9. E isso está de fato acontecendo, pois alguns dos povos indígenas contatados a pouco tempo, foram encontrados em número tão reduzido a ponto de não mais terem condições de se reproduzirem enquanto etnia. Dentre eles alguns com apenas 4 a 6 pessoas já em idade adulta, dois homens, Awrá e Awré, sobreviventes de uma etnia no Maranhão e o denominado “Índio do Buraco” em Rondônia, como ficou conhecido nos meios de comunicação e que já partiu para a eternidade sem deixar descendência.

Inclusive, fatos históricos e pesquisas feitas por renomados antropólogos confirmam que os povos isolados estão seriamente ameaçados de extinção. Dois antropólogos, que monitoram oito grupos isolados por vários anos na Amazônia, mediante imagem de satélite, confirmaram essa hipótese. Em artigo publicado a pouco tempo em uma revista científica, citado em Opinião e Notícia (2016), consta que seu “estudo comprovou a existência de apenas uma tribo isolada com população aumentada ao longo dos anos, enquanto os outros sete grupos diminuiriam.” (WALKER ET AL., 2016). E isso corrobora com estudos de outros pesquisadores os quais apontam que “um grupo isolado com menos de 400 habitantes não tem garantida a sua existência. E com menos de 200 pessoas já estão fadados à extinção. (HEADLAND, 1998).

Diante do exposto, soa-nos aos ouvidos o clamor do Profeta: “Passou a sega, findou o verão e nós ainda não fomos salvos.” (Jeremias 8:20). E igualmente contundente, ouve-se o grito silencioso dos povos ainda não alcançados: “Não vos comove isso a todos vós que passais pelo caminho? (Lamentações 1:12).

Assim sendo, não podemos continuar apegados ao argumento de que “no tempo certo Deus providenciará um meio para que os povos de acesso fechado sejam alcançados”. Muito pelo contrário, precisamos, em obediência e dependência do Senhor, dar passos concretos e ousados para que essas barreiras sejam derrubadas. Pois, como lemos em I Pedro 4:7, “o fim de todas as coisas está próximo” e a oportunidade de conhecerem o evangelho e crerem no Senhor Jesus está passando para muitas dessas etnias.

CONCLUSÃO

Diante dos fatos ilustrados pela alegoria apresentada ao longo deste texto, propõe-se que as lideranças das agências missionárias e os líderes denominacionais desafiem as igrejas a um movimento nacional e internacional de oração pela obra ainda inacabada, rogando ao Senhor, criador e controlador de todo universo que de maneira miraculosa:

1. quebre as barreiras que impedem a presença missionária entre os povos indígenas ainda não evangelizados;
2. mude a mentalidade de nossas autoridades e de representantes de entidades envolvidas na questão indigenista;
3. envie mais trabalhadores para a Sua Seara, como o próprio Senhor Jesus desafiou os seus discípulos a orarem;
4. e desperte a Igreja de Cristo a se levantar como um só povo, indo ao campo, enviando, orando e sustentando os projetos missionários. E nessa relação de parceria, libertando os cativos “do império das trevas para o Reino do Filho do Seu amor” (Colossenses 1:13).

Pois sabemos que, quando a Igreja de Cristo unida se põe à obra, como aconteceu com os Judeus na reconstrução do Templo em Jerusalém, fato registrado nos livros de Ageu e Esdras, “as portas do inferno não prevalecem” contra o avanço do Reino (Mateus 16:18). E mesmo que os guardiões do império das trevas continuem lutando com todas as suas artimanhas, barrando muitas vezes o caminho, como registrado por nosso irmão Paulo em I Tessalonicense 2:18, o “evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações e então virá o fim” (Mateus 24:14). E assim, representantes de todas as nações, tribos, povos e línguas estarão diante do trono e diante do Cordeiro, entoando o maravilhoso cântico: “Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.” (Apocalipse 7:9). E para que isso aconteça, basta que cada um de nós diga ao Senhor como disse o Profeta: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Isaías 6:8).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CASTRO, Onésimo M. **Índios isolados: proteção, exclusão ou dominação**. In: LIDÓRIO, R. (Org.). Índios do Brasil; avaliando a missão da Igreja. Viçosa: 2002, p. 217-232. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/6951201>

DUARTE, Joana. **Índios isolados: é hora de rever a política do não contato?** Opinião e Notícia, 2016. Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/indios-isolados-e-hora-de-rever-politica-do-nao-contato/>. Acesso em: 19/05/2020.

HEADLAND, Thomas N. **Five biblio references on the viability of small populations**, E. U. A., 1998

Léry, Jean. **Viagem à Terra do Brasil**. 1961. Disponível em: https://www.academia.edu/42779223/VIAGEM_%C3%80_TERRA_DO_BRASIL

ONU. **Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas**. Rio de Janeiro: UNIC/ Rio/ 023 - Mar. 2008.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948.

SCHALKWIJK, Francisco L. **Índios Evangélicos no Brasil Holandês**. Fides Reformata, 1997. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/3_Indios_Evangelicos_no_Brasil_Holandes_Frans_Schalkwijk.pdf

SMITH, Osvald. **O Clamor do Mundo**. Editora Vida, 14ª Edição, 1994. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/649473699/O-Clamor-do-Mundo-Oswald-Smith-14-edicao-ed-Vida>

WALKER Robert S, KESLER, Dylan C. HILL Kim R. **As populações indígenas isoladas estão caminhando para a extinção?** PLOS.ONE, 2016. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0150987>

“SEM SANTIDADE NÃO HÁ SERVIÇO”

“WITHOUT HOLINESS THERE IS NO SERVICE”

Regina Martins da Silva¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo promover reflexões e diálogos sobre a importância da santificação para realizar um trabalho missionário efetivo, agradável, de acordo com a Palavra de Deus. O aporte teórico para a consecução desse objetivo baseia-se em autores como Ronaldo Lidório, Christopher Wright e Shelby Corlett. Ao encontro desses autores e dos fundamentos bíblicos correlatos, destaco que um trabalho efetivo e agradável a Deus deve ser alicerçado pela renúncia ao pecado e ao obedecer, dentre outros exemplos, ao que está escrito em Levítico 19.2b: “Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo”. Longe de esgotar o tema sob suas diferentes perspectivas, os resultados das reflexões permitem compreender que a vontade de Deus é que todos os povos glorifiquem o Seu santo nome, mas para isso acontecer é preciso que a santificação venha antes do serviço missionário.

Palavras-chave: santidade; trabalho missionário; serviço a Deus.

ABSTRACT

The article aims to promote reflections and dialogues on the importance of sanctification to carry out effective, enjoyable missionary work, according to the Word of God. The achievement of this objective finds theoretical support in authors such as Ronaldo Lidório, Christopher Wright and Shelby Corlett. Based on these authors and related biblical foundations, I emphasize that effective work that is pleasing to God must be based on renouncing sin and obey what is written, for example, in Leviticus 19.2b: “Be holy, because I, the Lord, your God, am holy.” Far from exhausting the topic from its different perspectives, the results of the reflections allow us to understand that God's will is for all peoples to glorify His holy name, but for this to happen, sanctification must come before missionary service.

Keywords: holiness; missionary work; service to God.

¹ Missionária formada pela Missão Antioquia e pelo Centro de Formação Missionário da Nazareno; jornalista graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) e em Docência do Ensino Superior pela Anhanguera Educacional. Foi repórter por mais de 6 anos na Kroton Educacional e hoje faz trabalhos voluntários para agências interdenominacionais. E-mail: reginamartins.silva@gmail.com / telefone/(WhatsApp): (19) 9 9181-1938.

INTRODUÇÃO

A frase título deste texto “Sem santidade não há serviço” foi mencionada pela palestrante Claudia Bustamante, em Santiago no Chile, em 2020, durante um evento chamado CIMA, promovido pela Missão Movida (Movendo Vidas). O evento é de mobilização e capacitação intensa a jovens cristãos para desafiá-los a uma entrega total a Deus e descobrirem-se na Missão de Deus. Claudia Bustamante, argentina, é diretora da RAIM (Rede Abrangente de Apoio Missionário), além de facilitadora do curso internacional Perspectivas em espanhol e pastora de uma igreja em Buenos Aires.

A participação da autora nesse evento no Chile promovido pela Missão Movida ensejou estudos e pesquisas sobre o tema. Por conseguinte, o presente artigo tem por objetivo promover reflexões e diálogos sobre a importância da santificação para realizar um trabalho missionário efetivo, agradável, de acordo com a Palavra de Deus. O aporte teórico baseia-se em fundamentos bíblicos e em autores como Ronaldo Lidório, Christopher Wright e Shelby Corlett.

SANTIDADE NA VIDA CRISTÃ

A Palavra de Deus, que é viva e eficaz, mostra amplamente o caminho para buscar e manter a santidade, porque o filho de Deus é chamado para ser santo (1 Pedro 1:16). Na caminhada cristã, a oração ao Pai e a leitura diária da Bíblia são importantes disciplinas para o cristão aperfeiçoar a santidade no temor do Senhor e purificar-se de tudo aquilo que contamina o corpo e o espírito (2 Coríntios 7:1). A santidade do cristão gera uma vida agradável ao Senhor, traz bom êxito no serviço missionário e glorifica o nome de Deus.

De acordo com Ronaldo Lidório (2003), apenas pessoas cheias do Espírito Santo poderão alcançar o mundo, porque ele não acredita em despertamento missionário sem quebrantamento espiritual. A prioridade da Igreja é morrer para a carne e ser revestida dos valores de Deus para glorificá-Lo. O autor explica que ser santo é ser separado para Deus e somente um povo santo pode atrair os perdidos para Cristo.

Ser santo é uma ordem do Senhor e os cristãos precisam refletir o caráter de Sua santidade para proclamar Suas virtudes aos povos e “...demonstrar na prática a santidade de vida é consistente com a santidade de sua condição como povo de Deus” (WRIGHT, 2012, p.149). Conforme Wright, não há missão bíblica sem santidade bíblica. O missionário cheio do Espírito glorifica a Deus e faz com que o povo que ainda não O conhece também glorifique ao Senhor. “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5.16).

Ter uma vida santificada é estar preparado para as boas obras. Salomão fez um pedido a Deus por santidade em 1 Reis 8.58: “faça com que de coração nos voltemos para ele, a fim de andarmos em todos os seus caminhos e obedecermos aos seus mandamentos, decretos e ordenanças, que deu aos nossos antepassados”. A busca por Deus e o reconhecimento do próprio pecado, abre oportunidade para Ele purificar o coração. Portanto, é necessário pedir perdão a Deus e ser santo em toda a maneira de agir, pensar e falar do missionário local ou transcultural. “...limpe a sua alma perante o Senhor,

repudie o pecado, deixe-se ser transformado pelo Espírito de Deus e grave em seu coração: "Santidade ao Senhor. (LIDÓRIO, 2003, p.19).

A Palavra de Deus adverte os cristãos a se portarem com temor durante a jornada na terra e para serem santos em tudo que fizerem, "pois está escrito: 'Sejam santos, porque eu sou santo' (1 Pedro 1:16). O cristão precisa aperfeiçoar a santidade no temor do Senhor e purificar-se de tudo aquilo que contamina o corpo e o espírito (2 Coríntios 7:1). Para isso, é muito importante ter comunhão com Deus em oração (1 Tessalonicenses 5:17) e leitura diária da Bíblia, porque a santificação vem do conhecimento da verdade (João 17:17).

A Bíblia ensina amplamente sobre a santificação. Ela é promovida pelo próprio Deus na vida de seus filhos por meio de Cristo (Hb 2.11), pela ação do Espírito Santo (1Co 6.11) e como resultado da Palavra (Jo 17.17). Resulta em uma transformação ética, moral e espiritual, e é destacada pelo apóstolo como a santidade do corpo. Ele exorta os crentes que se livrem da prostituição (impureza sexual ou todo relacionamento sexual que ocorre fora do casamento) e da lascívia (desejo sexual sem controle). Tessalônica vivia em um contexto de banalidade do corpo e de prostituição aberta, não muito diferente dos nossos dias. A exortação do apóstolo quanto à pureza era enfática. Ao mesmo tempo, ele ensinava que essa pureza era possível por intermédio de Deus, que nos dá o Espírito Santo. O participio presente do verbo "dar" expressa continuidade. Deus nos dá continuamente o Espírito para que, nele, possamos buscar a santidade (BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO, 2014, p. 1254)

Com a ajuda de Deus, pelo poder que há em Cristo e fé nEle, é possível ser santo, porque "sem santidade ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14) e Deus não chama ninguém para a impureza (1 Tessalonicenses 4:7).

A fé é a única condição desta obra de graça. "Somos santificados pela fé em Cristo" (Atos 26:18). Fé na eficácia do Sangue de Cristo; fé no fato que Cristo pode e quer santificar agora; fé para aceitar esta purificação completa agora. Eis o que leva o filho de Deus à experiência da inteira santificação (CORLETT, 2000, p. 35)

Não é por esforço humano nem por vontade própria que faz o cristão manter uma vida santa, mas sim a total dependência de Deus para ser agradável ao Senhor.

O segredo da vida de santidade é que o filho de Deus santificado depende inteiramente do Espírito Santo e de Sua plenitude dentro do coração para mantê-lo puro e limpo neste mundo pecaminoso. Percebe o crente que toda pureza ou santidade que possui provém de sua consagração total. Que a fé o levou a tal relação com Cristo na qual Ele o santifica inteiramente; e é apenas enquanto mantém essa relação que o crente, como filho de Deus, pode viver uma vida de santidade (CORLETT, 2000, p. 44-45)

Em Efésios 5:3, o apóstolo Paulo diz que no meio cristão não deve haver imoralidade sexual, qualquer espécie de impureza e cobiça, porque tais coisas não são próprias para os santos. "Missionários também passam por estas tentações, especialmente nos dias de hoje, com tanta facilidade em acessar a internet e sites pornográficos de qualquer ponto do globo, e escondidos." (BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO, 2014, p. 1225). O livro "O Abecedário da

Santidade Cristã”, de Shelby Corlett, diz que o Espírito Santo de Deus ajuda o cristão a viver em novidade de vida e entregar-se ao serviço do Seu Senhor. Porém, para que o nome de Deus não seja profanado, para que o testemunho do cristão e o serviço ao Senhor não sejam prejudicados, o filho de Deus precisa buscar viver uma vida santa em obediência ao Senhor.

A Palavra de Deus diz em Tito 2:14 que Jesus “se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras”. A Palavra também nos diz em Gálatas 5:17 que “a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro, de modo que vocês não fazem o que desejam.”. Por isso, é importante que o cristão, que é nascido de novo e tem domínio sobre o pecado, viva uma vida pelo Espírito para que não venha satisfazer os desejos da carne.

Deus planejou que Seu povo fosse liberto de todo pecado - da natureza do pecado e também das práticas pecaminosas. Portanto, chama todos os Seus filhos à santidade - estado de completa harmonia interior com a vontade de Deus e de plena libertação desta natureza pecaminosa (CORLETT, 2000, p. 26)

É o Espírito Santo quem dirige a vida do cristão, conforme a vontade de Deus, para uma vida de serviço que honre e glorifica o nome do Senhor.

Deve compreender que o Espírito Santo é sua própria vida e força. O Espírito é seu guia e consolador; seu assistente no viver e no serviço cristão; sua força para a obra cristã ativa. Portanto, deve conscientemente reconhecer a presença do Espírito Santo, obedecer integralmente à Sua orientação e liderança, e depender completamente dEle para o êxito na vida e no serviço cristão (CORLETT, 2000, p. 45)

Conforme a autora Corlett, é o Espírito Santo quem dirige a vida do cristão, de acordo com a soberana vontade de Deus para uma vida de serviço que honre e glorifica o nome do Senhor. E, o desejo do Pai é que o nosso corpo, nossa alma e nosso espírito sejam conservados irrepreensíveis na vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 5:23).

A IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE NO TRABALHO MISSIONÁRIO

Baseado em João 17:17, a nota de estudo da Bíblia Missionária diz que a santidade missionária do cristão é fruto do relacionamento e do compromisso com a Palavra de Deus. “Somos santificados quando meditamos humilde e seriamente nas Escrituras e, dessa forma, podemos crescer em nossa compreensão e ação missionária” (BÍBLIA MISSIONÁRIA DE ESTUDO, 2014, p. 1058). Todos os filhos de Deus são chamados para uma vida santa e cada um prestará contas a Ele. A confissão de pecados, o abandono da prática pecaminosa e a busca para não cometer o mesmo erro são atitudes necessárias na vida de todo cristão.

Ronaldo Lidório, em seu livro “Missões: O Desafio Continua”, diz que não acredita em despertamento missionário sem quebrantamento espiritual. Não existem missões sem isso. De acordo com Lidório, somente homens cheios do Espírito Santo podem alcançar o mundo.

Tenho aprendido que Deus não está, nunca esteve e nunca estará disposto a usar um povo que não seja santo, independentemente dos métodos adotados. Missiólogos poderão direcionar a igreja de Cristo para uma ação impactante de expansão do reino de Deus na Terra. Teólogos poderão propor princípios necessários para permearmos a obra dentro de uma teologia bíblica. Entretanto somente homens cheios do Espírito alcançarão o mundo (LIDÓRIO, 2003, p.19-20).

Ser santo, isto é, ser distinto ou separado para um trabalho missionário, é renunciar ao pecado por amor a Deus, em resposta ao que Jesus Cristo fez na cruz do calvário para salvação e por amor a todos os povos com o propósito de atraí-los ao Senhor. Somente um povo santo pode proclamar as virtudes de Deus e os cristãos devem ser exemplos de boas obras para aqueles que ainda se encontram em trevas como bem explica o apóstolo Pedro:

Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são povo de Deus; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam. Amados, insisto em que, como estrangeiros e peregrinos no mundo, vocês se abstenham dos desejos carnis que guerreiam contra a alma. Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, naquilo em que eles os acusam de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção (1 Pedro 2.9-12).

Na segunda carta que Paulo escreve a Timóteo, ele diz “Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade”, 2 Timóteo 2:15. Não basta, ao missionário, aprender e saber ensinar a Palavra de Deus, é preciso que ele seja aprovado por Deus e isso é possível se ele não estiver fazendo nada do que tenha que se envergonhar. É necessário pedir a ajuda de Deus para andar em Sua santidade na vida diária e o resultado dessa vida santa é a glorificação de Deus.

Antes de mais nada, precisamos crer que a missão mais importante da igreja não é proclamar o evangelho, não é se expandir, e tampouco conquistar a mídia e impactar a sociedade. A primeira missão da igreja é morrer. É perder os valores da carne e ser revestida com os valores de Deus. É se “desglorificar” para glorificar a Deus... E glorificar o nome do Senhor é a prioridade que Deus estabeleceu. E essa deve ser a prioridade da igreja (LIDÓRIO, 2003, p.33-34).

Em Salmos 119.11, está escrito: “Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti”. A obediência a Deus fará com que o ministério missionário prospere e seja agradável a Deus. Mas, por que o povo de Deus deve ser santo? Deus responde essa pergunta em Levítico 19.2b: “Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo”. Os missionários locais e transculturais, bem como todo o povo que é de Deus, devem ser santos, porque é uma ordem d’Ele. Os cristãos devem refletir o caráter de Sua santidade aos povos e “...demonstrar na prática a santidade de vida é consistente com a santidade de sua condição como povo de Deus” (WRIGHT, 2012, p.149). Christopher Wright explica o significado da palavra “santo”:

...Deus, na sua graça, escolheu “santificar” [...], ou seja, separar para si mesmo. Esse é o significado da palavra “santo” no Novo Testamento. Ela não se refere a pessoas especialmente religiosas nem àqueles que têm alcançado uma posição mais elevada do que os outros, por meio de um grande esforço espiritual ou de uma vida extremamente moral. Significa simplesmente: aqueles a quem Deus identificou como seus (WRIGHT, 2012, p.148).

Ser santo, então, é ser separado para Deus e, por sermos Dele, “não há missão bíblica sem santidade bíblica” (WRIGHT, 2012, p.151). Isso significa que missões, sejam ou não transculturais, até podem ser feitas, mas não são bíblicas se não estiverem agradando a Deus (Mateus 7:23). O missionário precisa estar cheio do Espírito Santo e conhecer bem a Sua Palavra para entender o que é ser santo aos olhos de Deus. Além disso, o pecado do missionário pode fazer com que o nome dele seja envergonhado, pode profanar o nome de Deus, induzir outros a errarem e/ou pecarem, entre tantas outras consequências por desobedecer a Deus.

Portanto, se o missionário profana o nome de Deus, ele não O glorifica, mas se ele tem uma vida santa, isso traz não somente glória ao nome de Deus como faz com que o povo que ainda não O conhece também glorifique ao Senhor. “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no exposto e na afirmação “Sem santidade não há serviço” (BUSTAMANTE, 2020), logo, ter uma vida santificada é estar preparado para as boas obras. Salomão fez um pedido a Deus por santidade em 1 Reis 8.58: “faça com que de coração nos voltemos para ele, a fim de andarmos em todos os seus caminhos e obedecermos aos seus mandamentos, decretos e ordenanças, que deu aos nossos antepassados”.

Conforme mencionado anteriormente, Salomão entendia que uma vida santa faria com que os povos conhecessem que só há um Deus, conforme foi dito em 1 Reis 8.60: “Assim, todos os povos da terra saberão que o Senhor é Deus e que não há nenhum outro”. É preciso buscar a Deus e reconhecer o próprio pecado abre oportunidade para Ele purificar o coração. Portanto, é necessário pedir perdão a Deus e ser santo em toda a maneira de agir, pensar e falar do missionário local ou transcultural.

Se você deseja se envolver com essa obra, antes de tirar algum dinheiro do bolso, de dobrar os joelhos para interceder pelo mundo ou mesmo de se colocar perante o Senhor para ser enviado, olhe para a sua vida. Caso seja necessário, limpe a sua alma perante o Senhor, repudie o pecado, deixe-se ser transformado pelo Espírito de Deus e grave em seu coração: “Santidade ao Senhor. (LIDÓRIO, 2003, p.19).

O objetivo desse texto foi promover reflexões e diálogos sobre a importância de ser separado ou distinto para realizar um trabalho missionário efetivo e agradável a Deus. O texto buscou esclarecer ao leitor o entendimento

de que o filho de Deus é chamado para ser santo (1 Pedro 1:16). O cristão não pode seguir o caminho da santidade por si mesmo ou por esforço próprio, mas sempre com a ajuda constante do Espírito Santo. A santidade pode ser aperfeiçoada no caminho com o Senhor por meio da oração e leitura diária da Palavra de Deus.

Buscar uma vida que agrade a Deus impacta o mundo ao redor e cumpre o objetivo de trazer mais pessoas a confessarem Jesus Cristo como Senhor, Salvador e a terem as suas vidas transformadas pelo poder que há no Evangelho. Todos os dias, os cristãos que fazem a obra missionária transcultural ou local estão sujeitos a errar, falhar e pecar, mas o que Deus não deseja é que o pecado continue dominando e escravizando o Seu povo. Por isso, é importante buscar a Deus, orar, pedir, clamar e, se for preciso, suplicar a Ele por uma limpeza profunda no coração.

O maior interessado na santificação do cristão é o próprio Deus, portanto, uma conversa sincera com o Pai celestial fará o Espírito Santo agir queimando todo o pecado. Somente assim é possível ter um trabalho missionário efetivo e agradável a Deus, porque o desejo dEle é que todos os povos glorifiquem o Seu santo nome. Por tudo isso, a santificação vem antes do serviço missionário. Longe de esgotar o tema sob suas diferentes perspectivas, os resultados das reflexões permitem compreender que a vontade de Deus é que todos os povos glorifiquem o Seu santo nome, mas para isso acontecer é preciso que a santificação venha antes do serviço missionário.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia Missionária de Estudo**. Almeida Revista e Atualizada, 2014.

BUSTAMANTE, Claudia. “**Sem Santidade não há Serviço**. In : 5º CIMA Internacional, fevereiro de 2020, Santiago/Chile. Disponível em: <<https://movida-net.com/br/#historia-de-movida>>. Acesso em: 28 abr. 2025.

CORLETT, Shelby. **O Abecedário da Santidade Cristã**. CNP, 2000.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Missões: o Desafio Continua**. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2003.

WRIGHT, Christopher. **A Missão do Povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova & Instituto Betel Brasileiro, 2012.

ENSAIO SOBRE MISSIOLOGIA E TEOLOGIA: CAMPOS DISTINTOS, PORÉM INSEPARÁVEIS

ESSAY ON MISSIOLOGY AND THEOLOGY: DISTINCT BUT INSEPARABLE FIELDS

Maruilson Souza¹

Reitor do Seminário Teológico do Exército de Salvação – Maputo
(Moçambique)

RESUMO

Nos primeiros séculos do cristianismo, missiologia e teologia eram como irmãs siamesas: inseparáveis e indissociáveis. De fato, a primeira é mãe da segunda (Kahler *apud* Bosch, 2002, p. 34). Consequentemente, a teologia era percebida como parte integrante da missiologia. No entanto, no decorrer dos séculos foram desconectadas. Se por um lado tal separação gerou especialização, por outro, provocou anomalias que impactaram (e ainda impactam) a missão cristã. O presente ensaio tem por objetivo principal refletir sobre essa questão que continua a incomodar missiólogos e teólogos comprometidos com a *Missio Dei*.

Palavras chaves: missão, missiologia, teologia.

ABSTRACT

In the early centuries of Christianity, missiology and theology were like Siamese twins: inseparable and indivisible. In fact, the former is the mother of the latter (Kahler *apud* Bosch, 2002, p. 34). Consequently, theology was perceived as an integral part of missiology. However, over the centuries they became disconnected. If on the one hand this separation generated specialization, on the other hand it caused anomalies that impacted (and still impact) the Christian mission. The main objective of this essay is to reflect on this question that continues to bother missiologists and theologians committed to the *Missio Dei*.

Keywords: mission, missiology, theology.

INTRODUÇÃO

Nos primórdios do cristianismo, missiologia e teologia eram duas faces da mesma moeda. Eram como irmãs siamesas. Por conseguinte, não se pensava em uma sem a outra. Estavam estrutural, umbilical, vertebral e cerebralmente unidas. Logo, impossível de serem separadas. Em outros termos, a teologia não

¹ Doutor (PhD) em Educação Teológica/Ciências da Religião (UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco) com Estágio Pós-Doutoral em Psicologia pela Universidad Kennedy (Buenos Aires, Argentina) e em Ciências da Religião pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. É membro-fundador da Rede Brasileira de Transdisciplinaridade e da Associação Brasileira de Estudos Wesleyanos. Atualmente é Reitor do Seminário Teológico do Exército de Salvação em Maputo-Moçambique. E-mail: maruilson.souza@gmail.com.

era considerada “um luxo da igreja”, mas “uma manifestação que acompanhava a missão cristã” (Kahler *apud* Bosch, 2002, p. 34).

Como filha da missão, a teologia amadurece e melhor se desenvolve quando no campo enfrenta os desafios socioculturais, políticos, religiosos, mas também os medos e temores que a realidade impõe a missionários e pastores.

Não sem razão, os primeiros pais e mães da Igreja (Séc. II-VII), enquanto difundiam a mensagem do Evangelho (missão), nos legaram uma grande produção espiritual-intelectual. Com suas preocupações missionárias e pastorais, eles inculturaram o Evangelho nas suas culturas, defenderam a fé dos ataques de grupos sectários, responderam questões levantadas por filósofos da época, mostraram não ser a fé cristã incompatível com a razão e estabeleceram as doutrinas fundamentais do cristianismo. Quer dizer, elaboraram suas teologias como resultado do labor missionário (BOGAZ, 2008; POITIERS, 2005; SPANNEUT, 2002; LIÉBAERT, 2000; PADOVESE, 1999; KELLY, 1994). E não somente isso, se retrocedermos um pouco podemos observar que tanto Jesus como Paulo fizeram teologia enquanto faziam missão.

JESUS DE NAZARÉ COMO PROTÓTIPO FUNDANTE DO MISSIONÁRIO-TEÓLOGO

Em Jesus, missão, ensino, cura, oração e ação estão fundidos e se expressam simultaneamente. Nele estão combinados teologia e a missão de anunciar o Evangelho, bem como a de ser ponte de reconciliação entre Deus e a humanidade. Como missionário, Jesus deixa a eternidade, a companhia do Pai e dos seres celestiais para habitar entre os homens, com suas limitações. Faz isso, assumindo a própria finitude humana.

Ciente de que sua missão na terra seria limitada pelo tempo e espaço e sabedor de que voltaria “para o Pai” (Jo. 14.28; 16.28), Ele ensinou sobre o Reino de Deus, a não se apegarem a externalidades e ritos, mas se deixassem transformar do interior para o exterior. Ele igualmente os treinou para dar continuidade à Sua missão (BRUCE, 2005).

O APÓSTOLO PAULO COMO PARADIGMA PRIMITIVO DO MISSIONÁRIO-TEÓLOGO

Depois de Jesus, o apóstolo Paulo foi, certamente, o maior exemplo de missionário-teólogo do cristianismo primitivo. Intelectual judaico convertido a Cristo, poliglota – falava aramaico, hebraico, grego e latim –, tornou-se missionário, plantador de igrejas, escritor de mais da metade do Novo Testamento e o principal teólogo da Igreja nascente.

Como teólogo, pensa Deus e a humanidade; repensa a Lei e o papel do Evangelho da graça no processo de salvação, assim como a função da Igreja no drama cósmico da salvação do universo (Rm. 8.19-22) (Sanders, 2015; Dun, 2003; Ridderbos, 2000).

Isso significa que em Paulo não é possível separar labor teológico da sua identidade de pastor-missionário-plantador de igrejas que viaja “o mundo”

romano de então com uma mensagem que é ao mesmo tempo escatológica, de amor e de transformação (Burke e Rosner, 2011).

Os próprios escritos do Novo Testamento não são documentos produzidos por teólogos profissionais em seus gabinetes fechados. Ao contrário, são registros de desafios, questões e respostas teológicas que emergiram a partir do labor missionário. Por conseguinte, ainda que haja diferença no labor, na perspectiva neotestamentária é incorreta a ideia de que teólogos não são missionários e que missionários não possam pensar teologia.

OS EVANGELHOS COMO DOCUMENTOS MISSIONÁRIOS-TEOLÓGICOS

Os evangelhos têm conteúdo teológico? E como. Os ensinamentos, a convivência de Jesus com os excluídos da sociedade de então, assim como Sua reinterpretção da Lei Mosaica lá se fazem presentes. Mas igualmente Suas viagens missionárias, a forma como treinou e enviou Seus apóstolos em missão (Lc. 10.1-12), bem como Sua *práxis* libertadora e salvífica em favor dos seres humanos.

Em outras palavras, os Evangelhos são acima de tudo documentos missionários *par excellence!* Neles registra-se a maneira como o Filho de Deus fez missão: enviado pelo Pai (Jo. 5.37-38; 6.37-40; 6.44-48; 12.49-50; Mc. 6.7-13); assumiu a natureza humana (Jo. 1.14; Fp. 2.6-11); foi ungido pelo Espírito Santo (Lc. 4.19-19); rompeu barreiras do tempo, espaço, culturais, morais, preconceituais, religiosas e sociais para ser e levar a mensagem de cura e salvação. Tome o Seu contato com a mulher samaritana como exemplo (Jo. 4.7-42).

Jesus também encarnou-Se em uma cultura (Gl. 4.4-5; 1 Tm. 1.15-17); desenvolveu-Se integralmente “diante de Deus e dos homens” (Lc. 2.52); aprendeu línguas. Segundo James Barr, Ele falava aramaico e hebraico e, provavelmente, era também falante dos idiomas grego e latim (Barr, 1970, p. 9-29; Barr, 2012, p. 263-280).

De fato, a partir de cada um dos Evangelhos, é possível estudar diferentes aspectos missionários de Jesus e do Seu ministério. Assim sendo, em Mateus, seguir a Jesus e fazer missão são sinónimos. “Indo por todo o mundo” o discípulo é chamado renunciar ao mal e à maldade, a assumir sua jornada em direção ao sofrimento e à cruz (Mt. 16.24-27), a viver e “pregar o Evangelho”, a disseminar os valores do Reino de Deus e “fazer discípulos” (Mt. 28.16-20).

A perspectiva missio-teológica de Marcos é a de anunciar Jesus como “o Filho de Deus” (Mc. 1.1), explorar Seu ministério público; anunciar “o Reino de Deus” que chama à conversão (Mc. 1.15), ao seguimento e à missão (Mc. 1.17-18).

Na missiologia teológica de Lucas, Jesus é o curador de todas as enfermidades e doenças; libertador dos espíritos imundos; acolhedor dos excluídos (mulheres, crianças e samaritanos); e anunciador da “Boa Nova” aos pobres (Lc. 4.16-19). Seus seguidores-missionários são enviados no modelo do Mestre a fim de serem “mensageiros da paz”, do amor, do cuidado, da compaixão e da misericórdia de Deus (Lc. 10.1-9). Em um contexto em que se cria na existência de um caminho que quem nele entrasse encontraria a vida eterna, o autor do quarto Evangelho apresenta Jesus Cristo como o *Logos* de Deus, através de Quem o Pai criou todas as coisas e a “verdadeira luz que ilumina a todo homem” (Jo. 1.1-3, 9) e

como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo. 14.6). Ou seja, o objetivo do Evangelho de João é o de levar seus leitores à fé em Jesus para que, ao fazerem isso, “tenham vida em Seu nome” (Jo. 20.31).

AS EPISTOLAS E O APOCALIPSE COMO DOCUMENTOS PRIMEVOS MISSIONÁRIOS-TEOLÓGICOS

O livro dos “Atos do Espírito Santo” constitui um registro escrito da obediência (Lc. 24.49; At. 1.4-5), da unidade na diversidade (At. 2.42-47), da fidelidade (At. 5.29; 7.54-60), do zelo (At. 26.19-21), da expansão (At. 1.8; 13.1-13) e da estratégia missionária (At. 13; 15.39-18;22; 18.23-21.16) dos apóstolos.

Em Bereia (At. 17.10-15), a comunidade cristã mostra-se aberta a ouvir a mensagem trazida por Paulo e Silas, sem desistir de conferir se o que estavam a dizer estava em conformidade com as Escrituras. Em Atenas (At. 17.16-34), o apóstolo Paulo demonstra sensibilidade cultural, conhecimento de poetas locais, capacidade hermenêutica e de fazer a teologia cristã dialogar com as visões de mundo gregas.

As epístolas ético-teológicas (Romanos, 1ª e 2ª Coríntios, Gálatas e 1ª e 2ª Tessalonicenses) abordam aspectos fundamentais da ética (imoralidade na igreja, a exploração do outro e a igualdade entre os cristãos) e da doutrina (a condição da humanidade perante Deus; a solução de Deus para a questão do pecado; o caráter Deus; a obra de Cristo; a importância do cuidado uns dos outros; a unidade dos cristãos; o corpo como templo do Espírito Santo; os dons do Espírito; a unidade na diversidade; a liberdade em Cristo); as virtudes teológicas (fé, esperança e amor); a morte; a ressurreição dos mortos; a graça de Deus; a salvação do cosmos e a expectativa da volta de Cristo.

Esses assuntos éticos-teológicos surgiram a partir da lida missionária nas cidades de Corinto, Éfeso, Tessalônica, nas regiões da Galácia e na expectativa de expansão missionária em solo europeu.

As cartas pastorais (1ª e 2ª Timóteo e Tito) refletem sobre questões práticas percebidas a partir do labor missionário, as quais merecem atenção especial, orientações e correções, inclusive doutrinárias (Cf. Wright, 2021a).

Já as epístolas da prisão (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon) refletem a maturidade pessoal e pastoral do autor e, ao mesmo tempo, servem como fonte de inspiração para uma vida de humildade, apesar das arrogâncias dos detentores do poder; de alegria, apesar das adversidades; gratidão, apesar do sentimento dos abandonos e do sentimento de solidão; de firmeza no Evangelho, apesar das perseguições; vitória, apesar da aparente derrota diante da proximidade da morte; da proeminência de Cristo, apesar das circunstâncias; e da consciência do auto sacrifício, da ética e do perdão, apesar da violência e do desamor (Wright, 2021b; Shedd e Mulholland, 2005).

Nessas epístolas sobressaem a preocupação missio-teológico-pastoral para que os fiéis mantenham a fé em Cristo e não retornem às práticas antigas; a não confundirem “sombras” com a realidade trazida por Cristo, nem com “sacrifícios repetidos”, pois Ele é superior a tudo e a todos (Hb. 1.1-3; 7.19; 8.5-6; 10.1); instrui a respeito da busca de sabedoria para o viver cotidiano de acordo com a fé professada; para manter a coerência entre o discurso e a vida prática;

para a importância do amor fraterno, da paciência e da fé nas provações, como forma de testemunho do Evangelho.

No livro do Apocalipse, a Igreja é estimulada a manter-se em missão mesmo sob perseguição; a não se curvar diante das injustiças conduzidas por um Estado idólatra que exige que seus súditos adorem ao imperador como deus; e, em meio a dor, ao sofrimento e a vidas derramadas, à semelhança de Jesus Cristo – “a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos” –, testifique da Palavra de Deus, ainda que para isso sofra o martírio (Ap. 1.2, 5).

IMPACTOS DA DISSOCIAÇÃO ENTRE MISSIOLOGIA E TEOLOGIA

Conforme afirmado, o Novo Testamento é o documento missionário que o cristianismo primitivo legou às gerações futuras. Por conseguinte, nele emergem questões práticas, mas também doutrinárias, apologéticas, escatológicas, teológicas e estratégias de divulgação e propagação da fé cristã utilizadas por aqueles cristãos das primeiras gerações.

Não obstante, aquilo que no início era unido (missiologia e teologia), no decorrer dos séculos ocorre a separação. Com isso, tanto o saber teológico quanto a prática missionária deixam de ser iluminadas pela missão. Nesse sentido, ambos correm o risco de perderem sua natureza e, por conseguinte, a relevância. Não sem razão, David Bosch chama a atenção a respeito do assunto. Para ele,

Assim como a igreja deixa de ser igreja se não for missionária, a teologia cessa de sê-lo se perder seu caráter missionário. A questão crucial, então, não é simplesmente, ou apenas, ou sobretudo o que é igreja ou o que é missão; a pergunta também envolve o seguinte: o que é a teologia e de que se trata? Necessitamos de uma pauta missiológica para a teologia, não apenas de uma pauta teológica para a missão; porque a teologia, se entendida corretamente, não tem outra razão de existir senão a de acompanhar criticamente a *missio* Deus. (Bosch, 2002, p. 589-590).

Assim sendo, o fazer e o saber devem redescobrir a natureza da sua existência – estar a serviço da missão de Deus, no mundo de Deus – e iluminarem-se reciprocamente. Consequentemente, quaisquer tentativas de isolar os aspectos missiológicos dos teológicos (e vice-versa) devem ser vistos como prejudiciais a uma compreensão ampla e profunda do que é ser Igreja, bem como do seu papel no mundo.

Outro ponto importante, é que a desconexão entre missiologia e teologia contribui para um fazer sem saber o porquê e para um saber que não dialoga nem com a Bíblia, nem com a história nem com a realidade ao redor. Tal descompasso pode levar a uma compreensão superficial dos fundamentos bíblicos, históricos e teológicos da missão como também a um entendimento raso dos aspectos escatológicos, estratégicos e missionários da Igreja.

Quando isso acontece, pode-se adquirir uma visão limitada da missão, de modo a excluir respostas às necessidades do mundo, repudiar seu envolvimento em questões sociais, assim como rejeitar a busca de justiça para o mundo dos

mais pobres, a defender e a promover ações que visem proteger o planeta e a violação dos direitos humanos.

Em outros termos, a dissociação entre missiologia e teologia colabora para que a Igreja e os cristãos deixem de “ser sal da terra e luz do mundo” (Mt. 5.13-14) e de anunciar o Evangelho na sua integralidade. Como afirma o movimento de Lausanne: É preciso se comprometer e levar “o Evangelho todo para o homem todo”.

CONCLUSÃO

A ideia de que a teologia atrapalha a missão é incorreta. Assim como o pressuposto de que o missionário deve somente interessar-se pelo “fazer missão”, sem levar em consideração suas implicações. Tais suposições advém do divórcio entre missão e teologia, as quais nasceram como inseparáveis, caminhando lado a lado, completando-se e iluminando-se mutuamente.

A superação de tal dicotomia beneficia a missão, mas igualmente traz implicações para a formação de futuros missionários-teólogos, dos quais deve-se exigir tanto vocação, maturidade pessoal e emocional como firmeza espiritual, sólida formação teológica e envolvimento na missão – a partir da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARR, James. Which languages did Jesus speak? Some remarks of a semitist. *Bulletin of the John Rylands Library*. V. 53, n. 1, p.9-29, 1970.

BARR, James. Which semitic language did Jesus speak and other contemporary. Vol. 74, n. 2, April 2012, p. 263-280.

BARROZO, Victor Breno Farias. Por uma missiologia integral: reconsiderando as relações entre missão e teologia para uma igreja contextual e relevante. IN: BARROZO, Victor; GOMES, Ozean; CARDOSO, Samuel. (Org.). Uma teologia para chamar de nossa. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

BOGAZ, Antônio S.; COUTO, Márcio A. e HANSEN, João H. Patrística: Caminhos da Tradição Cristã. São Paulo: Paulus, 2008.

BOSCH, David J. Missão transformadora: Mudanças de paradigmas na teologia da missão. Trad. Geraldo Korndorfer e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2002.

BRUCE, A. B. O treinamento dos doze: Princípios bíblicos saudáveis para o desenvolvimento da liderança e do discipulado. São Paulo: Arte Editorial, 2015.

DUNN. James D. G. A teóloga do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulus, 2003.

KELLY, John Norman Davidson. Patrística: Origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LIÉBAERT, Jacques. Os Padres da Igreja – Vol. 1. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MYKLEBUST, Olav Guttorm. Missiology in contemporary theological education: A factual survey. *Mission Studies*, p. 87-

OBORJI, Francis Anekwe. Contemporary missiology in theological education: Origins and new perspectives. *Missiology Magazine*, v. 34, n. 3, p. 383-397, 2006.

PADOVESE, Luigi. Introdução à teologia patrística. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

POITIERS, Santo Hilário de. Patrística: Tratado sobre a Santíssima Trindade. São Paulo: Paulus, 2005.

RIDDERBOS, Herman. El pensamiento del apóstol Pablo. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 2000.

SANDERS, E. P. Paul: The apostle's life, letters, and thought. Minneapolis: Fortress Press, 2015.

SHEDD, Russell P. e MULHOLLAND, Dewey M. As epístolas da prisão: Uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. São Paulo: Edições Vida Nova, 2016.

SPANNEUT, Michel. Os Padres da Igreja – Vol. II. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WRIGHT, N.T. Paulo para todos: Cartas pastorais. Curitiba: Thomas Nelson Brasil, 2021a.

WRIGHT, N.T. Paulo para todos: Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemon. Curitiba: Thomas Nelson Brasil, 2021b.

ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO TRABALHO MISSIONÁRIO

HEALTH PROFESSIONALS' WORK IN THE MISSIONARY FIELD

Clarice Lima¹

RESUMO

Este artigo possui por objetivo refletir sobre a atuação profissional de cuidado em saúde como uma potencial ferramenta missionária. À luz das Sagradas Escrituras e das evidências científicas sobre a influência da espiritualidade na saúde, esse trabalho propõe a seguinte temática: É possível integrar a atuação como profissional de saúde e o trabalho missionário? Trata-se de uma revisão narrativa, cujo propósito primário é o mapeamento do assunto em questão, visando a construção da contextualização do problema, não apenas ao identificar temas comuns na literatura prévia, mas também apontar novas perspectivas. Para isso, foi empregada a pesquisa bibliográfica, incluindo fontes em meio físico e digital, tais como a Bíblia, livros, artigos científicos e plataformas missionárias, em português e inglês. Evidências científicas sobre a importância da espiritualidade na saúde dos pacientes estão cada vez mais expressivas, porém ainda há lacunas consideráveis quanto à preparação dos profissionais de saúde para essa abordagem. Os cristãos, que verdadeiramente aprenderam com o mestre Jesus Cristo, têm a oportunidade de cuidar dos enfermos e podem exercer sua profissão de maneira ética, responsável e intencional enquanto testificam do amor de Deus aos seus pacientes. As profissões na área de saúde abrem portas para entrada em muitos países onde a atividade missionária é proibida ou restrita. Longe de uma completa abrangência desse relevante assunto, o presente artigo serve como orientação para novas perspectivas na formação e prática profissional, e como ponto de partida para novos estudos e linhas de pesquisa na área.

Palavras-chave: espiritualidade; missões médicas; missionários.

ABSTRACT

This article aims to present professional healthcare work as a potential missionary tool. Considering the Holy Scriptures and scientific evidence on the influence of spirituality on health, this work proposes the following theme: Is it possible to integrate professional healthcare work and missionary work? This is a narrative review, whose primary purpose is to map the subject in question, aiming to construct the contextualization of the problem, not only by identifying

¹ (Pseudônimo) Mestre em Fisioterapia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Especialização em Missiologia pelo Centro de Estudos Avançados em Missões – CEAM da AMIDE. Bacharel em Fisioterapia pela Faculdade Pernambucana de Saúde. Missionária da Pioneiros desde 2023, atualmente no Sudeste Asiático.

common themes in previous literature but also by pointing out new perspectives. To this end, bibliographic research was used, including sources in physical and digital media, such as the Bible, books, scientific articles and missionary platforms, in Portuguese and English. Scientific evidence on the importance of spirituality in patient health is increasingly expressive, but there are still considerable gaps in the preparation of health professionals for this approach. Christians, who have truly learned from the master Jesus Christ, have the opportunity to care for the sick and can practice their profession in an ethical, responsible and intentional manner while testifying of God's love for their patients. The healthcare profession opens doors for entry into many countries where missionary activity is prohibited or restricted. Far from being a complete coverage of this important subject, this article serves as a guide for new perspectives in professional training and practice, and as a starting point for new studies and lines of research in the area.

Keywords: spirituality; medical missions; missionaries.

INTRODUÇÃO

“Então, (Jesus) enviou-os a pregar o Reino de Deus e a curar os enfermos.” (Lucas 9:2). As boas-novas de Jesus Cristo são de salvação a todo que crer, e esse Evangelho transformador é capaz de abraçar o homem em todos os aspectos. Jesus promoveu libertação e cura de toda espécie de sofrimento e enfermidade, e equipou seus seguidores para a mesma missão (RIO e NASCIMENTO, 2023). Não é por acaso que os primeiros hospitais da civilização ocidental foram construídos por grupos de cristãos, e que por centenas de anos, foram eles que proveram treinamento médico e centros de cuidado aos doentes que não podiam pagar por tratamento (Koenig, 2001; Rio e Nascimento, 2023).

Nas últimas décadas, a comunidade científica vem chamando atenção para o bem-estar humano não somente físico, trazendo à tona fatores sociais, mentais e espirituais. O conceito de saúde definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças” foi desenvolvido há mais de oitenta anos e permanece válido e inalterado desde então, a despeito das muitas críticas recebidas ao longo dos anos (Armitage, 2023; World Health Organization, [s.d.]). Tais fatores, entretanto, nunca se tornaram obsoletos para os cristãos; na verdade, é o cerne da missão da Igreja desde a sua instituição – o cuidado integral (Rio e Nascimento, 2023).

Como cristãos, temos consciência que somos seres espirituais, e nosso papel é compreender e participar ativamente da sociedade hoje, aplicando os princípios bíblicos e exercendo nossa parte na Grande Comissão. Contudo, a despeito da relevância histórica do cuidado cristão exercido aos enfermos, a sensibilidade e intencionalidade da Igreja em servir ao outro foram significativamente afetadas pelo ativismo do presente século. Dessa forma, a reabertura do diálogo entre a saúde física e a espiritual no campo da ciência alarga o espaço para os missionários levarem o Evangelho através do exercício de suas profissões, de maneira bíblica, ética e respeitosa

(KOENIG, 2012).

O cuidado em saúde é uma oportunidade de apresentar o poder do Evangelho de Jesus Cristo, seja em missões de curto ou longo prazo, inclusive pode ser a porta de entrada em locais onde a Igreja enfrenta desafios e resistência. Para isso, faz-se necessário elucidar questões fundamentais para que os profissionais de saúde cristãos se sintam preparados e incentivados a exercer concomitantemente seu chamado e sua profissão no campo missionário.

Portanto, este texto busca colocar em discussão o que a comunidade científica preconiza sobre a espiritualidade no contexto da saúde, os princípios bíblicos relacionados ao tema, e estratégias missionárias atuais, de modo que seja possível compreender a questão proposta: é possível integrar a atuação como profissional de saúde e o trabalho missionário? Os próximos tópicos foram divididos de forma a discorrer sobre cada uma dessas esferas, não extensivamente, mas de modo objetivo a fim de estabelecer relações, construindo uma fundamentação teórica ao mesmo tempo em que traz novas possibilidades.

ESPIRITUALIDADE E SAÚDE – PERSPECTIVA CIENTÍFICA

Somos seres finitos e limitados, sujeitos a processos naturais inerentes à condição humana, como doença e saúde, dor e bem-estar, nascimento e morte (Martini e Martins, 2012). O bem-estar espiritual, apesar de não ter sido incorporado à definição oficial de saúde da OMS, teve seu papel notadamente reconhecido durante as assembleias da organização nas décadas de 80 e 90 (Resolução WHA 37.13) (SCHRAMME, 2023).

Esse aspecto vem sendo amplamente discutido na literatura mundial, e diante do expressivo número de estudos publicados nas últimas décadas, não há dúvidas de que a espiritualidade é essencial no cuidado holístico da saúde (KOENIG, 2012). O cuidado às necessidades espirituais do paciente soma-se às necessidades físicas, mentais e sociais, e traduzem-se na necessidade de esperança, de sentido e propósito na vida, e de se sentir conectado e amado, que são potencializadas nos períodos de doença e sofrimento (Hefti e Esperandio, 2016).

A espiritualidade dos pacientes exerce um papel importante como fator de proteção à saúde. De maneira geral, isso inclui: aceitação da doença e adesão ao tratamento; suporte emocional e psicológico que gera esperança e otimismo; ajuda na superação e minimização dos efeitos gerados pelo processo doença e na melhoria do funcionamento cerebral; além da redução da taxa de mortalidade (CRUZ, PINTO E SOUSA *et al.*, 2020; NUNES *et al.*, 2020).

No que diz respeito ao profissional de saúde, o seu objetivo é sempre maximizar os resultados em saúde, sendo atribuições da equipe, perceber, identificar e cuidar também da dor espiritual (HEFTI e ESPERANDIO, 2016; KOENIG, 2012; MIGUEL, 2021). A maioria dos profissionais de saúde compreendem que os pacientes realmente necessitam e desejam falar sobre questões espirituais e suas crenças durante o tratamento e isso melhora a relação entre eles (CRUZ, PINTO e SOUSA *et al.*, 2020; GERONE, 2016).

Em contrapartida, tanto pacientes como os próprios profissionais de saúde reconhecem que a maioria não o faz com frequência. Muitos profissionais têm dificuldade de identificar as demandas espirituais, e não sabem ou se sentem inseguros em como abordar essas questões com seus pacientes, e uma das causas pode ser a falta de formação para a oferta do cuidado espiritual (ESPERANDIO e LEGET, 2020; GERONE, 2016).

É importante ressaltar que a responsabilidade de uma avaliação mais profunda e extensa do sofrimento espiritual é atribuída ao capelão, que elabora um plano de ação a ser partilhado com a equipe multidisciplinar. No entanto, existem casos em que os pacientes podem preferir conversar sobre esses assuntos com os profissionais que estão acompanhando a longo prazo, mesmo que estes não sejam especialistas espirituais (HEFTI e ESPERANDIO, 2016).

Assim, há uma grande oportunidade e responsabilidade para os profissionais de saúde cristãos preencherem essa lacuna na saúde. O cuidado faz parte do modo de ser cristão. Antes mesmo da vocação aprendida, há um chamado de Deus para o cuidado dos outros seres humanos, cuja máxima expressão nas Escrituras foi a vida e ministério do Filho, o Deus que se encarna, se faz frágil e pequeno, e cuida.

PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA O CUIDADO EM SAÚDE

Desde o Antigo Testamento, a Bíblia apresenta os registros de narrativas de pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade social e sofrimento, e que precisavam ser assistidas – viúvas e órfãos, escravos, estrangeiros, prisioneiros, pobres e doentes (RIO e NASCIMENTO, 2023). Textos messiânicos já anunciavam que essas pessoas seriam prioridades do Messias e teriam suas vidas transformadas com o vindouro ministério de Jesus, conforme se lê em Isaías:

“O Espírito do Soberano Senhor está sobre mim porque o Senhor ungiu-me para levar boas notícias aos pobres. Enviou-me para cuidar dos que estão com o coração quebrantado, anunciar liberdade aos cativos e libertação das trevas aos prisioneiros, para proclamar o ano da bondade do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; para consolar todos os que andam tristes.” (Isaías 61:1-4)

Jesus Cristo enfatizou em palavras e ações claras e representativas, que o Mestre não veio para ser servido (Marcos 10:45; Lucas 22:27), servindo as pessoas a sua volta em várias necessidades (Lucas 7:21;) e demonstrando aos seus discípulos que maior é aquele que serve (Mateus 20:26-27; João 13:14-17). Dentre todos os necessitados, os doentes especialmente eram alvo frequente da obra ministerial milagrosa de Jesus. “Então, Jesus respondeu: – Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres;” (Lucas 7:22).

Durante a cura do paralisado em Cafarnaum (Marcos 2:1-12), por exemplo, Jesus demonstra à multidão e aos líderes religiosos presentes seu

poder e autoridade para perdoar pecados através da efetiva cura daquela enfermidade física.

O Mestre não apenas quebrou paradigmas em sua era, mas também repartiu a mesma autoridade contra o mal com os seus discípulos, “Chamando os doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar os espíritos impuros e curar toda a espécie de doenças e enfermidades.” (Mateus 10:1). E mais além, Jesus mostrou que, ao fazê-lo, seus fiéis seguidores estariam fazendo ao próprio Deus, indicando que o cuidado aos doentes era algo inerente à pregação do Evangelho até o seu retorno. “E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:39-40).

Assim, após a ressurreição de Cristo, a Igreja, instituída por Ele e fundamentada no ensino dos apóstolos e profetas (Efésios 2:20), dedicava-se intencionalmente a práticas de cuidado e misericórdia (Atos 2:45-46; 3:6; 4:34-37; 5:16). A missão da igreja de pregar o Evangelho do Reino foi cumprida progressivamente e a preocupação com a vida espiritual de seus fiéis não isentava o seu caráter assistencial diante das enfermidades da sociedade (RIO e NASCIMENTO, 2023).

Com o advento da ciência moderna e a infinidade de descobertas que transformaram profundamente a vida humana, a doença deixou de ser fatalidade e a saúde passou a ser entendida como fator a ser promovido e cultivado pelo homem. Como bem relataram Martini e Martins (2012), “No mundo da doença, a ciência sucedeu a fé, a caridade foi substituída pela técnica, o santo pelo profissional, a gratuidade pelo pagamento, a missão da Igreja pelo dever do Estado.”.

Hospitais e profissionais de saúde assumiram a função de diagnosticar, curar e reabilitar, entretanto, nem sempre a relação destes com o paciente tem correspondido às suas necessidades, pois como já vimos, a saúde não se resume a ausência de doenças, conforme Martini e Martins, 2012; Tavares *et al.* (2016). Se por um lado, o enfoque mudou e a responsabilidade social em relação à saúde pertencem ao Estado, e não mais à Igreja, por outro lado, a Palavra de Deus permanece a mesma e continua sendo nosso papel como cristãos cuidar da vida, em todos os seus aspectos.

Portanto, seja na ação de cura através da autoridade do nome de Jesus, na implementação de práticas e assistência de saúde, ou na prestação de conforto em visitas aos enfermos, os cristãos são convidados a exercer sua espiritualidade no ato de cuidar do doente. Nesse sentido, há uma maior oportunidade para os cristãos profissionais de saúde aliarem a espiritualidade ao cuidado inerente a sua profissão.

PROFISSIONAIS DE SAÚDE E MISSÕES

O cenário de missões tem mudado drasticamente e, apesar dos grandes desafios, acredita-se que essa geração recebeu oportunidades monumentais. No mundo onde 80% da população vive em países onde missionários tradicionais são proibidos ou severamente restringidos, médicos, enfermeiros e outros profissionais de saúde são geralmente recebidos de



braços abertos por governos que, de outra forma, fechariam as portas para cristãos ou ministérios (Thiessen, [s.d.]).

Diante disso, as evidências científicas e diretrizes bíblicas abordadas até aqui seriam suficientes para responder à pergunta norteadora desse estudo, pelo menos em teoria. Sim, não apenas é possível, mas também uma vez conscientes do chamado e das janelas de oportunidade oriundas da profissão, os cristãos profissionais de saúde deveriam se engajar em missões. E naturalmente o questionamento seguinte seria: qual o primeiro passo?

Ainda que o foco deste artigo não seja responder “como?”, quando se trata de missões, é primordial abordarmos também questões práticas. Primeiramente, é necessário fazer uma distinção com relação ao significado de missão no contexto da saúde. O termo missões médicas é um descritor em saúde definido como “viagem de um grupo de médicos com a finalidade de fazer um estudo especial ou incumbir-se de um projeto especial de curta duração” (Biblioteca Virtual em Saúde, [s.d.]). Em um contexto amplo, pode se referir a ações de ajuda humanitária que levam atendimento de saúde a comunidades em situação de vulnerabilidade, podendo ser realizados em parceria com organizações e projetos universitários com ou sem ligação religiosa. Não é a esse tipo de missão que estamos nos referindo.

No âmbito cristão e missionário, as missões médicas vão muito além de um trabalho voluntário de curto prazo em viagens de ajuda humanitária. A plataforma MedicalMissions.com, por exemplo, categoriza as missões médicas em seis principais esferas: missões de curto prazo, missões de longo prazo, missões domésticas, mercado de trabalho, educação médica e socorro em desastres. No contexto global atual, é possível encontrar diferentes oportunidades de servir através de pelo menos mil organizações missionárias dedicadas ao cuidado em saúde espalhadas pelo mundo (MEDICAL MISSIONS, [s.d.]).

Diante dessa ampla gama de agências e locais para servir, sugerimos que o primeiro passo prático do profissional de saúde ao buscar descobrir qual forma de engajamento em missões se encaixa com a sua especialidade e áreas de interesse, seja o comprometimento com Deus. Seja qual for o nível de entendimento sobre as opções disponíveis, é importante explorar todas elas confiando que o Senhor é quem guiará o próximo passo.

“Participe de uma conferência de missões médicas. Leia livros e artigos sobre missionários da área da saúde e seu trabalho para Cristo. Faça uma viagem missionária de curto prazo para uma área do mundo que Deus está colocando em seu coração. Apoie um missionário da área da saúde e tenha contato regular com essa pessoa.” (MEDICAL MISSIONS, 2025)

Coadunamos nosso entendimento com essa citação ao destacar as palavras do Dr. David Stevens, CEO da Christian Medical & Dental Association, em que exorta os profissionais de saúde cristãos a começarem a se engajar agora à medida em que o Espírito Santo os move (STEVENS, [s.d.]). Sem a pretensão de esgotar toda gama de possibilidades de discussão sobre o tema, a seção a seguir tece algumas considerações finais para este texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas evidências na literatura acerca do papel da espiritualidade na relação saúde-doença das pessoas, e de como profissionais de saúde podem beneficiar seus pacientes incluindo esse aspecto de forma ética e respeitosa no tratamento, porém, a maioria deles ainda não está preparada. Como discípulos de Jesus Cristo na presente era, temos não só o modelo de cuidado integral das necessidades humanas, como também o dever e a autoridade de fazer discípulos em todas as nações. Seguindo o exemplo do Mestre, verdadeiros cristãos também podem fazer a diferença numa sociedade tecnicista, ao aliar sua vocação ao seu chamado, e a espiritualidade à saúde no ato de cuidar de maneira científica, humana e eticamente competente.

Salientamos a importância de se buscar ter a mente de Cristo (1 Coríntios 2:16). Como discípulos do Médico dos médicos, temos a oportunidade de fazer discípulos em nosso dia a dia, especialmente no exercício ordinário da profissão, já no presente momento. Também precisamos considerar que dons, paixões, experiências e habilidades que Deus deu podem ser empregados em alguma parte do mundo onde Jesus é pouco conhecido, inclusive abrindo portas onde missionários não conseguiriam entrar.

Pelo exposto, é possível integrar a atuação como profissional de saúde e o trabalho missionário? Acreditamos que sim e dada a relevância desse tema, torna-se evidente a necessidade de mais estudos e publicações nessa área de modo a contribuir para o despertar e engajamento efetivo de profissionais de saúde cristãos na obra missionária. Ainda há muitas lacunas na literatura, espaços na sociedade e necessidades no campo missionário que podem ser ocupados pelo serviço de bons profissionais de saúde cristãos dispostos a exercer fielmente aquilo que receberam do Senhor, para o crescimento do Reino e louvor de Sua Glória, até que todos O adorem.

REFERÊNCIAS

- ARMITAGE, R. The WHO's definition of health: a baby to be retrieved from the bathwater? **British Journal of General Practice**, v. 73, n. 727, p. 70–71, 2023. BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. Descritores em Ciências da saúde. Disponível em: https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=8660&filter=ths_termall&q=miss%C3%B5es%20m%C3%A9dicas. Acesso em: 19 mar. 2025.
- CRUZ, G. S. DA; PINTO, L. M.; SOUSA, E. L. R. DE. Atendimento humanizado por meio da espiritualidade na odontologia: um projeto pioneiro. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 187–198, 2020.
- ESPERANDIO, M.; LEGET, C. Espiritualidade em cuidados paliativos no Brasil: revisão integrativa de literatura. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 11–28, 2020.
- GERONE, L. G. T. A religiosidade/espiritualidade na prática do cuidado entre profissionais da saúde. *Interações – cultura e comunidade*. **Interações–cultura e comunidade**, v. 11, n. 20, p. 129–151, 2016.

- HEFTI, R.; ESPERANDIO, M. R. G. The Interdisciplinary Spiritual Care Model – A holistic Approach to Patient Care. **Horizonte**, v. 14, n. 41, p. 13, 2016.
- Holy Bible, New Living Translation. *Em: New Spirit-Filled Life Bible*. [s.l.] Thomas Nelson, 2013.
- KOENIG, H. G. Religion, spirituality, and medicine: How are they related and what does it mean? **Mayo Clinic Proceedings Elsevier Ltd**, v.76, n.12, p. 1189-1191, 2001.
- KOENIG, H. G. Religion, Spirituality, and Health: The Research and Clinical Implications. **ISRN Psychiatry**, v. 2012, p. 1–33, 2012.
- MARTINI, A.; MARTINS, A. A. **Teologia e saúde: Compaixão e fé em meio à vulnerabilidade humana**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. 208 p.
- MEDICAL MISSIONS. Medical Missions Oportunities. Disponível em: <https://www.medicalmissions.com/missions>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- MIGUEL, R. P. Espiritualidade e saúde: possíveis repercussões para a Teologia e as Ciências da Religião. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 19, n. 60, p. 946–950, 2021.
- NUNES, R. R.; FEITOSA, E. S.; FERREIRA, M. A. S.; SILVA, R. M. DA; BRILHANTE, A. V. M.; CATRIB, A. M. F.; SANTOS, Z. M. D. S. A.; AMORIM, R. F. DE. Compreender como a espiritualidade e a religiosidade influenciam a experiência dos pacientes com câncer. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 47–59, 2020.
- RIO, M. M. O.; NASCIMENTO, K. T. L. A igreja que acolhe e ampara: panorama histórico da igreja diante dos problemas da sociedade. **Caminhos**, v. 21, n. 1, p. 181–194, 2023.
- SCHRAMME, T. Health as Complete Well-Being: The WHO Definition and Beyond. **Public Health Ethics**, v. 16, n. 3, p. 210–218, 2023.
- STEVENS, D. “Here is the question, ‘Are you willing to go all-in?’” . Disponível em: <https://www.medicalmissions.com/missions/longterm>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- TAVARES, C. C.; VALENTE, T. C. O.; CAVALCANTI, A. P. R.; CARMOS, H. DE O. Espiritualidade, religiosidade e saúde: velhos debates, novas perspectivas. **Interações – cultura e comunidade**, v. 11, n. 20, p. 85–97, 2016.
- THIESSEN, J. Marketplace Workers. Disponível em: <https://www.medicalmissions.com/missions/marketplaceworker>. Acesso em: 19 mar. 2025.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. Constitution of the World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/about/governance/constitution>. Acesso em: 10 nov. 2024.

REFLEXÕES BÍBLICAS E PRÁTICAS SOBRE SUPERVISÃO PASTORAL NO CAMPO MISSIONÁRIO

BIBLICAL AND PRACTICAL REFLECTIONS ON PASTORAL SUPERVISION IN THE MISSIONARY FIELD

IGOR DE SOUSA VALE¹

RESUMO

O presente artigo compreende uma bagagem de bases bíblicas a respeito do cuidado de missionários em campo transcultural. Assim como as Escrituras promovem uma reflexão sobre a importância da obra missionária efetiva no campo, também informam as bases de um cuidado para que o missionário de campo possa ser fortalecido e apoiado para a obra de evangelização. Além de sensibilizar para um cuidado à luz da Bíblia, o artigo também oferece um levantamento de casos práticos vivenciados no campo missionário na região amazônica. Durante quinze anos dedicados ao pastoreio, plantio de igrejas, treinamento e supervisão de obreiros, o autor extrai e compartilha experiências vividas no campo missionário.

Palavras-chave: cuidado missionário; supervisão; missões.

ABSTRACT

This article comprises a set of biblical foundations regarding the care of missionaries in a cross-cultural field. Just as the scripture conveys a reflection on the importance of effective missionary work in the field, it also provides the basis for care so that the missionary field can be strengthened and supported for the work of evangelization. In addition to raising awareness of care considering the Bible, the article also offers a survey of practical cases experienced on the missionary field in the Amazon region. During fifteen years dedicated to pastoring, planting churches, training and supervising workers, the author extracts and shares experiences lived and applied in the missionary field.

Keywords: missionary care; supervision; missions.

¹ Missionário e pastor da Igreja do Nazareno, trabalhando a 15 anos no Amazonas com plantio de igrejas entre povos indígenas e ribeirinhos. Formado pelo Seminário Teológico Nazareno do Brasil e pelo Centro de Formação Missionária da Igreja do Nazareno. Fundador do projeto povos. e-mail: igormelodia02@gmail.com

INTRODUÇÃO

A grande comissão possui muitos desdobramentos em que cristãos podem se engajar para assumir sua participação na missão de Deus.

Para um missionário vocacionado ao campo, a grande comissão envolverá ir a lugares distantes e que não conhecem a Cristo, com o propósito de levar o Evangelho.

Na perspectiva de uma igreja local, a grande comissão envolverá enviar, cuidar e supervisionar em amor o missionário ou obreiro no campo. Ambos deverão cumprir com obediência e amor sua parte na grande comissão.

De acordo com Lidório (2011), o Evangelho deve ser pregado de maneira “*kerigmática*” e “*martírica*”, ou seja, o Evangelho deve ser proclamado de maneira verbal e de maneira testemunhal. Nesse sentido, a igreja deve enviar ao campo um missionário com preparação para proclamar e viver o Evangelho de maneira a apresentar Cristo ao povo.

Ao citar as expressões “missionário” ou “obreiro”, referimo-nos à pessoa que está no campo missionário servindo, seja ela um missionário transcultural ou um obreiro autóctone que tenha sido nomeado para cuidar de um trabalho local. Para ambos existem alguns pontos diferentes e sensíveis no tocante a supervisão e cuidado missionário. A respeito da responsabilidade dada à igreja é necessário relembrar as palavras do apóstolo Paulo:

Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: "Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas!" (Romanos 10:14-15)

Neste trecho de Romanos 10 é possível perceber partes bem divididas da tarefa missionária. Para que o povo a ser alcançado consiga crer, será necessário ouvir a mensagem; para que o povo possa ouvir a mensagem, será necessário alguém que pregue, e, para que alguém pregue, deverá haver alguém que envie.

Este alguém é a igreja. A igreja envia com cuidado, o missionário prega com obediência, e o povo crê para a salvação. É possível propor um quadro organizado que clareie nitidamente os agentes da grande comissão e suas responsabilidades.

Tabela 1 - Quadro de ações da grande comissão – Rom 10:14 (Igor Vale)

Trecho	Tarefa	Agente
Invocarão aquele em quem não	Invocar	Povo não
Crerão em quem não ouviram	Crer	Povo não
Se não há quem pregue	Pregar	Missionário
Se não forem enviados	Enviar	Igreja

Fonte: Vale (2024)

A boa colheita envolve um processo bem abrangente, que vai desde o envio até a rendição do povo no campo missionário. Para cada missionário no campo faz-se necessária uma rede de parceiros, pessoas e igrejas em mobilização na cidade para que a obra no campo avance com êxito. É tempo de a igreja brasileira fazer uma releitura e se posicionar novamente ante sua responsabilidade de envio cuidadoso na grande comissão.

SUPERVISÃO MISSIONÁRIA

Define-se por supervisão missionária um ato obediente, amoroso, contínuo e bem planejado em que a igreja envia, supervisiona, sustenta, orienta o missionário e o trabalho realizado no campo.

Quando o missionário é enviado e deixado só no campo, sem supervisão planejada, seu trabalho e sua vida particular estão sob riscos inimagináveis.

Um missionário bem apoiado por uma igreja e equipe de cuidado terá mais possibilidades de realizar um grande plantio e colheita no campo missionário para o Reino de Deus. A supervisão missionária também é, na verdade, identificada como Cuidado Integral do Missionário (CIM) no campo da missiologia brasileira. A Associação de Missões Transculturais Brasileira – AMTB possui um de seus departamentos nomeado como CIM Brasil e tem realizado expoente trabalho de cuidado, conscientização e treinamento na área de cuidado integral.

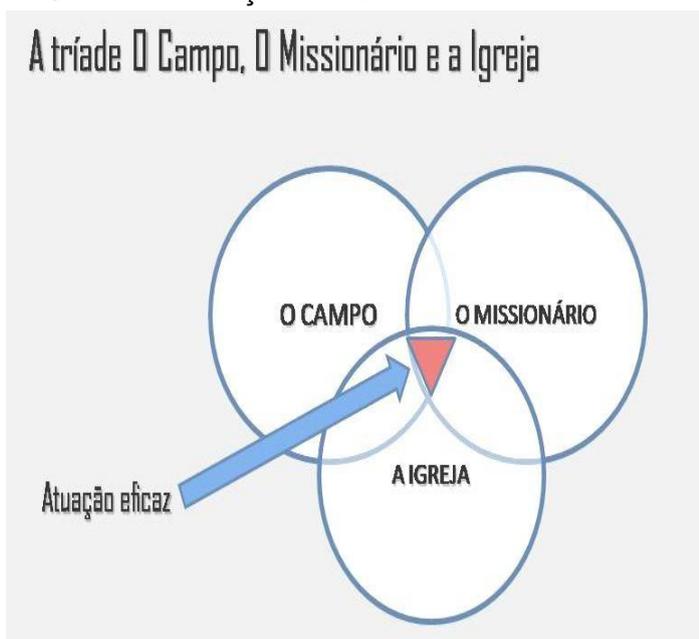
Atualmente existem diversas agências ou organizações missionárias com forte atuação em cuidado integral para ministros. As palavras “cuidado” e “integral” afirmam de maneira específica o que se deseja praticar em relação ao missionário de campo, isto é, um cuidado completo, que ultrapasse a esfera superficial e se aplique a todas as áreas da vida de um missionário.

Grande estigma pode-se criar nas mentes dos cristãos brasileiros – de achar que o missionário é um super-herói que consegue se cuidar sozinho no campo. É errado acreditar que sua grande coragem de deixar tudo para ir ao campo realizar a obra missionária será suficiente para seu cuidado ali. Muitos missionários se tornam exemplo para sua comunidade cristã por ter dado tamanho passo de fé; todavia, admiração da igreja não é suficiente para dar suporte cuidadoso ao missionário e a seu trabalho no campo. Quando uma igreja reconhece e envia um missionário, assume também grande responsabilidade diante de Deus pelo missionário enviado ao campo. Para responder com fé a esse projeto, a igreja deverá elaborar um plano de supervisão e cuidado para a vida do missionário.

Para cada missionário enviado ao campo percebe-se a necessidade de um número expressivo de pessoas engajadas em um projeto de supervisão e cuidado integral missionário. É importante apontar que o trabalho realizado no campo missionário depende de uma rede de ação envolvendo o missionário, a igreja (enviadora), uma agência missionária (quando se fizer necessário) e o campo, conforme ilustrado.

A figura a seguir aponta que uma correta divisão de responsabilidades entre o missionário, a igreja e o campo poderão ajudar a gerar um ambiente adequado e propício para impulsionar a obra missionária.

Figura 1 – Gráfico de atuação eficaz



Fonte: Vale (2024)

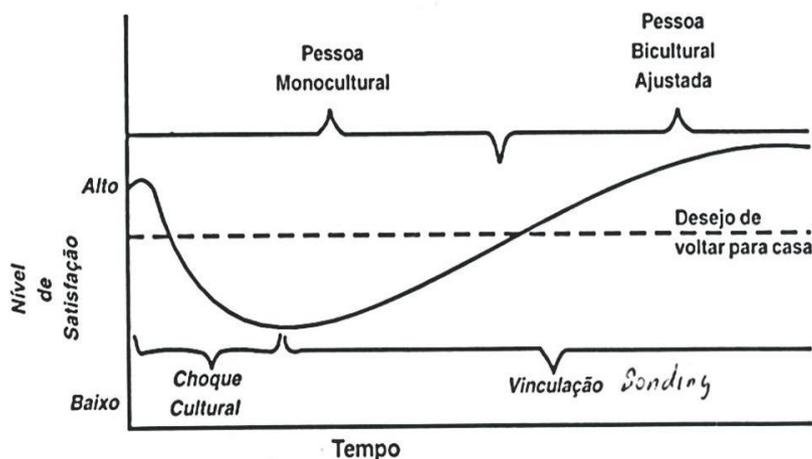
Na figura anterior, o ponto de interseção entre as três partes pode ser chamado de “ponto de atuação eficaz”. O gráfico acima não possui um círculo referenciando uma agência missionária, mas esta pode perfeitamente ser encaixada no gráfico.

A respeito das responsabilidades gerais para com o missionário, é importante que cada parte da parceria fique ciente de seu papel. Conforme relatado no Sexto Congresso Brasileiro de Missões (CBM-2012), é uma boa prática:

Formalizar acordos escritos e assinados pelas partes envolvidas (igreja, agência e missionário) que estabeleçam os princípios de parceria entre a agência e a igreja quanto a suas responsabilidades gerais para com o missionário.

Para exemplificar mais uma face da importância da supervisão missionária, recorreremos ao gráfico de Hiebert (1983) que propõe um esquema da dinâmica do choque cultural sofrido por missionários em fase de iniciação e adaptação no campo missionário. Passado o momento inicial de chegada ao campo, onde tudo parece perfeito e a cultura local encanta o obreiro, logo se seguirá um período incômodo proveniente de uma fase de choque cultural até que se sinta mais habituado e aculturado com a região. Após esse período de choque cultural, o missionário se sentirá mais apto para desenvolver com mais firmeza o serviço missionário.

Figura 2: Choque Cultural



De Paul G. Hiebert, Cultural anthropology, 2ª. ed. (Grand Rapids: Baker, 1983), p. 40.

Fonte: Hiebert (1983)

Para sobreviver a essa fase e não retornar do campo prematuramente, além de contar com a Graça de Deus, o missionário precisará contar com o apoio e suporte de uma igreja consciente e preparada para sua supervisão.

APONTAMENTOS BÍBLICOS DE CUIDADO MISSIONÁRIO

Indo um pouco além do cuidado e do amor cristão, que impulsionam todo cristão a se preocupar com o próximo, desejamos levantar aqui o cuidado ministerial aplicado a trabalhadores da seara do Senhor. Levantaremos aqui casos de pessoas enviadas no ambiente neotestamentário. Nesse contexto, vamos nos espelhar em dois expoentes de cuidado com discípulos vocacionados: Jesus e Paulo. Ambos treinaram, enviaram homens para a seara e mantiveram algum nível de cuidado e supervisão sobre eles.

Paulo a Tito – instruções de ética na obra

O texto bíblico traz informações muito relevantes sobre a vida de Tito, possibilitando entendimento do quão próximo ele era do apóstolo Paulo, sendo considerado filho, discípulo e cooperador. Conforme escrito na introdução da carta que leva seu nome: *“a Tito, verdadeiro filho, segundo a fé comum. Que a graça e a paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Salvador, estejam com você”* (Tito 1:4).

A este discípulo Paulo envia para realizar algumas missões específicas de alto nível de dificuldade, sendo que, ao enviá-lo, Paulo demonstra sua supervisão pastoral ao escrever orientações de cuidado pastoral para o bom desenvolvimento da obra. Paulo confiava no caráter e ministério de Tito, tanto que enfrentou os apóstolos em Jerusalém para defender o discípulo, usando sua vida como exemplo em Atos 15.

Tito desenvolveu difícil tarefa ao levar a carta do apóstolo Paulo até Corinto. Indo como seu representante, encontrou, portanto, uma igreja em momento crítico, em que imoralidades e discórdia afetavam a congregação. Sua outra missão foi realizada quando enviado por Paulo para Creta com o objetivo de organizar e pastorear aquele povo. *“Foi por esta causa que deixei você em Creta: para que pusesse em ordem as coisas restantes, bem como, em cada cidade, constituísse presbíteros, conforme prescrevi a você”* (Tito 1:5).

Ali Tito recebe cuidado ministerial mui proveitoso de seu apóstolo e mentor. As diretrizes entregues pelo apóstolo Paulo focam, especificamente, nas questões éticas e ministeriais salvaguardando o obreiro de cometer erros em sua prática ministerial. Alguns conselhos do apóstolo foram:

Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. Os velhos, que sejam sóbrios, graves, prudentes, são na fé, no amor e na paciência; as mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem; para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada. Exorta semelhantemente os jovens a que sejam moderados. Em tudo te dá por exemplo de boas obras; na doutrina mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós. Exorta os servos a que se sujeitem a seus senhores e em tudo agradem, não contradizendo. (Tito 2:1-9)

Paulo a Timóteo – o cuidado com a saúde do obreiro

No cuidado com Timóteo, Paulo evidencia cuidado em muitas esferas da vida do jovem missionário. Paulo desenvolve uma supervisão ajudando Timóteo a ajustar seu trabalho junto à comunidade onde servia, ensina o que deve fazer e como deve fazer. Fica claro o cuidado de Paulo com o desenvolvimento ministerial de Timóteo quando o ensina como deveria se comportar e agir eticamente com as pessoas para quem ele deveria pregar:

"Não repreenda asperamente ao homem idoso, mas exorte-o como se ele fosse seu pai; trate os jovens como a irmãos; as mulheres idosas, como a mães; e as moças, como a irmãs, com toda a pureza." (I Timóteo 5:1-2)

Em outro momento Paulo volta sua atenção para a vida particular de Timóteo, tendo um cuidado específico com sua saúde. O supervisor aconselha o jovem a usar um pouco de vinho por causa de um mal estomacal que ele sofria. Há uma consciência clara de que a saúde do obreiro é de grande importância para a realização da obra do Reino de Deus. Paulo o instruiu dizendo: Não continue a beber somente água; tome também um pouco de vinho, por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades (I Timóteo 5:23).

Jesus e Pedro – Vida comunitária e espiritual do obreiro

Quando o mestre chamou Pedro, Jesus sabia que ele era um diamante em estado bruto que precisaria ser muito lapidado. Apesar de sua grande motivação e energia, havia muito que Pedro precisava aprender devido a seu pouco conhecimento intelectual e sua prática espiritual. Fica claro como Jesus também pode chamar pessoas que ainda precisam ser preparadas e, portanto, vão sendo moldadas no caminho. Não se pode negar o senhorio de Cristo, que chama e usa quem ele quer. Tendo propósitos claros para a vida de Pedro, o mestre o chama para caminhar junto e permite que ele faça parte de um grupo mais seleto de três amigos que participavam de algumas missões mais específicas e presenciaram alguns momentos mais íntimos com Jesus.

Em determinado episódio, Cristo se preocupa em saber como estava o envolvimento dos discípulos com a comunidade, se eles estavam obtendo uma visão clara do que o povo pensava e qual era o assunto das ruas.

Então Jesus e os seus discípulos foram para as aldeias de Cesaréia de Filipe. No caminho, perguntou-lhes: “Quem os outros dizem que eu sou?” Os discípulos responderam: “Uns dizem que é João Batista; outros dizem que é Elias; e ainda outros dizem que é um dos profetas”. (Marcos 8:27-28)

Esse momento demonstra uma compreensão clara de que o obreiro de Deus precisa de uma consciência clara da necessidade do povo, tendo bom entrosamento com a comunidade e conseguindo levantar informações relevantes para o desenvolvimento do ministério. Jesus deixa subentendido que o obreiro não pode errar, tendo uma visão turva sobre o povo ao qual serve. No mesmo momento Jesus também procura saber como estava a vida e sensibilidade espiritual de seus seguidores quando pergunta: E vocês, quem dizem que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: O senhor é o Cristo (Marcos 8:29).

Tal questionamento coloca em xeque os discípulos, pois eles deveriam prestar uma resposta direta a Cristo sobre como eles entendiam o Messias. Pedro, em sua agilidade de sempre, responde que Jesus era o Cristo. Ao dar essa devolutiva ao mestre, Pedro deixa claro que algo de novo realmente estava acontecendo em seu coração – o homem ainda sendo moldado, mas que agora começa a desenvolver certa sensibilidade espiritual. Jesus dá uma réplica elogiando o discípulo, pois estava começando a aprender a ser sensível às coisas reveladas pelo Espírito de Deus: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus” (Mateus 16:17).

Todavia, ocorre ainda um episódio drástico na vida de Pedro quando ele, pressionado social e emocionalmente, nega a Jesus com suas palavras. Aqui abre-se outra esfera que nos leva a uma reflexão sobre o cuidado de Cristo com obreiros feridos no campo, às vezes pelos erros que eles mesmos cometem. Pedro nega, entra em colapso, foge e inicia sua crise pessoal. Agora só o mestre, o cuidador, o enviado, o Cristo seria suficiente para apresentar cura à vida de Pedro. Jesus assume o papel da igreja enviada, buscando redimir e orientar seu enviado machucado e ferido. O mestre vai diretamente ao encontro do evangelista para tocar em suas feridas, trazendo cura e restauração. É relatado o trecho tão conhecido pela fé cristã:

Depois de terem comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: “Simão, filho de João, você me ama mais do que estes outros me amam?” Ele respondeu: “Sim, o Senhor sabe que eu o amo.” Jesus lhe disse: “Apascente os meus cordeiros.” Jesus perguntou pela segunda vez: “Simão, filho de João, você me ama?” Ele respondeu: “Sim, o Senhor sabe que eu o amo.” Jesus lhe disse: “Pastoreie as minhas ovelhas.”¹⁷ Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: “Simão, filho de João, você me ama?” Pedro ficou triste por Jesus ter perguntado pela terceira vez: “Você me ama?” E respondeu: “O Senhor sabe todas as coisas; sabe que eu o amo.” Jesus lhe disse: “Apascente as minhas ovelhas.” (João 21:15-17)

Após três negações de Pedro, Jesus lhe oferece três perguntas e a oportunidade de reafirmar sua identidade, seu amor e seu compromisso com o Rei e o Reino. Do ponto de vista humano, alguém ferido e em recente pecado não pode ser colocado em ministério. O senhorio de Cristo vai além e aproveita o momento para afirmar o ministério que Pedro estava recebendo – de apascentar e pastorear as ovelhas do mestre. Assim como Cristo, a igreja deve cuidar de seus obreiros feridos e apascentá-los. A caminhada de Jesus com Pedro demonstra como Jesus se preocupa com a vida comunitária, com a restauração e o desenvolvimento espiritual de seus comissionados.

Jesus e João – Restaurando vínculos familiares

João foi um dos discípulos mais prestigiados e íntimos de Jesus. Sua intimidade com Jesus lhe rendeu revelação e material suficiente para escrever dois livros e três cartas. A despeito de tudo que João pôde relatar e deixar como legado para o cristianismo, um dos episódios mais marcantes da vida de João se encontra na crucificação. Ali, Jesus demonstra um cuidado especial com os laços familiares e emocionais de João. Ele o elege como substituto para cuidar de sua mãe, dando a ela consolo e recebendo dela o cuidado devido:

Ora, Jesus, vendo ali sua mãe e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa. (João 19:26-27)

De acordo com o relato, Maria se muda para a casa de João para serem mãe e filho. Não se sabe muito sobre o *background* familiar de João, mas a atitude do mestre demonstrou atenção especial quando lhe reconstrói o círculo familiar.

Jesus e Tomé – Restaurando fé e ministério

O cuidado do mestre para com Tomé nos mostra a pré-disposição de Jesus em demonstrar amor e paciência para com obreiros errantes. O mestre estava disposto a acolher e restaurar o ministério de alguém que quase jogou fora a oportunidade devido a palavras proferidas em um momento de apreensão e incredulidade.

Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele disse-lhes: Se eu não vir o sinal dos cravos em suas mãos, e não puser o meu dedo no lugar dos cravos, e não puser a minha mão no seu lado, de maneira nenhuma o creerei. (João 20:24-25)

Jesus aparece entre os discípulos e presta cuidado específico ao coração de Tomé, discípulo que estava devastado pela dúvida. O mestre se apresenta humildemente e oferece seu lado para Tomé tocar. Ali a fé de Tomé é restaurada, seu ministério é fortalecido, e Jesus deixa a lição para o momento:

E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio e disse: Paz seja convosco. Depois disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, e chega a tua mão, e põe-na no meu lado, e não sejas incrédulo, mas crente. E Tomé respondeu e disse-lhe: Senhor meu e Deus meu! Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram. (João 20:26-29)

Supervisão de obreiros envolve tratamento e restauração em momentos de erros e desajustes. Cristo deixa o padrão para sua igreja seguir e restaurar obreiros que possam ter errado na fé e no ministério.

SUPERVISÃO DA ESPIRITUALIDADE DO MISSIONÁRIO

Manter uma comunhão íntima com Deus por meio de uma vida avivada no campo missionário é uma tarefa desafiadora e árdua. A tríade corpo, alma e espírito precisa andar em sintonia e cuidado para que o missionário esteja bem como um todo. Desenvolver uma supervisão que passe pela integralidade do missionário irá ajudar a manter o bem-estar do vocacionado para a obra missionária em andamento. Embora a espiritualidade seja algo abstrato, pode-se criar uma atenção e observação atenta aos atributos vitais de uma vida espiritual sadia. Um cristão sadio é aquele que mantém uma vida de comunhão com Deus por meio de disciplinas espirituais, que devem se manter inalteradas em sua vida e ministério. A supervisão da espiritualidade do obreiro com base nos aspectos vitais é uma coerente linha de atuação para supervisões.

Vida devocional

A vida devocional do obreiro é o meio pelo qual ele poderá encontrar o subsídio para manter sua vida bem alicerçada. O estabelecimento de uma rotina saudável e disciplinada envolve a prática de reservar, diariamente, um tempo para meditar nas Escrituras e realizar uma reflexão, de preferência registrando-a por escrito. Mesmo em uma era tecnológica, é uma boa estratégia de apoio fornecer ao missionário um caderno devocional como maneira de incentivá-lo a registrar algo todos os dias. Mentor e missionário

podem fazer um compromisso devocional e, sempre que houver uma visita de campo, o mentor pode ter a liberdade de olhar o caderno. Uma leitura devocional pode ser guiada por um livro devocional, do tipo “*Pão diário*”, ou baseada em algum livro da Bíblia.

A sensibilidade do mentor pode ser utilizada para recomendar um livro bíblico que se encaixe com a fase que o obreiro está vivendo. Com os altos e baixos das tarefas no campo missionário, o acúmulo de trabalho pode reconfigurar momentaneamente a vida devocional, não permitindo um devocional profundo, com escrita e tempo de oração de qualidade. Durante o acontecimento de algum projeto especial no campo, construção, recepção de equipe ou treinamento, a vida devocional costuma ser alterada, mas não como via de regra. Não é viável que o missionário viva constantemente sobrecarregado de trabalho que não permita calma e espaço para a vida devocional. O excesso de trabalho deve ser momentâneo. Manter um missionário consumido por trabalho durante um longo tempo configura grande risco para sua vida devocional e dificulta que se mantenha sensível ao controle de Deus e à voz do Espírito Santo no campo missionário. Assim, inicialmente, uma avaliação do nível de disciplina e do volume de trabalho ministerial pode ajudar a diagnosticar a vida devocional do missionário.

Outro perigo sutil encontrado no campo missionário é quando o obreiro investe longo tempo em pesquisa ou na preparação de conteúdos e estudos como demanda da obra missionária. Pesquisa e criação de material não devem ser confundidas com devocional. A leitura bíblica devocional deve ter sua rotina diária, e, durante a semana, o missionário pode reservar tempo extra para preparar as pregações ou estudos que necessitará para os próximos eventos. Uma avaliação sobre a maneira como o missionário tem se provido de materiais para os projetos de campo deve enfatizar a manutenção de seu período devocional e o preparo de sua pregação como partes distintas de sua rotina.

O obreiro de campo deve entender que está plantando uma igreja, sendo ele a primeira semente lançada em terra. Se sua semente não inclui uma vida bíblicamente crescente, provavelmente plantará uma igreja rasa e sem paixão pelas Escrituras.

Vida de oração

Outro aspecto importante é a vida de oração de um obreiro no campo. Manter sua vida saudável em oração é uma arma valiosíssima para o trabalhador do campo missionário. Não permitir que sua vida de oração seja assaltada pelos trabalhos do campo é um desafio constante, que requer avaliação e renovo. A oração é o aspecto sobrenatural do trabalho prático do missionário, pois antes de preparar os projetos e materiais, o missionário deve estar em atitude de oração, sabendo que, em tudo, deve estar alinhado com a vontade Deus. Ao fim de cada passo, ou ao fim de um projeto, o obreiro deve estar em oração, avaliando tudo diante do Pai. É uma prática valiosa que a supervisão missionária deve cultivar: envolver um tempo profundo de oração e quietude na presença de Deus. Supervisor e missionário podem estruturar e planejar a visita de supervisão e cuidado, separando tempo para todas as coisas, mas, principalmente, um momento de qualidade para oração.

Um obstáculo à vida de oração no campo é notadamente a dificuldade de gerenciar as atividades missionárias do campo, o que pode consumir o tempo do missionário de maneira desequilibrada. Outro obstáculo, um pouco mais difícil de perceber, pode ser o fato de que o missionário trabalha em sua própria comunidade ou casa nas atividades, planejamentos e preparações, e a dificuldade de trabalhar em casa é ser abordado, muitas vezes, pelas necessidades da família, principalmente. O supervisor pode avaliar a possibilidade de retirar o missionário de casa para um dia ou um período de oração, encontrando um suporte para que outra pessoa forneça apoio na casa. Se for um casal, pode separar um tempo especial para o missionário, e depois a esposa também pode ter seu tempo especial com sua supervisora. Ser um exemplo de busca na oração e proporcionar um período de oração juntos para renovar é muito importante para a vida do missionário no campo. Por fim, caso o missionário esteja em uma área com acesso à internet, pode-se explorar também o tempo de oração junto por modalidade virtual, desde que o missionário consiga ter privacidade do outro lado da tela.

SUPERVISÃO DOS ASPECTOS PARENTAIS

Para missionários em campo transcultural, uma parte muito sensível de sua vida é a distância da família e de sua terra natal. Valorizar os aspectos concernentes a sua família é um bom caminho para demonstrar cuidado integral e atenção com o missionário de campo.

O missionário que se dedica muitos anos seguidos no campo, com o passar do tempo, percebe que muitos de seus vínculos relacionais se transferem para o lugar onde está vivendo, mais do que o lugar de onde saiu, período no qual passa a se identificar mais com o povo local, chegando até a equiparar e moldar muitas atitudes e costumes com a cultura local pelo fato de se tornar morador e vivente daquela sociedade.

O missionário percebe que ele não é mais a mesma pessoa que saiu da cidade e adicionou a si novas maneiras de ser e de ver o mundo devido à experiência vivida no campo. Agora, o obreiro carrega duas realidades em si, a de onde veio e a de onde está. Entendendo este aspecto, o grande vínculo emocional que o liga a sua terra são seus vínculos familiares. Seus pais e família primária sempre serão um ponto de apoio que o liga ao seu lugar de origem.

A preocupação e zelo que um missionário possui por seus familiares deve ser um sentimento muito respeitado e valorizado, a ponto de incluir o cuidado de seus pais na agenda da igreja enviada. Visitar o missionário no campo, verificar e ouvir como estão as coisas com sua família é importante para manter um cuidado atencioso.

Caso o missionário viva longe ou em outra nação e o seu supervisor na igreja enviada viva na mesma cidade de sua família, essa aproximação de eventual visita e cuidado pode ampliar a força emocional que a igreja transfere ao missionário – quando encontra algum tempo para se importar com seus pais.

Missionários com pais idosos eventualmente podem se sentir preocupados com a saúde e bem-estar dos pais. Muitas vezes há a preocupação de que a notícia da partida de entes queridos possa chegar de uma hora para outra e mudar o rumo das coisas. Uma supervisão atenciosa

ganhará muito respeito do missionário se conseguir envolver oração e algum cuidado para com sua família que permaneceu na cidade.

SUPERVISÃO DE ASPECTOS FINANCEIROS

A vida financeira de um missionário transcultural é sempre motivo de muita oração e preocupação, precisando obter uma atenção bem específica e estratégica. Dependendo da estrutura da agência ou da junta missionária, as informações financeiras poderão ser dados acessíveis pela liderança, que poderá manter atenção a quanto de recurso está chegando ao campo. É ideal que o planejamento financeiro seja algo escrito e estabelecido em projeto e bem antes do envio missionário, para proporcionar um maior nível de segurança ao missionário e ao projeto. Todavia, o envio por meio de agência e junta não é uma realidade para todos os missionários, e muitos se mantêm no campo de maneira mais autônoma e sem orçamentos ou projetos financeiros.

A supervisão relativamente aos aspectos financeiros precisa ser mais ativa e sensível para missionários da modalidade do tipo “missões de fé”. A igreja pode disponibilizar um líder de missões ou supervisor, mas o ideal é que faça a designação de um supervisor de cuidado integral que não seja impactado por mudanças nem tenha que sair do projeto em caso de reeleições na junta de missões. Na prática, algumas igrejas tendem a reiniciar e replanejar do zero a sua metodologia quando há reeleições de ministério, e, até que se retome um ritmo de trabalho adequado, o missionário transcultural pode sofrer no campo essa mudança ocorrida na cidade (ou na igreja?). O ideal é que exista para o projeto um supervisor contínuo e que possa desenvolver relacionamento de acompanhamento sadio, evitando quebras e reinícios, que exijam novamente levantamento de informações financeiras, inclusive gerando constrangimento ao missionário. Ainda de acordo com dados do 6º Congresso Brasileiro de Missões – CBM (2012), quanto ao sustento dos missionários:

- 1- Deve ser digno e regular, suficiente para o seu sustento pessoal e para desenvolver um trabalho eficaz, levando em conta as distintas realidades dos sistemas econômicos de cada região.
- 2- Deve haver uma política de sustento digno e justo em relação a famílias e solteiros.
- 3- Deve incluir cuidados com o missionário e sua família, tais como: plano de saúde, educação dos filhos, aposentadoria, incluindo atendimento em emergências, e estabelecer ação quando em caso de morte.

Grande nível de risco pode ocorrer quando missionários trabalham transculturalmente em outro país, sendo afetados por dois sistemas econômicos distintos e recebendo impactos de duas economias distintas. Outro fator importante é ter sensibilidade de que o missionário deve receber recurso exclusivo para sua família e outro montante voltado para projeto de acordo com as tarefas voltadas para o campo. Outro fator de cuidado é lembrar que é ideal que missionários possam fazer viagem de divulgação e captação um mês a cada ano, se estiverem dentro de seu próprio país, e, pelo menos, a cada dois ou quatro anos, caso trabalhem fora do seu país. Este termo deve ser ajustado entre igreja e candidato, antes da ida ao campo. É importante que o

missionário saiba a quem ele deve prestar um relatório financeiro e de quanto em quanto tempo isso é requerido – de ano em ano ou a cada dois anos, por exemplo. Boa mentoria ou curso de capacitação em contabilidade pessoal e ministerial pode ser um investimento precioso para dar mais estabilidade ao projeto e evitar problemas posteriores.

SUPERVISÃO DA COMUNIDADE E REGIÃO DE TRABALHO

Uma atenção de segurança deve ser dada à região onde o missionário trabalha. Muitos lugares podem ser rota de tráfico de drogas, extração ilegal de madeira, tráfico humano, local de garimpo, lugar de atuação de grupos extremistas ou comunistas etc. Tais fatores são de extrema importância para garantir supervisão à segurança do missionário. Conflitos entre clãs, famílias ou etnias devem ser levados em consideração no estudo da localidade.

A presença de militares ou policiais pode significar existência de investigação na área, o que pode requerer atenção para remoção expressa em casos de conflitos locais. Regiões além-mar (como oriente médio e alguns países africanos) podem ser palco de conflitos étnicos ou religiosos e podem requerer um plano de evacuação, caso exploda guerra ou atentado. Agências, juntas ou igrejas locais devem ter atenção para que conste em seu projeto missionário um plano básico de retirada ou evacuação em caso de conflito ou atentado. Pandemias e epidemias também se incluem para uma avaliação de retirada. Uma lista de contato de pessoas próximas ao missionário, número de telefone, contato com pessoas de socorro e suporte à vida em casos extremos são importantes, caso haja ausência de contato do missionário durante muitos dias. Contatos com embaixadas e consulados podem ser necessários para situações de conflito entre nações. Por fim, um protocolo de comunicação de uso de palavras trocadas poderá ser importante, caso a rede de comunicação e computadores estejam em domínio de facções e ditaduras.

SUPERVISÃO DA ADAPTAÇÃO CULTURAL E DA RELAÇÃO ENTRE COMUNIDADE E MISSIONÁRIO

A adaptação de um missionário não deve ser acelerada e nem falsificada. Essa adaptação precisa tomar o tempo que for necessário para ganhar alguma estabilidade. O missionário levará tempo para compreender mais profundamente a cosmovisão local, costumes e códigos sociais. Tal processo de adaptação poderá empurrar o missionário para momentos de crise enquanto compara sua cultura com a do outro, até que consiga conviver dialogando bem com o modo de vida do povo local.

Passado o primeiro momento de descoberta, que compreende a primeira temporada no campo, o missionário será impactado mais duramente pelas diferenças entre ele e o povo. Segundo Hiebert (1983), o missionário, como pessoa monocultural, irá passar por esse processo chamado choque cultural, envolvendo inclusive período com desejo de retornar para casa, e conseguirá chegar à fase em que se transformará em uma pessoa bicultural, transitando melhor e com menos dor entre o povo local.

O desenvolvimento de um projeto de longo prazo pode demorar a fluir devido a esse tempo de adaptação cultural, pois a mente e as emoções do missionário não poderão pular etapas e deverão adaptar-se primeiro para causar maior estabilidade na vivência do campo missionário. Ausência dos parentes, solidão, idioma, clima e cultura são variáveis a serem observadas com cuidado na adaptação do missionário, percebendo-se sempre que cada um poderá precisar de um tempo diferente para chegar a uma maior estabilidade.

Conforme sua mente e emoções estabilizam, será possível perceber maior interação e conexão entre o missionário e o povo local. Na primeira fase, ele será conhecido como um estrangeiro, missionário ou viajante, mas com a paulatina adaptação, o missionário começa a se relacionar com o povo assumindo naturalmente a perspectiva de um morador local. Segundo Hiebert (1999), a cultura envolve três dimensões a serem aprendidas e adaptadas pelo missionário: o conhecimento, os sentimentos e os valores. Há impedimentos ao longo de cada uma delas, à medida que procuramos nos tornar participantes plenos de uma sociedade. Isso ajuda a perceber quão longo é o caminho que o missionário irá percorrer para uma adaptação.

O supervisor deverá manter coração, olhos e ouvidos abertos para tentar avaliar como está a adaptação e envolvimento do missionário com o povo local. Uma caminhada pelo bairro, aldeia ou cidade em breves momentos de interação com o povo local pode ajudar a levantar como está a aceitação e percepção do povo em relação ao missionário enviado. Esta aceitação local influenciará muito para que o mensageiro possa transmitir sua mensagem. Em uma perspectiva missiológica, Pate (1987) diz que, para que a mensagem do Evangelho seja ouvida, o missionário terá de esforçar-se por demonstrar ser digno de confiança da população local.

SUPERVISÃO DA CONTEXTUALIZAÇÃO NA OBRA MISSIONÁRIA

Segundo Lidório (2011), a contextualização é tão importante para a obra missionária quanto o próprio teor da mensagem de salvação. A contextualização proporciona que o povo a ser alcançado receba a mensagem bíblica em um ambiente correspondente a sua cosmovisão e arcabouço cultural. Uma mensagem fiel, mas sem relevância cultural, não atingirá a mente e o coração do povo, pois não dialoga com seu modo de viver e pensar. Uma mensagem fiel às Escrituras e culturalmente relevante poderá se tornar algo tão poderoso que impactará o povo no seu sistema de valores éticos e comportamentais. Contextualizar o Evangelho não é reescrevê-lo ou moldá-lo à luz da antropologia, mas sim traduzi-lo linguisticamente e culturalmente para um cenário distinto a fim de que todo homem compreenda o Cristo histórico e bíblico (LIDORIO, 2011).

Avaliar se o missionário consegue seguir bem no constante processo de contextualizar a obra e a mensagem é importante para garantir que a igreja que está surgindo na região tenha relação íntima com a cultura local enquanto apresenta um novo modo de vida redimido pelo Evangelho do Senhor Jesus. Segundo Vale (2021), temos em Cristo um modelo de mensageiro do céu enviado pelo Pai, pois ele se encaixou em um tempo, espaço e cultura. Existe grande costume de importar métodos e ideias bem-sucedidas da região da igreja enviada, mas a correta contextualização irá permitir que o missionário

alcance maneiras e modos que dialoguem com a cultura local, evitando criar uma igreja que funciona em moldes estrangeiros e, portanto, não atingindo o coração ou alienando o povo local. Uma pergunta que permeará o trabalho missionário é “como vamos fazer isso funcionar aqui?” Segundo Carriker (2008),

A contextualização é a expressão e realização vital do Evangelho dentro dos contextos (sociais, pessoais, eclesiais, políticos, econômicos, evangelísticos etc.) específicos, resultando em transformações cognitivas (entendimento), volitivas (prática) e afetivas (motivação) (CARRIKER, 2008)

A contextualização é tão importante que a Bíblia não somente permite, mas nos leva a testemunhar a escrita de como ocorreu contextualização no enredo da revelação de Deus aos homens. A teofania e a encarnação são dois exemplos perfeitos de contextualização uma vez que

o fato de Deus ter se revelado e a maneira como ele se revelou são extremamente importantes para a contextualização. Indicam que Deus, de fato, não só se revelou, mas que continua a se revelar ao ser humano, e da mesma maneira de sempre, através dos padrões e elementos culturais já existentes (CARRIKER, 2008).

Se Deus contextualizou, missionários e obreiros também devem seguir seu padrão de revelação. Para uma boa contextualização, requer-se também que o missionário esteja bem adaptado culturalmente para ter um olhar de “dentro para dentro”, como alguém que vive naquela cultura, ou, se possível, também esteja cercado de pessoas que sejam da cultura local para encontrarem maneiras locais de fazer as coisas. O papel de um supervisor será sempre cuidar para que o missionário e sua equipe estejam sempre procurando uma maneira ideal de fazer as coisas em diálogo com a cultura local, mantendo a fidelidade escriturística e a relevância cultural.

SUPERVISÃO DO ANDAMENTO DE UM PLANO MINISTERIAL

Um plano ministerial deve envolver a metodologia de como um missionário vai evangelizar, discipular, plantar uma igreja local com liderança autóctone e treiná-la para ser uma igreja multiplicadora. A dinâmica do campo missionário pode mudar em razão de muitos fatores externos, todavia, o missionário não deve ser um trabalhador reativo sempre, tentando dar resposta a tudo que acontece.

O missionário deve ser alguém treinado para estabelecer um plano de trabalho junto com sua igreja enviadora ou agência missionária e procurar manter o foco nesse trabalho buscando alvos e metas estabelecidos. Percebe-se a importância de o missionário ter um preparo metodológico, ainda que básico, o qual lhe permita elaborar um projeto, escolhendo métodos pertinentes em meio ao povo onde serve, e levar esse projeto adiante quantificando ou qualificando os resultados palpáveis, avaliando cada etapa do projeto, estando aberto ao agir de Deus, mas sabendo também que o Senhor abençoa a obra

por meio de um bom planejamento. É importante diminuir o pensamento do tipo “pregar e deixar Deus fazer o resto”, ter um bom planejamento e sempre avaliar seus métodos e resultados obtidos debaixo de muita oração e sensibilidade.

Ao demonstrar interesse pelo acompanhamento do plano de trabalho, o supervisor de campo poderá pautar quais têm sido as barreiras enfrentadas pelo missionário e, juntamente com ele, refletir sobre seus métodos (nisso pode ser muito importante a experiência de uma agência missionária especialista), reavaliar os resultados esperados e orar para direção do Espírito na sequência do plano de trabalho. Um plano de trabalho não deve ser algo de alto rigor acadêmico e nem precisa ser algo inflexível. Mudanças podem surgir ou serem necessárias na caminhada. A Bíblia fundamenta e esclarece sobre a necessidade de planejamento:

Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. (Lucas 14:28-30)

O mais importante é ter pelo menos um plano simples, porém direcionador. Caso o missionário tenha fragilidade na área de planejamento e execução, sua igreja ou agência pode lhe fornecer alguém experiente para lhe ajudar a criar e manter um plano.

SUPERVISÃO DA VIDA DOS DISCÍPULOS

A vida de um discípulo ajuda a validar a vida e ministério de um líder. É bem-vindo avaliar ou observar como anda a relação do missionário com os autóctones mais próximos a ele, ou seja, as pessoas que caminham como discípulos e aprendizes. Quantos discípulos parecem caminhar mais próximos ao missionário em seu contexto diário? Missionários podem estar tão atarefados com a obra no campo que se esquecem ou dedicam pouco tempo para mentorear e caminhar junto com um discípulo na fé. Outro fator importante para isso é que, ao caminhar com um discípulo, o missionário está intencionalmente preparando pessoas para uma possível passagem de bastão no futuro.

Ao observar a vida de um discípulo de um missionário no campo, será possível levantar percepções sobre como o missionário tem ajudado seu discípulo a ter uma vida de temor, de piedade, de oração, devocional e de envolvimento com a obra. Um missionário com um fraco ou nenhum envolvimento com discípulos mais próximos pode comprometer o andamento da obra quando for necessário realizar transição de liderança ao povo local, possibilitando que não se encontre nenhum discípulo próximo. No contexto amazônico foi possível perceber missionários que investem muito tempo em tecnologias, obras sociais, criação de materiais, construções ou até tradução, porém tiveram dificuldades de investir tempo de qualidade na vida de

discípulos. Isso é um fator muito importante, pois não se pode esquecer que o chamado original da igreja é fazer discípulos:

Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: "Simão, filho de João, você me ama realmente mais do que estes? " Disse ele: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Cuide dos meus cordeiros". Novamente Jesus disse: "Simão, filho de João, você realmente me ama? " Ele respondeu: "Sim, Senhor tu sabes que te amo". Disse Jesus: "Pastoreie as minhas ovelhas". Pela terceira vez, ele lhe disse: "Simão, filho de João, você me ama? " Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez "Você me ama? " e lhe disse: "Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo". Disse-lhe Jesus: "Cuide das minhas ovelhas". (João 21:15-17)

O trecho anterior de João 21 nos ajuda a perceber que Jesus questionou Pedro sobre duas coisas: seu amor e seu cuidado com as ovelhas. Podemos conferir que discipulado é uma prova de amor a Deus.

SUPERVISÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE VOCACIONADO E IGREJA ENVIADORA

Uma avaliação do relacionamento entre vocacionado e igreja enviada é importante, pois esta relação tende a sofrer um afastamento quanto mais tempo o missionário estiver longe. Uma igreja com boa visão e consciência missionária terá mais meios de manter a qualidade dessa relação a distância, porém uma igreja com frágil visão missionária poderá cometer o erro de deixar o missionário se tornar pouco lembrado em sua comunidade de envio.

Quando não há manutenção dessa relação com a igreja enviada, dentro de alguns anos, o missionário pode sentir como se não pertencesse mais à igreja enviada e ambos (missionário e igreja) acabarem tendo dificuldade com a manutenção ou resgate dessa relação. Para um missionário desenvolver bem seu trabalho de campo, muitas pessoas precisam desenvolver seu trabalho na cidade (ou na igreja local?). Quando um missionário é capacitado para ser enviado ao campo, muitas pessoas precisam ser capacitadas (biblicamente, estrategicamente e espiritualmente) no âmbito da igreja-sede para que o apoio ao missionário enviado não caia em esquecimento.

Para não depender apenas de pessoas que saibam gerir missões na igreja local, é muito importante capacitar muitas pessoas para que a cultura missional se estabeleça na igreja. Caso contrário, a igreja sempre dependerá de encontrar pessoas que tenham paixão por missões e saibam cuidar de missionários. Sobre o processo de preparação de uma igreja podemos dizer que:

O tempo de preparo, o montante de recursos envolvidos, a infraestrutura necessária e as estratégias a seguir garantem o tempo de amadurecimento do coração, da família, da igreja. Quando um missionário parte, ele deixa na retaguarda muita gente comprometida com sua missão e com seu sustento,



gente que, de forma lateral, também “ouviu o seu chamado”.
(AMORESE, 2008)

Na experiência de campo, houve casos de missionários que relataram não possuir mais vínculo profundo com a igreja enviada e, quando ocorrem viagens de divulgação (em sua terra natal), apenas visitam a igreja enviada por causa do sentimento ético e da gratidão. Outros missionários já possuem sua membresia e supervisão na própria região onde servem, tendo-se distanciado um pouco da igreja enviada e se vinculado a uma comunidade de fé em sua nova região. Fatores fora do alcance do missionário também podem afetar essa relação: mudança de pastor-presidente, mudança na junta de missões, crises financeiras, administrativas e morais.

Esses são fatores que poderão causar esquecimento do missionário no campo ou esfriamento dessa relação, por isso torna-se importante verificar quais foram as mudanças recentes no cenário da igreja local que ajudaram a causar distanciamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto levantou importante reflexão com base nas referências teóricas e nas experiências vividas sobre o tema: supervisão e cuidado de missionários e obreiros.

Portanto, ao encontro do exposto, o envolvimento entre igreja e vocacionado depende de duas vias: a igreja enviada precisa ter uma visão robusta e sensível para não se desligar do missionário no campo, todavia também cabe ao missionário demandar tempo e esforços para ajudar sua igreja a atualizar sua visão na obra do Reino de Deus. Algumas perguntas objetivas para fazer ao missionário, no tocante a facilitar essa avaliação, são: “Como você se sente hoje em relação a sua igreja enviada?”, “Como você se sente em relação ao líder sênior da sua igreja enviada?”, “Sua igreja tem um envolvimento profundo de oração com você?”, “Sua igreja desenvolve consciente e planejadamente um projeto de cuidado ministerial com você?” Essas perguntas podem ajudar a iniciar um bom diálogo sobre a relação entre missionário e igreja enviada. Um missionário sem um forte envolvimento com sua igreja enviada ou uma igreja-mãe no campo pode estar em um ambiente de risco ministerial.

As Escrituras oferecem bases bíblicas claras de cuidado missionário para a prática entre igreja e vocacionado. Por fim, o artigo apresenta relatos e pontuações práticas sobre cuidado de missionários no campo. Diversos desses relatos levaram em consideração os quinze anos de experiência e serviço missionário na Amazônia brasileira.

O resultado destas reflexões não é esgotar o tema, mas colaborar com um assunto tão sensível referente ao cuidado dos obreiros em trabalho missionário ou autóctone, uma vez que também houve supervisão de obreiros da própria cultura plantando igreja entre seu próprio povo.



REFERÊNCIAS

- AMORESE, Ruben. Fábrica de missionários: nem leigo, nem santos. Viçosa - MG. Editora Ultimato, 2008.
- CARRIKER, Timóteo. Proclamando boas novas!: bases sólidas para o evangelismo. Brasília - DF. Editora Palavra, 2008.
- DANTAS, Elias. Ninguém Detém! Marcas espirituais de uma igreja saudável. Arapongas - PR. Editora Aleluia, 2014.
- HIEBERT, Paul G. O evangelho e a diversidade das culturas: um guia de antropologia missionária. São Paulo - SP. Editora Vida Nova, 1999.
- LIDÓRIO, Ronaldo. O evangelho: princípios, prática e contextualização. 6º Congresso Brasileiro de Missões. Caldas Novas – GO, p.79-82, 2011;
- PATE, Larry D. Missiologia: a missão transcultural da igreja. São Paulo - SP. Editora Vida, 1987.
- VALE, Igor de Sousa. Comunicação, Cultura e Desafios missionários na janela amazônica. Revista Summae Sapientiae, n. 1, ano 2021 -1º Semestre.
- VITALINO, Sérgio. Igreja missionária, igreja cuidadora: ajudando na tarefa de cuidar integralmente dos comissionados. 2ª Edição, Recife – PE, 2016.
- VAN DER MEER, Antonia L. Missionários feridos – como cuidar dos que servem. Viçosa – MG, Editora Ultimato, 2009.
- MESQUITA, Monica de. Missionários e Recursos – Parcerias do Reino de Deus. Venda Nova – MG. Editora Betânia, 2011.

REVERSE CULTURAL SHOCK AND RE-ENTRY OF MISSIONARY KIDS

CHOQUE CULTURAL REVERSO E REENTRADA DE CRIANÇAS MISSIONÁRIAS

Jessica Guimarães de Mesquita Buck Lage¹

ABSTRACT

In today's globalized world, many families are raising their children between cultures. Consequently, to understand better the process they are going through of not only going abroad but also many times repatriating, is essential for an awareness of challenges and possible coping approaches. Unfortunately, there is a lack of studies on re-entry, especially in Brazil, even though there exists a high number of expatriations works. The general objective of this work is to examine reentry process of Third Culture Kids who return to the home country of their parents for studies with a specific focus on Adult Third Cultural Kids (ATCKs) and Missionary Kids (MKs) who repatriated to Brazil to pursue a degree at university and now are already graduated adults still living in this country. The methodology used was a case study with two repatriated Brazilian ATCKs who were also MKs. Interviews were conducted with each one of them to analyze their repatriation process back to Brazil, including their challenges, perceptions, and cultural identity. The study identified the factors that made it difficult and the ones that contributed to their acculturation process and coping strategies development.

Keywords: third culture kid; missionary kid; reverse cultural shock.

RESUMO

No mundo globalizado de hoje, muitas famílias estão criando seus filhos entre culturas. Consequentemente, entender melhor o processo pelo qual eles estão passando, não apenas indo para o exterior, mas também muitas vezes repatriando, é essencial para uma conscientização dos desafios e possíveis abordagens de cópia. Infelizmente, há uma carência de estudos sobre reentrada, especialmente no Brasil, embora dentro de um alto número de trabalhos de expatriação. O objetivo geral deste trabalho é examinar o processo de reentrada de Crianças de Terceira Cultura que retornam ao país de origem de seus pais para estudos com foco específico em Crianças Adultas de Terceira Cultura (ATCKs) e Crianças Missionárias (MKs) que repatriaram para o Brasil para buscar um diploma na universidade e agora já são adultos formados que ainda

¹ Administradora com linha de formação em Comércio internacional, MBA em Gestão de Pessoas com especialização em Equipes Multiculturais. Certificada em Inteligência Intercultural e Mestranda em Estudos Interculturais. Membro de uma sociedade global de pesquisa, treinamento e educação intercultural. Atua há mais de 10 anos com equipes multiculturais, treinamento intercultural e recursos humanos. Já morou na Espanha, Inglaterra e Índia. Email: jessica.jmesquita@gmail.com

vivem neste país. A metodologia utilizada foi um estudo de caso com dois ATCKs brasileiros repatriados que também eram MKs. Foram realizadas entrevistas com cada um deles para analisar seu processo de repatriação de volta ao Brasil, incluindo seus desafios, percepções e identidade cultural. O estudo identificou os fatores que dificultaram e também aqueles que contribuíram para seu processo de aculturação e desenvolvimento de estratégias de “coping”.

Palavras-chave: criança de terceira cultura; criança missionária; choque cultural reverso.

INTRODUCTION

In today's globalized world, many families are raising their children between cultures. Consequently, understanding better the process of not only going abroad but also often repatriating is essential for awareness of challenges and possible coping approaches.

Unfortunately, there is a lack of studies on re-entry, especially in Brazil, even though there exists a high number of expatriation studies. Szkudlarek (2010) draws attention to the fact that even with several publications on expatriation, the topic of reentry is still highly forsaken although, at the same time, empirical investigations keep on raising concerns about the psychological well-being, social readjustment, and cultural identity of returnees and report their reentry difficulties, reflecting a gap in the available research on repatriation.

The general objective of this work is to examine the reentry process of Third Culture Kids who return to the home country of their parents for studies with a specific focus on Adult Third Cultural Kids (ATCKs) and Missionary Kids (MKs) who repatriated to Brazil to pursue a degree at university and now are already graduated adults still living in this country.

The methodology used was a case study with two repatriated Brazilian ATCKs who were also MKs. Interviews were conducted with each one of them to analyze their repatriation process back to Brazil, including their challenges, perceptions, and cultural identity. The study expects to identify the factors that made it difficult and the ones that contributed to their acculturation process and coping strategies development.

TCKs, ATCKSs AND MKS

“Where are you from?” for some people, this might be an easy question to answer, however for most TCKs (Third Culture Kids) it is not that simple. This expression was first conceived by Ruth Hill Useem, who is a US sociologist and anthropologist to represent children who spend most of their formative years in places that are not their parents' native country, and many of them relocate quite regularly. As stated by Pollock and Van Reken (2017), TCKs are raised in a ‘neither/not world. It is neither fully the world of their parents' culture (or cultures) nor fully the world of the other culture (or cultures) in which they were raised’ (p.4). Their contact with different nations, customs, and languages creates a whole new lifestyle and consequently creates in them some experiences

sometimes only possible to be shared with others having an equivalent way of life.

This population has been increasing in different fields, such as business expatriates, immigrants, refugees, missionaries, and others. These kids with time also grow old, hence with these experiences of living between cultures they are called ATCKs (Adult Third Culture Kids) or Adult TCKs and many of them are already in important positions in the international scenario (Hisano, 2015).

There are TCKs and ATCKs who are also MK (Missionary Kids), which means that their parents moved abroad specifically for religious purposes, and this MK identity continues independently of their age 'As TCKs and MKs mature to adulthood, their experiences as TCKs and MKs remain influential in their lives; they become adult TCKs and adult MKs. The MK label remains even in adulthood because of their MK experience during development.' (Martin, 2017, p.1)

Their lives of growing up cross-culturally generate a lot of consideration on topics such as identity and dealing with loss, common benefits and challenges from this experience that need to be considered by parents, organizations, and themselves, so all of them can be able to develop their many skills and to deal with difficulties. And one of the topics they face to be considered is regarding repatriation.

REVERSE CULTURAL SHOCK AND RE-ENTRY

Many people before going to live abroad are aware of the cultural shocks they will face while being in a different environment. Nevertheless, not so many are conscious of the reverse cultural shock when they are back to what once was called home. "Reverse Culture Shock is a term associated with the phenomenon of returning to one's home country and culture, after living in a foreign country" (Bolzani, 2017, p. 11).

Gullahorn and Gullahorn (1963) described the reverse culture shock W-Curve, including the excitement of being home, crisis or reverse cultural shock, adjustment process including the challenges of readjustment, and finally the adjustment. The middle stages – crisis and adjustment process – need special care, especially for TCKs coming to their home countries for studies, because in this life stage, they are still learning to deal with some actions and emotions, and most of them go without their parents who previously were there for them while facing another international move (Bredeman, 2015).

Cross-cultural re-entry is a stage that unfortunately is not given the necessary attention. As per Szkudlarek (2010), the problem of coming back home continues quite forsaken by scholars and by those responsible for the global process mobility of the ones between cultures, and although many publications report the challenges, there has not been much new research on the subject. Bolzani (2017) highlights 'The studies dealing with reentry transitions suggest that RCS is as powerful as culture shock and that it causes more turmoil than the demands of the initial cross-cultural adjustment' (p.12). Hence the TCKs must be aware and prepared in advance to be able to manage the entire process.



CHALLENGES AND PERCEPTIONS

A substantial number of MKs who had moved abroad because of their parent's missionary work, at college age need to return to their home country for higher studies. The cross-cultural experience directly impacts their repatriation process and cultural adjustment, in which they face difficulties and have perceptions in specific areas. For example, Bikos (2009) analysis of MK's repatriation, from their perspective, identified three main domains: adjusting to the home country, identity, personal growth, and support systems. Reflecting the challenges and the impact of each one of these in their experience.

Smith (2011) while investigating American TCK's repatriating process to the US to attend university, exploring their transition, feelings, and persistence to complete their degree identified some challenges of re-entry regarding: identity development, leaving, homesickness, unexpected shock, stages of transition, fitting in, establishing, forming relationships, learning the rules, preparation training, and university experience.

There is a process of continuity and change for these TCKs when they are back. Shaw (2000) analyses the continuity and change of Oxford Pakistani's lives while comparing with previous generations, finding that they had adopted an 'accommodation without assimilation'. As explained by Shaw (2000) 'They have demonstrated great resilience in adapting the structural and cultural resources at their disposal towards building and re-shaping their lives in Britain on their own terms.' (p.3). For TCK returnees this process might also happen, while readapting back to their parent's home country and learning new meanings, using that as an approach for their adaption process and continuity in the new environment and new times.

Additionally, they also develop different strategies, as non-passive, and smart contributors, to survive during re-entry. Cliggett (2005) when investigating an elderly group of women and men in a specific rural region in Zambia explains different strategies they have developed aiming at their well-being and the social systems that facilitate their abilities to survive in a context of vulnerability and insecurity. As Cliggett (2005) stated, the creativity with which they go about by just like that (gwaya gwaya bubwena obo) makes me see these people as active and intelligent participants' (p.164). In this regard, TCKs aside from developing coping skills, have and need social systems facilitating this process in a vulnerable and insecure environment. As reinforced by Bolzani (2017), the concept of social identity 'describes a certain sense of belonging, reflecting people's need to define themselves and others. This sense of belonging fulfills the human desire for solidarity, rapport, safety, or psychological comfort that comes from sharing things with other people.' (p.15). Hence this reinforces the intrinsic need to feel part of a social group.

CULTURAL IDENTITY

Brazil is known for many reasons. Football, Amazon forest, beaches, and others. The same Brazilian people are recognized worldwide for some of their characteristics, such as being loquacious, emotional, flexible, hospitable, unpleasantness avoiders, patriotic, group-oriented, and others (Lewis, 2005). Some cultural values might reflect some part of one's identity, nonetheless, they

do not reflect all the people living in the country, principally TCKs who grew up abroad and are back. They might look like locals, but they do not culturally identify themselves as so.

The Association of Brazilian Cross-Cultural Missions has researched Brazilian missionary force and one of the categories was regarding Brazilian Missionary Kids. One of the findings was that 39.9% of MKs analyzed identify more with Brazilian culture, 34% local culture, 20.9% school culture, 4.6% parents do not know, and 0.7% domestic culture (AMTB, 2022). This reality points to the difficulty of Brazilian TCK's understanding of their passport country and the future adaptation if they return to Brazil.

Brademan (2015) investigated missionary kid repatriation, and their perception of repatriation, current adjustment, and cultural adjustment based on the following topics: time since repatriation, time spent overseas, frequency and length of visits to the home country, contact with peers in the home country, friendships with other MKs, re-entry programs, family support and parent's location during repatriation. She acknowledged the opportunity children moving to different countries have, while they are growing up, to assimilate in their identity all these cultural experiences. However, defining oneself during this mobility can be hard, especially when they are back in their passport country by themselves.

Ha (2018) analyzed some identity issues for Korean MK returnees that could also apply to Brazilians: 'may face identity issues because they are strangers in their home country, have a weak sense of ethnic identity, and are culturally far from typical Koreans' (p.35). As Brazil has a collectivistic culture, group identity holds a high value, and this can be challenging for Brazilian TCK returnees who do not identify themselves with locals.

INTERVIEW SUMMARIES

A case study was conducted with two Brazilian ATCKs and MKs John (male) and Mary (female), who came back to Brazil at 17 and 20 years old respectively for university and who were still living in Brazil by the time of the research. John is married with a Brazilian woman and Mary is married to a Brazilian man.

They previously lived in Senegal for 10 to 15 years, where their parents went to work as missionaries, studied in an international school there, and were fluent in English, French, and Portuguese. Mary is also fluent in Spanish. The researcher knows John and Mary because their parents used to serve in the same missionary organization.

According to Yin (2005), the case study method empirically investigates a current event within its reality, especially when the milestones are not clear between the phenomenon and the context.

The study was conducted with two scheduled virtual interviews one with John and another with Mary, using cameras and open questions in the Portuguese language, aiming for an in-depth exploration of their profile and experiences, and an analysis of their re-entry process and re-adaptation. Each call took around 60 minutes. While interviewees were answering the questions, the interviewer was taking notes because interviews were not recorded. Nevertheless, there was a full engagement in the exchange. Questions were not shared previously.

There was a questionnaire of twenty-six open questions. Questions 1 to 6 referred to their time abroad, including the reason for moving, the type of schools they attended, how many years they lived overseas, which countries, how was the experience, and how they felt impacted by this experience. Questions 7 and 8 were about their description of their cultural identity and if they saw themselves as TCKs and why. Questions 9 to 26 were about the repatriation, including how they felt initially and how they feel not about repatriation, if the transition was more positive or negative and why, what went well, what challenges they faced, what they wish would have happened differently that would have helped their transition experience, the way they describe their coping skills during these years back in Brazil, the advice they would give to someone repatriating and finally how the following items influence their re-adaptation: family, friendships, cultural abilities, education, work, finance, emotional health, and physical health.

John Interview

John moved overseas because of the missionary work of his parents in Senegal. There before going to school, he did 3 months of French lessons with another missionary and then went to a Lebanese School, but he had to go back 2 years in his studies because he was not fluent in the language; he was there for 4 years. After that he went to a French School, for 3 years and then he went to a British boarding school which taught in English, but as they had people from different countries, they also had the option to study other languages. In his case he chose Portuguese, and he was there for 5 years. Finally, he went to another English school for his final year. He lived abroad for 10 years in Senegal. He said he enjoyed this experience and that he would not change it for anything. Even with all the difficulties, he had the opportunity to learn other languages and cultures, and as he was a child it was easier to adapt, but for his parents it was harder. He also mentioned that if he needs to move to another country now it will be easier for him because he already had this experience before. For him, overall, the experience impacted him more positively.

When questioned about his cultural identity, he said now he feels more Brazilian, and he didn't feel Senegalese, however, he mentioned that as he had contact with people from different countries, if he goes to another place he will be able to adapt and infiltrate in the culture more easily. He considers himself a TCK because he has the best of both worlds, he knows how to deal with the best and the worst as well.

It has been 9 years since he went back to Brazil. He returned because there were no universities in Senegal for him and universities in Brazil were the best option back then. Initially, he did not feel Brazilian, he had difficulties, not only with language, but also with new relationships and readapting to the culture. He said he was Brazilian, he could speak Brazilian Portuguese, he looked like Brazilian, and everybody expected Brazilian behaviors that he did not have. He was happy to be back in Brazil, to be closer to other relatives, but during the holidays he realized it was not what he thought it would be like. Nowadays, he feels good, he likes the culture and likes to be here. However, he feels that professionally, living abroad for him would be better.

His transition back to Brazil in the first year was positive because he was staying close to relatives, but after he had to go to the University, far from his

family, it was hard. Having a church was an immense help, but having to study to be accepted at university was a big challenge, as he was not fluent in Portuguese, and he had to study much more than the locals. He feels it would have been a lot easier if he would have studied at a university near to his relatives in Brazil. About the coping skills, he mentioned that during his whole life, he had to observe and learn as fast as possible to integrate and this helped him to readapt in Brazil. The problem, as mentioned by him, was that when you are doing this in another culture, they expect you to be a foreigner and make some mistakes, but in Brazil they expect you to behave totally like them. One piece of advice he would give to someone repatriating would be to not be afraid of creating new relationships and accepting the fact that you are different.

Family positively influenced him because he got closer to relatives, but he was still far from his parents, making it hard for him. He did not have many friendships, but there was a childhood friend who supported him, and turned into being his Brazilian cultural guide, but in the university life was difficult. Education was negative because in the Brazilian system, you need to study everything, not only the subjects you choose, and that was nerve-racking for him. Work was good because it gave him money to buy and do things. Financially in the beginning it was hard because he did not have money and most of his classmates were rich and he could not socialize or go out with them. His emotional health at university was very difficult, but when he met a Christian group at the university and a church, it improved. He never had health problems.

Mary Interview

Mary moved overseas because of the missionary work of her parents in Senegal. There, before going to school, she did 3 months of French lessons with another missionary and then went to a French School with locals from higher social classes. She was there for seven years. After that, she went to a British boarding school which taught in English, but with foreigners only. She lived abroad for 13 years in Senegal. She said that living abroad became normal for her, and she felt Senegal was her home, not Brazil. This experience for her was life-changing, she felt she would have been another person if it had not happened.

When questioned about her cultural identity, she said it was a puzzling question, because as she lived in a boarding school with seventeen different nationalities, she absorbed aspects from distinct cultures, so there is no specific culture she identifies with. For example, she used to share her room with a German colleague, and with her, she learned to be more direct in her communication if compared with Brazilians who are more indirect. She considers herself a TCK because she absorbed diverse cultures, there is not a specific culture she identifies with, and she grew up outside her parent's and passport culture.

It has been 6 years since she went back to Brazil. She wanted to go to the United States for her higher studies, however, it was expensive, hence for financial reasons she went to Brazil. Initially, it was difficult for her because she did not want to go back to Brazil, since she had never studied in Portuguese. Besides that, she did not identify with the culture. As she looked like a Brazilian people thought she was from here, but she did not feel this way, so she felt insecure and anxious. Nowadays, she feels more adapted but never totally, sometimes she still feels insecure.

Her transition back to Brazil was more positive. In Senegal she did not have much contact with her relatives, but in Brazil she was closer to them. Also, in Brazil, she met her husband, got married, was able to graduate, and got a job. The negative side was she did not much like the university environment, she had difficulties with the Portuguese language, still has, and in Brazil, she does not have much contact with other languages. According to her, their studies were not hard, because the international school she studied at in Senegal had a good education, and she was more prepared than other colleagues she had. Also, finding jobs was easier for her because she could speak different languages. Friendship was a challenge because people were different from her, and finding a church was also difficult. In the beginning, she missed Senegal and her friends a lot, she even thought about going back. One thing that she wished would have happened differently was choosing another school. She felt pressure to decide, and she was not prepared back then to take this decision. About the coping skills she mentioned that as she had to live in an international boarding school made it easier for her during her university years in Brazil living with people from unfamiliar cultures. Also, at the boarding school she had to learn to be independent with her homework and this helped her to be more responsible with her activities at university. One piece of advice she would give to someone repatriating would be to have a more positive view of things. In the beginning, she was negative, thinking she could never re-adapt, never have friends, and never graduate, but in the end, all went well.

Family positively influenced her, she did not know it, but she missed her relatives. Maybe if her parents were there it would have been easier. Regarding friendships, her sister-in-law supported her to navigate in the culture, and she also had another Brazilian TCK friend who had lived in Africa and returned to Brazil for studies by whom she felt understood. Besides that, she also went to camps and meetings with other missionary kids in Brazil and it was easier to make new friendships with them. Cultural abilities influenced negatively because she had studied previously in other languages, and positively because in Senegal she had lived the process of adapting to something new before. Education she had to adapt to the Brazilian way, for example, many times not delivering in advance homework and mostly collaborating with teams, not individually. Work was good because she was able to speak English and Spanish and with internships, she found a more international area to work in. Her emotional health was fine, as she already had to adapt to a new situation before. On physical health she never had problems.

ANALYSIS

Comparing the existing literature described previously and the data findings, there were some consistencies and inconsistencies.

Regarding TCK identity it confirms the definition from Pollock and Van Reken (2017) 'TCKs are raised in a neither/not world. It is neither fully the world of their parents' culture (or cultures) nor fully the world of the other culture (or cultures) in which they were raised' (p.4). As mentioned by John, he considers himself a TCK because he has the best of both worlds, and as mentioned by Mary, she considers herself a TCK because she absorbed distinct cultures, there is not a specific culture she identifies with. Besides that, when Mary mentioned

her TCK MK friend who understood what she was going through TCK MK camps and meetings where it was easier for her to make friendships feel supported by sharing the same experiences with others having an equivalent way of life.

In both experiences, we can see the reverse culture shock W-Curve from Gullahorn and Gullahorn (1963), including the initial excitement of being back home, crisis or reverse cultural shock, adjustment process including the challenges of readjustment, and finally the adjustment. John mentioning his experience in what would be the honeymoon, and the start of the crisis said he was happy to be back in Brazil, to be closer to other relatives, but after some time he realized it was not what he thought it would be, like it was during holidays when he was back. Mary mentioning some of the challenges of the readjustment process, said as she looked like a Brazilian, people thought she was from here, but she did not feel this way, she felt insecure and anxious. And finally, sharing about the readjustment John said now he feels like Brazilian and Mary said she feels more adapted.

On challenges and perceptions, it was possible to recognize some of the re-entry difficulties identified by Smith (2011) such as identity development, homesickness, unexpected shock, stages of transition, fitting in forming relationships, and university experience. John said initially, he did not feel Brazilian and had difficulties not only with language but also with new relationships and readapting to the culture. Besides all of this, education was negative because in the Brazilian system, you need to study everything, not only subjects you choose, but it was also nerve-racking for him. Mary mentioned that in the beginning, she missed Senegal and her friends a lot, she even thought about going back and that she did not like much the university environment, and she had difficulties with the Portuguese language. It is interesting to note the social systems that facilitated their abilities to survive in a context of vulnerability and insecurity (Cliggett, 2005). John stated that having a church was a very good thing for him and a Christian group at university and the church improved his emotional health. Mary expressed the importance of socializing with other missionary kids in camps and meetings and supported her in making friendships. On the accommodation without assimilation part (Shaw, 2000) it was possible to note resilience from to adapt using the available resources, however, John seems to feel more Brazilian than Mary. He stated that nowadays he feels more Brazilian, and she said she feels more adapted but never totally.

In cultural identity, as pointed out by Brademan (2015), they were able to assimilate into their identity the cultural experiences they had. John mentioned that as he had contact with people from different countries, if he goes to another place he will be able to adapt and infiltrate the culture more easily. And Mary said as she lived in a boarding school with seventeen different nationalities, she absorbed aspects from different cultures, there is not a specific culture she identifies with. For example, she used to share her room with a German colleague, and with her, she learned to be more direct in her communication if compared with Brazilians who are more indirect. Ha (2018) noted the feeling of being strange in the home country and being far from typical locals. John expressed that when you are doing this in another culture, they expect you to be a foreigner and make some mistakes, but in Brazil they expect you to behave totally like them. And Mary identifies with the culture. As she looked like a Brazilian people thought she was from here, but she did not feel like it.

FINAL CONSIDERATIONS

Through the research conducted, it was possible to examine the social reintegration process of Brazilian ATCKs (Adult Third Culture Kids) and MKs (Missionary Kids), who repatriated to Brazil in their youth to pursue a degree and are now adults who have graduated and still live in the country.

The research into the current literature on the subject and the analysis of the experience of the interviewees, John and Mary, when discussing their challenges, perceptions about the social reintegration process, and their cultural identity, made it possible to identify some of the factors that hindered the process and those that contributed to the development of acculturation and reproduction strategies.

This research identified issues regarding the psychological well-being of both interviewees. To varying degrees, they consider themselves psychologically healthy, which may be a strong indication that being a TCK and an ATCK is not necessarily something that causes significant emotional damage.

As for social readjustment, it was noted that several factors influence it, with emphasis on personal characteristics, temperament, and degrees of ease or difficulty in social interaction, among others. It is assumed, then, that each TCK or ATCK will have a different level in this regard.

According to the interviews, cultural identity may lean towards a greater identification with the culture of the passport country, or with the culture of the country where the TCK or ATCK lived for a period. Factors such as age of departure and re-entry, personal characteristics, and family structure have a considerable influence on this aspect.

Although expatriation is a very important topic, with many studies and publications already underway, although it requires further research, reverse culture shock and the re-entry of TCKs and ATCKs should spark comprehensive research and publications in the scientific community, as these are two topics with a broad scope and a considerable number of actors who left Brazil and then returned, in addition to those who will still go through this process. Studies, such as the one presented here, point to several reasons for further investigation.

This article paves the way for future research to focus on the process of emotional health, social reintegration, and cultural identity, specifically, about returned Brazilian ATCKs and MKs, since, up until the time of this research, it was not possible to find any specific article, dissertation or book on the subject, particularly in the context of Brazilian TCKs.

REFERENCES

BIKOS, Lynette H. et al. A consensual qualitative investigation into the repatriation experiences of young adult, missionary kids. **Mental Health, Religion and Culture**, v. 12, n. 7, p. 735-754, 2009.

BOLZANI, Claudia. **Coming HOME: Adaptation (or lack of) of a Brazilian Returnee**. 35 f. Dissertation – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Lato sensu Post Graduate Program in English Language, 2017.

CLIGGET, Lisa. **Grains from Grass: Aging, Gender, and Famine in Rural Africa.** 1st ed. Ithaca: Cornell University Press, 2005.

GULLAHORN, John T.; GULLAHORN, Jeanne E. An extension of the U-curve hypothesis. **Journal of Social Issues**, v. 19, n. 3, p. 33-47, 1963.

HA, Ok Kyung. **Re-Entry Challenges: Comparison and Contrasts Between Korean and American MKs.** Berrien Springs, MI: Andrews University, 2018.

HISANO, Yoko. **The narratives of adult third culture kids: cultural identity development and psychological support upon reentry to one's home country.** Northampton, MA: Smith College, 2015.

LEWIS, Richard D. **When Cultures Collide: Managing Successfully across Cultures.** 3rd ed. London: Nicholas Brealey Publishing, 2005.

MARTIN, Erin E. Adult Missionary Kids Reentry Into the United States After High School. **Journal of Cross-Cultural Family Studies**, v. 1, n. 15, art. 2, 2017.

POLLOCK, David C.; VAN REKEN, Ruth E.; POLLOCK, Michael V. **Third culture kids: Growing up among worlds.** 3rd ed. Boston, MA: Nicholas Brealey, 2017.

SHAW, Alison. **Kinship and continuity: Pakistani families in Britain.** 1st ed. London: Routledge, 2000.

SMITH, Virginia M. J. **Third Culture Kids: Transition and Persistence When Repatriating to Attend University.** Stillwater, OK: Oklahoma State University, 2011.

SZKUDLAREK, Betina. Reentry—A review of the literature. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 34, n. 1, p. 1-21, 2010.

YIN, Roberto K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos.** 2nd ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

AMTB – Associação de Missões Transculturais Brasileiras. **Relatório de Pesquisa da Força Missionária Brasileira.** São Paulo: AMTB, 2002.

APPENDIX

INTERVIEW QUESTIONNAIRE

1. Why did you live overseas?
2. What type of school(s) did you attend?
3. How many years you lived overseas?
4. Which country or countries you lived in overseas?
5. How was your experience like living abroad?
6. How do you feel this experience has impacted you?
7. How would you describe your cultural identity?

8. Do you see yourself as a "Third Culture Kid"? Why?
9. How long it has been since you returned to Brazil?
10. What was the reason for the return?
11. How did you initially feel about repatriating?
12. How do you now feel about repatriating?
13. Your transition back to Brazil was positive or negative? Why?
14. What went well?
15. What challenges did you face?
16. Your current adjustment to Brazil is positive or negative? Why?
17. What do you wish would have happened differently that would have helped your transition experience?
18. How would you describe your coping skills during these years?
19. What advice might you give to someone who is repatriating to attend university?
20. How have below items influenced your re-adaption in Brazil:
21. Family?
22. Friendships?
23. Cultural abilities?
24. Education?
25. Work?
26. Finance?
27. Emotional health?
28. Physical health?

Publique! Acesse o site www.rimi.org.br e acesse as informações para autores

Perguntas?

Escreva-nos: rimi.amide@gmail.com

← → ↻ rimi.org.br/missoes/information/authors ☆ ⬇️ 🌐 ⋮

RIMI
Revista Missionária de Teologia

Início / Informação para Autores

Informação para Autores

Interessado em submeter a esta revista? Por favor, leia o [último edital](#), e revise a página [Sobre a Revista](#) para acessar as políticas da revista, bem como as [Diretrizes para Autores](#). Os autores precisam se [registrar](#) na revista antes de enviar ou, se já estiverem registrados, podem simplesmente fazer o login e começar o processo de cinco etapas.

Idioma

- Español (España)
- English
- Português (Brasil)

Informações

- Para Leitores
- Para Autores
- Para Bibliotecários

Produzida pela Associação Missionária para Difusão do Evangelho

Platform & workflow by
OJS / PKP

PARA ONDE
NÃO HÁ
IGREJA.



NOSSA LOCALIZAÇÃO:

Chácara Yahveh
Shamah, Rodovia DF
250 Km 6,5
Região dos Lagos,
Sobradinho
CEP: 73.255-010
(depois do Paranoá e
do Itapoã)

Agende uma visita
pelo telefone:
(61) 9 9309-5411

 @missaoamide

 Tv Amide

QUEM SOMOS



A AMIDE é uma agência de fé e oração. Os nossos projetos estão alicerçados em um tripé de atuação: convivência do missionário no campo, tradução da Bíblia e desenvolvimento social. O objetivo é a plantação de uma igreja forte, bíblica, missionária e autóctone.



Com uma sede em Brasília e representações regionais espalhadas pelo Brasil, África e Ásia, a Amide tem procurado cumprir o desafio de despertar vocacionados, treiná-los e enviá-los aos campos, sempre em parceria com igrejas. Nosso alvo: levar a glória de Deus para onde não há igreja.

O QUE É O CEAM?

CEAM é uma escola de educação superior que procura atender às exigências legais para formação em nível de graduação e pós-graduação (especialização e mestrado) com ênfase em **Teologia e Missiologia** oferecendo ensino acadêmico e prático de qualidade. Nesse sentido, o CEAM possui parceria com instituições acadêmicas, **tanto nacionais quanto internacionais.**

O resultado dos nossos esforços tem **capacitado nossos alunos**, tanto na prática missionária, quanto na qualidade da pesquisa científica.

EDUCAÇÃO SUPERIOR



PRESENCIAL/EAD

Graduação

Mestrado



Pós-Graduação

Especialização/
Missiologia

